



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO INSTITUTO DE
HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
HUMANIDADES MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES - MIH**

ANA MARIA EUGÊNIO DA SILVA

**AS QUILOMBOLAS DO SÍTIO VEIGA E A DANÇA DE SÃO GONÇALO
EM QUIXADÁ – CE.**

REDENÇÃO, CEARÁ – BRASIL

2021

ANA MARIA EUGÊNIO DA SILVA

**AS QUILOMBOLAS DO SÍTIO VEIGA E A DANÇA DE SÃO GONÇALO
EM QUIXADÁ-CE.**

Dissertação submetida ao Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Humanidades (MIH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para obtenção de título de mestre.

Orientação: Prof^o. Dra. Larissa Oliveira e Gabarra

REDENÇÃO, CEARÁ – BRASIL

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Ana Maria Eugenio da.

S578q

As quilombolas do Sítio Veiga e a dança de São Gonçaloo em
Quixadá-Ce / Ana Maria Eugenio da Silva. - Redenção, 2021.
158f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades,
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Oliveira e Gabarra.

1. Matriarcas. 2. Quilombolas - Ceará. 3. Dança de São
Gonçalo. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 305.896

ANA MARIA EUGENIO DA SILVA

**AS QUILOMBOLAS DO SÍTIO VEIGA E A DANÇA DE SÃO GONÇALO
EM QUIXADÁ-CE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós- Graduação Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Humanidades

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Oliveira e Gabarra

Coorientador: Prof. Dr. Arilson dos Santos Gomes

Aprovado em: 30/07/2021

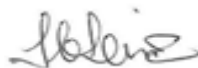
BANCA EXAMINADORA PARA A DEFESA



Prof. Dr. Larissa Oliveira e Gabarra
Presidente



Prof. Dr. Arilson dos Santos Gomes
Examinador Interno



Profa. Dra. Ivan Costa Lima
Examinador Externo ao Programa



Profa. Dra. Joalice Santos Conceição
Examinadora Externa ao Programa



Profa. Dra. Cristiane Sousa da Silva
Examinadora Externa a Instituição

*À mulher mais importante de minha vida,
Socorro Eugenio (in memoriam), e às
mulheres do campo, das águas, das
florestas e das periferias que lutaram pelos
meus/nossos direitos antes de mim.*

AGRADECIMENTOS

ÁRVORE GENEALÓGICA

Uma árvore!

*Um tronco velho, uma velha matriarca
que gera novos ciclos, movimentos, vidas
e novas matriarcas para outras gerações.*

Maria Fernandes, Maria José,

Maria Luzia Ribeiro,

Maria do Socorro, Maria Marfiza.

Trata-se das famílias troncos:

os conhecidos como os Rosenos

e os conhecidos como os Bá.

*Agora são várias árvores para proteger
nossos troncos velhos.*

Uma árvore que dá frutos, quantos frutos!

(Tainara Eugenio, Abril de 2020).

A felicidade não cabe em mim ao escrever o quanto sou grata a todas, todes e todos por contribuírem para ampliar meus conhecimentos ao longo destas escritas para o mestrado. Falar sobre a Dança de São Gonçalo, sobre as famílias quilombolas e do entorno, sobre os conhecimentos repassados pelas matriarcas do território quilombola do Sítio Veiga sempre foi um desejo meu. Registrar através da escrita, partindo do olhar de dentro da porteira, o quanto as experiências de nossas/os ancestrais são importantes para a manutenção de nossas vidas, e de como nossos corpos são atravessados por essa manifestação cultural de devoção à São Gonçalo, me deixa bastante orgulhosa.

No instante em que escrevo estas páginas, diversas lembranças tomam conta do meu eu. Essas viagens no tempo, através das memórias das mulheres matriarcas do meu Quilombo e de suas trajetórias, permeiam o nosso viver ao longo da história, e enriqueceram este trabalho, como também alimentaram os debates e discussões acadêmicas tão importantes e necessárias para a construção desta dissertação. Por diversas vezes fui acometida por sentimentos de medo, de angústia, de revolta, de resistência e de resiliência, que me fizeram refletir o quão difícil é produzir conhecimento sobre os moldes que a academia exige, sobretudo quando se trata de nós, mulheres quilombolas pretas, desobedecer faz-se necessário. E é por isso que cá estou, partilhando um pouco dos saberes apreciados pela vivência com minhas mais velhas e minhas mais novas. Por isso, serei eternamente grata pelas oportunidades que me foram

ofertadas nesta caminhada, agradeço imensamente as forças superiores que transcendem todos os nossos entendimentos e compreensões e que nos impulsionam a seguir lutando e resistindo, rumo a uma sociedade justa e igualitária.

Agradeço à minha mãe, Maria do Socorro Eugenio (in memoriam), por me oportunizar chegar até aqui, pela sua força e dedicação, e pelos ensinamentos que me instigaram a seguir adiante. Agradeço também ao meu pai, José Lourenço da Silva (in memoriam) que, com muita dificuldade, conseguiu botar comida em nossa mesa para alimentar toda a família, e pelas histórias contadas nas debulhas de feijão e debaixo do alpendre. Foram tantos momentos que fizeram meu peito transbordar de saudade. O vasto conhecimento sobre a vida que vocês compartilharam comigo, todos os aprendizados, guardarei, levarei e compartilharei enquanto viver, pois é para isso que serve o conhecimento, para compartilhar.

À minha família de laços uterinos, irmãs e irmãos, Alzenir Silva, Terezinha Eugenio, Francisca Helena, Antonio Carlos, Francisco Celio, Paulo Cesar, Manoel Claudio, Francisco de Assis, Francisco Antonio. Às sobrinhas e sobrinhos Tainara Eugenio, Ana Carla, Tais Ferreira, Geniton Silva. À minha filha e ao meu filho: Radlei Eugenio e Michael Eugenio. À estas e estes que me acompanham em todos os momentos, ora de tristeza, ora de alegria, e que foram e continuam sendo fundamentais para minha caminhada, tenho gratidão, pois todas e todos que compõem as famílias “Eugenio” e os “Rosenos”, são parte de mim.

Às matriarcas e dançadeiras de São Gonçalo do Quilombo Sítio Veiga, (in memoriam), Mãe Véia, Mãe Luzia, madinha Nitor, Mãe Rita, Santana Roseno, Dona Baia, madinha Nena, cumade Zita, tia Luzia e Socorro Eugenio, que hoje cantam e dançam São Gonçalo com São Gonçalo, no andar de cima, juntas de toda a nossa ancestralidade.

À minha parceira de dança, do café com macaxeira e de tantos outros momentos vivenciados dentro e fora do Quilombo, Rosimeire Maciel da Silva, ao qual tenho como minha irmã de sangue. Às demais dançadeiras e dançadores de São Gonçalo que compõem o grupo, que tanto aprendo e me possibilitaram escrever sobre nós a partir de nossas vivências compartilhadas dentro e fora do território quilombola do Veiga: Terezinha Roseno, Celene Silva, Rita Maria, Lucimar Maciel, Terezinha Eugenio, Jaqueline Rodrigues, Geiciele Campos, Tainara Eugenio, Bruna Ribeiro, Norma Silva, Raimundinha Batista, Edilene Cordeiro, Francisca Eliene, Antonio Osvaldo, Mestre Joaquim Ferreira, e a própria pesquisadora.

Às famílias quilombolas do Sítio Veiga que são também minha família, que me fortalecem e animam a lutar pela garantia de nossos direitos, muito do que sei, aprendi com vocês nos diversos momentos em que nos reunimos, seja nos festejos de São Gonçalo, de Santa

Luzia e de São João Batista, seja nas rodas de conversas tomando café, comendo mugunzá e nos quintais. Todos esses momentos estão vivos e atuantes em minhas lembranças e muito contribuíram com essa pesquisa.

Ao movimento Quilombola: Associação dos Remanescentes de Quilombolas do Sítio Veiga, na pessoa de Alzenir Ferreira, presidenta da associação, que contribui muito com as informações sobre a história das famílias quilombolas do Veiga e da Comissão Estadual dos Quilombolas do Ceará. À Marleide Santos, Cristina quilombola, Aurila da Silva, Renato Baiano, Jeovane Santos, João do Cumbe, Francisco Evandro, Antonio da Silva e a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), que tem como objetivo lutar pela garantia/posse definitiva de nossos territórios e as condições de permanecer nele, nos âmbitos, social, político, econômico e cultural, com ênfase nas nossas singularidades. Sua atuação nos fortalece e nos anima a seguir trilhando os caminhos de Palmares, com Dandara, Aqualtune, Tereza de Benguela, Ganga Zumba, Zumbi, e por fim, aos povos quilombolas de todos os territórios que estão lutando pela a posse definitiva de nossos territórios.

Às/aos camaradas de luta do campo, das águas, das florestas e das periferias que me ajudaram a enfrentar obstáculos, superar barreiras, produzir conhecimentos juntas, juntos e juntos. Entendo cada vez mais que a nossa produção é coletiva, pois é feita por diversas mãos, e é por isso que precisamos partilhar nossos saberes, assim sendo gratidão a: Geyse Anne, Marcia Paraiso, Fernanda Cunha, Borboleta, Ednir Maciel, Willame, Thiago Galvino, Eliaquim, Eduardo Teodozio, Ana Cláudia, Larissa Rodrigues, Antonio da Silva, Dulcineide da Silva.

Ao Movimento Negro Unificado, na pessoa da professora Dr^a. Cristiane Sousa da Silva, ao qual tenho muito apreço e que me encorajou a continuar nas trilhas da universidade, na produção dos conhecimentos, e a entrar no mestrado, a ser mestra.

Agradeço também as educadoras e educadores que contribuíram no meu processo de ensino aprendizagem, desde a educação básica ao ensino superior. Foram graças a estas e estes que me tornei uma pessoa comprometida com a classe trabalhadora.

À minha orientadora, professora Dr^a. Larissa Oliveira e Gabarra, que mesmo diante de todos os desafios impostos, seja de ordem pessoal ou social como os lutos e a pandemia, soube suavizar minhas angústias e medos apontando caminhos para continuar esta dissertação.

Ao meu coorientador, professor Dr^a. Arilson dos Santos Gomes, que me instigou a buscar mais e mais, a mergulhar em águas profundas e ao retornar, minha visão é outra, vejo para além da água.

As/os camaradas da banca: prof^a. Dr^a. Joanice Santos Conceição, prof^a. Dr^a. Cristiane Sousa da Silva, e ao meu querido professor Dr^a. Ivan Costa Lima, gratidão por fazerem parte de minha banca, ser avaliada por pretas e pretos comprometidos com a causa, a nossa causa é uma grande honra.

Por fim, agradeço com o coração repleto de felicidades à minha querida e amada UNILAB, nas pessoas de Profa. Dra. Eliane Costa Santos, e Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa, por suas trajetórias de luta e pelas suas contribuições na construção do edital específico para indígenas e quilombolas, que mais tarde culminou nas políticas de ações afirmativas a este público nesta universidade, e por contribuir com minha identidade, na produção do conhecimento, alimentando minha luta na defesa das universidades públicas de qualidade para o povo do campo, das águas, das periferias, e das florestas. A educação é um direito nosso e dever do estado, NUNCA deve ser entendida como gasto, mas sim como investimento! Obrigada, minha querida UNILAB.

RESUMO

Esta pesquisa é fruto de um trabalho acerca dos conhecimentos ancestrais das mulheres quilombolas do Sítio Veiga, Quixadá-CE. A referida buscou trazer reflexões sobre a contribuição no fortalecimento identitário das mulheres quilombolas, através das matriarcas Mãe Veia, Maria Luzia, Socorro Eugenio e a pesquisadora da presente pesquisa, pois sou a quinta geração dessas mulheres e ocupo o lugar que elas me concederam, tendo em vista as lutas e resistências para a manutenção da vida no território quilombola. Nesse trabalho será utilizado o método autobiográfico, esse mesmo que me coloca como fonte protagonista da minha própria pesquisa, pois permite compreender com mais precisão como as quilombolas, por meio de suas próprias narrativas, expressam os valores, sentidos e significados da vida cotidiana. Tendo como base a existência de uma linguagem subjetiva representada nessas narrativas, foi possível entendê-las no diálogo com Goldenberg (2004), Minayo, (2001). Esse processo de reconhecimento dos saberes ancestrais via oralidade, passa por mim, mas também pelo trabalho de interlocução com minhas mais velhas e minhas mais novas, além de todo material bibliográfico e documental. Compreende-se que o território quilombola é o espaço relevante para a manutenção social, econômico, político e cultural, destes povos. É sobre este chão que acontece a Dança de São Gonçalo, repleta de rituais como: o ritmo, a música, a corporeidade, as promessas, o ato. A singularidade dos sujeitos e sua contribuição nos rituais sagrados para fortalecimento da identidade estão nos relatos vivenciados. Entende-se, que as narrativas das matriarcas estão permeadas de experiências, possibilitando uma pesquisa sobre a realidade das mulheres quilombolas do Sítio Veiga. A pesquisa possibilitou conhecer a história das mulheres do Veiga; a relevância das matriarcas para manutenção dos saberes e sabores, no âmbito social, político, econômico e cultural do Quilombo Veiga e do entorno; o território como espaço sagrado e a Dança de São como fonte de luta, resistência e resiliência das famílias quilombolas.

Palavras - Chaves: Matriarcas. Quilombo. Território. Dança de São Gonçalo.

ABSTRACT

This research is the result of work on the ancestral knowledge of quilombola women from Sítio Veiga, Quixadá-Ce. The aforementioned sought to bring reflections on the contribution to strengthening the identity of quilombola women, through matriarchs Mãe Véia, Maria Luzia, Socorro Eugenio and the researcher of this research, as I am the fifth generation of these women and occupy the place they gave me, having in view of the struggles and resistance to the maintenance of life in the quilombola territory. The guiding thread of the work is the autobiographical method, which makes me the protagonist of my own research, as it allows me to understand more precisely how quilombolas, through their own narratives, express the values, senses and meanings of everyday life. Based on the experiences expressed through subjective language, it was possible to understand them in the dialogue with Goldenberg (2004), Minayo, (2001). This process of recognition of ancestral knowledge via orality passes through me, but also through the work of interlocution with my older and younger ones, in addition to all bibliographic and documental material. It is understood that the quilombola Territory is the relevant space for the social, economic, political and cultural maintenance of these peoples. It is on this floor that the São Gonçalo Dance takes place, full of rituals such as: rhythm, music, corporeality, promises, the act. The uniqueness of the subjects and their contribution to sacred rituals to strengthen their identity are in the lived reports. It is understood that the matriarchs' narratives are permeated with experiences, enabling a research on the reality of quilombola women in Sítio Veiga. The research made it possible to know the history of the women of Veiga; the company of matriarchs for the maintenance of knowledge and flavors in the social, political, economic and cultural spheres of Quilombo Veiga and its surroundings; the territory as a sacred space and the Dance of São as a source of struggle, resistance and resilience for quilombola families.

Keywords: Matriarchs. Quilombo. Territory. São Gonçalo Dance.

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
CEB's	Comunidade Eclesial de Base
CEQUIRCE	Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CONAQ	Coordenao Nacional de Articulao de Quilombos
CPT	Comissão Pastoral da Terra
EEF	Escola de Ensino Fundamental
EFA	Escola Família Agrícola
Etnodoc	Edital de Apoio  Produo de Documentários Etnográficos sobre o Patrimnio Cultural Imaterial
FCP	Fundao Cultural Palmares
FECLESC	Faculdade de Educao Ciências e Letras do Sertão Central
FHC	Fernando Henrique Cardoso
GT	Grupo de Trabalho
IAC	Instituto Antônio Conselheiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICEM	Instituto Cultura em Movimento
IFCE	Instituto Federal de Ciências e Tecnologias do Ceará
IJRB	Instituto Jovens Rurais do Brasil
INCRA	Instituto Nacional de Colonizao e Reforma Agrária
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educao Nacional
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais +
MNU	Movimento Negro Unificado
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento Sem-Terra
OBAS	Organizao Barreiras Amigo Solidário
OIT	Organizao Internacional do Trabalho
OMS	Organizao Mundial de Saúde
ONU	Organizao das Nações Unidas
P1+2	Programa 1 Terra e 2 guas
P1MC	Programa 1 Milhão de Cisternas

PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PAN	Projetos Agrupamentos Negros
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNSIPN	Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PSB	Partido Social Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
SDA	Secretaria do Desenvolvimento Agrário
SECULT	Secretaria de Cultura do Estado do Ceará
SEPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira
CONSEA	Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional
SISAN	Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jantar comunitário, ajuntamento de panelas na semana da Consciência Negra. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá, Ceará. Fonte: da autora, 2013.....	42
Figura 2: Mapa de Quixadá ao Quilombo Sítio Veiga, Ceará. Fonte: Google Maps, 2021.....	50
Figura 3: Cartaz de Divulgação da VII Semana da Consciência Negra do Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Arquivo da comunidade, 2017.....	52
Figura 4: Território Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - Ceará. Fonte: Google Maps, 2021.....	53
Figura 5: Quintal produtivo no Quilombo Sítio Veiga. Fonte: Rosemeire Maciel, 2021.....	56
Figura 6: Debulha do milho vermelho para sementes selecionadas para plantio no Sítio Veiga, Quixadá- CE. Fonte: Arquivo da Comunidade do Quilombo Sítio Veiga.....	70
Figura 7: Secagem do feijão para o processo da debulhar Sítio Veiga, Quixadá- CE. Fonte: Arquivo da Comunidade do Quilombo Sítio Veiga.....	70
Figura 8: Chegada das Dançadeiras e Dançadores na Barraca do local onde acontece a Dança de São Gonçalo do Quilombo Sítio Veiga, Quixadá- CE. Fonte: Arquivo da Comunidade do Quilombo Sítio Veiga.....	74
Figura 9: Maria Luzia Ribeiro, conhecida como Mãe Luzia, a Parteira. Fonte: Arquivo do Mestre Joaquim (sem data). Quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE.....	82
Figura 10: Foto de Mãe Luzia e Raimundo Bá, e do bule de barro utilizado para servir o café durante os festejos e comemorações, Quilombo Sítio Veiga, Quixadá- CE. Fonte: Arquivo da Autora, 2019.....	85
Figura 11: Declaração para aposentadoria da Professora Quilombola Maria do Socorro Eugenio da silva. Distrito Dom Maurício, Quixadá - CE. Fonte: Acervo da autora, 1995.....	89
Figura 12: Escola de 1º Grau José Pereira de Sousa, Sítio Veiga, 11 de outubro de 1991, como mostra no quadro escrito a giz com a letra de minha mãe, Socorro Bá. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Arquivo da família, 1991.....	91
Figura 13: A mestra Socorro na reunião de mãe e pais dos alunos, onde os alunos acolhem as/os mães/pais apresentando Drama. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Arquivo da família, 1999.....	92
Figura 14: Pai recebendo certificado de alfabetização de jovens e adultos das mãos da ex-aluna da Escola José Pereira de Sousa sob a tutela da mestra Socorro Bá. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Acervo familiar da autora, 2000.....	93
Figura 15: Certificado de Professoras Leigas pertencente a Maria do Socorro Eugenio. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.....	103
Figura 16: Os pés das mulheres descalços sobre o chão e a relação com a terra. Arquivo da comunidade, 2020.....	114
Figura 17: Barraca ornamentada para a festividade da Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: João Marcos Nunes Caetano, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento. Realização do Instituto Jovens Rurais do Brasil (IJRB) e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	117

- Figura 18: Barraca ornamentada com banners, bandeirinhas e palhas de coqueiro catolé para a Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Elen Beatriz Gomes de Andrade, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020..... 118
- Figura 19: Enfeite de São Gonçalo, nosso Santo de devoção. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Mayara Albuquerque da Cruz, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020..... 119
- Figura 20: O cuidado capilar no embelezamento para a Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020..... 120
- Figura 21: A partilha das afetividades das mulheres enaltecendo a estética negra para a Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: João Marcos Nunes de Sousa, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020..... 120
- Figura 22: Mestre Joaquim enfeitado para o início da festa de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Geyse Anne Silva, 2020..... 121
- Figura 23: Violeiro e dançador enfeitado para a festa de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Ellen Beatriz Gomes de Andrade, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020..... 122
- Figura 24: Maria Rita, conhecida como Mãe Rita, e seu bisneto. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE. Fonte: Arquivo do Mestre Joaquim (sem data). Quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE..... 123
- Figura 25: Tronco Eugênio e Tronco Roseno em pose para foto do filme “Eu, Semente” de Márcia Paraíso. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Márcia Paraíso, através do projeto 70 Olhares Sobre Direitos Humanos, 2019..... 124
- Figura 26: Início do Cortejo da festa de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Mayara Albuquerque da Cruz, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020..... 125
- Figura 27: Pagamento de promessa em agradecimento à cura de Câncer de mama de Ana Eugênia. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Acervo pessoal da autora, novembro de 2017..... 126
- Figura 28: Chegada à Barraca no terreiro de Mãe Rita no Quilombo Sítio Veiga. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: João Marcos Nunes Caetano, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020..... 128
- Figura 29: São Gonçalo é posto no Altar, para iniciar o ritual da Dança no Quilombo Sítio Veiga. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Elen Beatriz Gomes de Andrade, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020..... 129
- Figura 30: São Gonçalo é posto no Altar, e inicia-se o ritual da Dança no Quilombo Sítio Veiga. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020..... 130
- Figura 31: Os cantadores, dançadores e tocadores de São Gonçalo e seus instrumentos, Mestre e Violeiro. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Mayara Albuquerque da Cruz, Projeto Mulheres Negras em

Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	131
Figura 32: As sementes usadas para a contagem das Jornadas da Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: da autora, 2017.....	132
Figura 33: O toque dos pés das dançadeiras com a mãe terra na Dança de São Gonçalo, no Quilombo Sítio Veiga. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Elen Beatriz Gomes de Andrade, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	133
Figura 34: A conexão das mulheres descalças e dos homens calçados, dançando, cantando e encantando São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Mayara Albuquerque da Cruz, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	134
Figura 35: Saudação inicial à São Gonçalo posto no Altar. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	135
Figura 36: Saudação entre as mulheres na dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: João Marcos Nunes Caetano, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	135
Figura 37: A mística nos agradecimentos e pedidos das dançadeiras à São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	136
Figura 38: Os pares de guias, contraguias e garupas nos cordões Rosa e Azul da Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa. Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	140
Figura 39: Cordão rosa, com a guias, contraguias e garupas da Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Mayara Albuquerque da Cruz, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	142
Figura 40: Trancelim de seis na Dança de São Gonçalo do Quilombo Sítio Veiga. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	144
Figura 41: Encontro de foliões e dançadeiras. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: da autora, 2013.....	145
Figura 42: O Quilombo como um espaço ancestral de ensino-aprendizagem através da Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: João Marcos Nunes Caetano, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	146
Figura 43: As crianças apreciando e aprendendo a história do Quilombo Sítio Veiga e suas tradições na festa de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Mayara Albuquerque da Cruz, Fonte: Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.....	146

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. UMA ESCOLHA DE DENTRO DA PORTEIRA	33
1.1. Do Quilombo para a Ciência	33
1.2. Eu, Elas, Nós	38
2. O QUILOMBO SÍTIO VEIGA: TERRITÓRIO ANCESTRAL	46
2.1. Quem Somos, Onde Estamos	49
2.2. Luta e Resistência Quilombolas no Brasil	57
2.3. O quilombo que Habita em Nós	69
2.4. As Mulheres que Habitam o Quilombo	75
3. PERCURSO DAS MATRIARCAS DO SÍTIO VEIGA	78
3.1. Mão Veia: A Pedra Fundamental	80
3.2. Mãe Luzia: A Parteira	81
3.3. Madinha Socorro: A Mestra	86
3.4. Os caminhos para a implementação da educação escolar quilombola	98
4. OS CAMINHOS DA DANÇA DE SÃO GONÇALO	108
4.1. Os Detalhes que se Entre-dançam	110
4.2. O Cortejo Ancestral: da Mãe Veia à Mãe Rita	122
4.3. Doze Mulheres, Dois Homens, Doze Sementes	129
4.4. A Música, a Dança e as Mulheres	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	152

INTRODUÇÃO

LINHAGEM MATRILINEAR

*Eu sou uma linhagem sagrada.
Um solo sagrado, um corpo sagrado,
Um território sagrado.
Um ser diverso, complexo e até revoltado
Com as injustiças a esse corpo endereçado.*

*Eu sou Tainara Eugenio, filha de tantas mulheres
Filha de Maria Luzia parteira
Socorro Eugenio, professora
Ana Maria liderança comunitária
Terezinha Maria, minha mãe de barriga.*

*Eu sou uma menina
Apenas uma jovem mulher
Concebida a partir das vozes mulheres
Que em mim vivem,
de Pretas, quilombolas, agricultoras, professoras, lideranças. Mães
Que me pariram em uma sociedade que caminha
Contra a diversidade.*

*Eu sou tradição
Mesmo com toda opressão
Não vou desistir!
Vou resistir para existir. Pelas vozes mulheres que em mim vivem
Não posso parar!
Talvez eu consiga passar dos 80 tiros
Sem a bala encontrar o meu corpo.
(TAINARA EUGENIO, 2020)*

A busca incessante pelo conhecimento sempre foi e continua a ser uma peça fundante da cultura humana (FRIGOTTO, 2008), é através das manifestações culturais de um povo que podemos ter acesso a muitos de seus conhecimentos. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar os conhecimentos ancestrais no processo identitário e organizativo das mulheres quilombolas do Sítio Veiga e da Dança de São Gonçalo, Quixadá-Ceará. Estes conhecimentos ancestrais contribuíram e ainda contribuem para nosso processo de identidade quilombola, enquanto mulheres de existência e de resistência.

É com base nessas vivências que as mulheres quilombolas se organizam e produzem seus costumes. Assim, é necessário o diálogo entre os saberes ancestrais e a academia, objetivando estratégias emancipatórias, ainda que estas atuem de maneiras distintas. Perceber a reprodução dos modos de vida e dos processos de resistência do quilombo Sítio Veiga, através

da dança de São Gonçalo, é uma forma privilegiada de experimentar e investigar os saberes e fazeres dessa população.

Neste sentido, o estudo traz a importância dos conhecimentos das mulheres quilombolas na perpetuação e fortalecimento identitário e cultural do Quilombo Sítio Veiga, como a dança de São Gonçalo, os saberes acerca da terra, das plantas, dos animais, da vida das famílias quilombolas. Estas últimas são guardiãs dos saberes da floresta e do vasto passado cultural de seu povo. E este caminho se faz por via da oralidade, pois estes conhecimentos são transmitidos através das gerações. As protagonistas deste trabalho são as matriarcas do Quilombo Sítio Veiga, através de suas vivências, com ênfase na singularidade desta população, e da própria pesquisadora que está imersa neste contexto, com seu olhar de dentro da “porteira” – expressão essa utilizada para afirmar e reafirmar que ninguém melhor do que nós para falarmos sobre nós –, esse olhar de dentro da porteira nos possibilita uma maior aproximação com a realidade, pois estamos dentro do Quilombo construindo diariamente o saber-viver e o saber-fazer. Estes saberes-fazeres são transmitidos pelas gerações, por meio de nossa ancestralidade. “[...] se a história é nossa, deixa que a gente conta”. (DEALDINA, 2020, p.14).

Esta dissertação procura dialogar com teóricas/os quilombolas e não-quilombolas, brasileiras/os e não brasileiras, para fins de correlacionar a produção existente dentro do quilombo com os processos epistemológicos da humanidade, visto que, mesmo estando em espaços geográfico diferentes, nós somos todas atravessadas pela colonialidade. Algumas dessas teóricas/os, como bell hooks, Angela Davis, Grada Kilomba, Chimamanda Adichie, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Lubi Prates, Selma dos Santos Dealdina, Nilma Lino Gomes, Cristiane Souza, Marleide do Nascimento, e nós mulheres do ontem e do hoje do Quilombo Sítio Veiga, somos todas atravessadas por questões de raça, gênero e classe, mesmo estando em territórios distintos. As epistemologias produzidas por todas nós mulheres negras e quilombolas nos impulsionam a compreender e enfrentar as dinâmicas do poder colonial racista que assola os nossos corpos e nossa comunidade.

As matriarcas quilombolas do Sítio Veiga produzem uma epistemologia que está presente nas práticas cotidianas da população do campo, das águas, das florestas, nas periferias, mas também em outros espaços sociais próprios de outras populações como LGBTQIA+

(Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Interssexuais, Assexuais +). Assim, essas matriarcas representam as Marias¹ e Marielles².

Nessa esteira, não há como negar os processos de lutas e resistências vivenciadas pelas famílias quilombolas do Sítio Veiga, com ênfase nas experiências vividas das mulheres que exercem o papel de lideranças. Desde os anos de 1906, quando chegaram os primeiros troncos velhos³, vindos de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, estas/es trouxeram consigo múltiplos conhecimentos acerca da diversidade de plantas, das sementes crioulas, dos animais e da terra e da dança de São Gonçalo. Suas contribuições perduram até hoje na vida social, econômica, política e cultural das famílias quilombolas do Sítio Veiga.

A partir dessa formulação, traz-se uma abordagem acerca dos conhecimentos ancestrais e dos rituais sagrados contidos na dança de São Gonçalo, da coleta de alimentos para o almoço comunitário no dia do festejo, das doze jornadas e das doze sementes, dos pés descalços, das posições na dança, da barraca e dos foliões. Os rituais citados acima foram absorvidos por meio das gerações anteriores de forma oral e são vividos e repassados para as próximas gerações. Assim, por meio da ancestralidade no território quilombola Sítio Veiga:

Ancestral é o que foi, o que é, e o que ainda será. Reconhecer o que é ancestralidade te permite saber de onde você veio e como chegou até aqui. É muito importante para compreender e pacificar algumas formas de sentir que nos foram negadas e, ao mesmo tempo, desconstruir outras que nos foram e ainda são impostas (PORTAL GELEDÉS. **Direito à Ancestralidade**, 2018).

Assim sendo, se destaca entre tantas mulheres do quilombo, Maria Fernandes, conhecida como Mãe Véia, que, foi a primeira quilombola a firmar os pés sobre o território do quilombo, no início do século XX, e entre todos os conhecimentos supracitados, teve sua

¹ São as diversas mulheres negras do campo e da cidade que fizeram e fazem de seus/nossos territórios o um espaço ancestral de múltiplos conhecimentos e resistências.

² Marielle Franco, mulher negra, periférica, mãe, vereadora pelo (PSOL) e símbolo de luta no combate ao racismo, a violência política contra as mulheres negras, LGBTQIA +. De acordo com o site Geledés: "Os quatro tiros ecoaram fortes e secos. Talvez houvesse um silenciador na arma, como especulou umas das testemunhas que assistiu a apenas 10 metros a execução da vereadora do (PSOL) e do motorista Anderson Gomes na noite de 14 de março de 2018. Acreditavam mesmo que iriam silenciá-la para sempre, mas a morte da negra, lésbica e favelada a transformou em um símbolo Internacional contra a opressão racial, de gênero, contra violência policial, Marielle se tornou um ícone para todas as mulheres e a comunidade LGBTQIA+ do globo.[...]"(<<https://www.geledes.org.br/marielle-franco/>> Acesso em 03 de julho de 2021)

³ Autopercepção identitária de um grupo enquanto descendente, ou remanescente, termo mais usual, embora não melhor, se dá a partir do próprio grupo, na de suas raízes, de seus troncos velhos, dos quais são os galhos, os ramos. Ramos impregnado de historicidade de práticas culturais, de sentimentos, de uma relação com a terra que lhes permite, seja negro, misturado ou alvamento, percebe-se quilombola. [...] (FUNES, p.40,199).

contribuição, sobretudo na dança, pois essa era a principal responsável e guardiã da dança, exercendo o papel de guia⁴, como ela mesma cantava:

*Oh guias e contra-guias, (bis)
no cantar tenha cuidado (bis)
Não acho ser de acerto, (bis)
dançar o santo calado (bis)⁵
(trecho de cantiga à São Gonçalo)*

Mãe Véia (chegada na Serra do Estevão, Quixadá - CE, por volta de 1906), ao fincar os pés no Veiga, trouxe consigo saberes ancestrais que foram repassados para outras mulheres através das gerações. Primeiro para sua filha Maria Luzia Ribeiro, que passou para sua neta, Maria Luzia, conhecida também como “Mãe Luzia”. Mãe Luzia passou seu conhecimento para Maria do Socorro, sua filha. E eu, Ana Eugenio, uma das filhas de Socorro Bá que herdou toda essa ancestralidade. A história destas estavam no anonimato, como protagonistas históricas invisíveis, que vem à tona nesta dissertação.

Dito isto, as mulheres negras carregam por meio da sua história um passado de opressão, invisibilidade e exclusão social, sendo a superação dessa situação um dos grandes desafios na construção identitária das populações negras e quilombolas. Assim, tivemos ao longo do processo histórico a negação dos conhecimentos ancestrais destas mulheres e seus rituais sagrados, identificadas, muitas vezes, pelo olhar do colonizador europeu, como saberes de menor valor, inferiorizados, demonizados, folclorizados, silenciados. Como ressalta Frantz Fanon (2018):

Em primeiro lugar afirma-se a existência de grupos humanos sem cultura; depois, a existência de culturas hierarquizadas; por fim a noção de relatividade cultural. Da negação global passa-se ao reconhecimento específico. É precisamente esta história esquartejada que nos falta esboçar... (FANON, 2018, p.78).

Neste sentido, percebemos que as epistemologias⁶ negras e quilombolas foram inferiorizadas e negadas pela visão ocidental que assumia a existência de um conhecimento único e universal. O pensamento europeu colonial foi visto durante muito tempo como a única

⁴ É a que exerce um papel importantíssimo dentro do grupo, pois é a responsável por encorajar as demais durante todo ritual sagrado, no cantar e no dançar.

⁵ Trecho do canto de São Gonçalo de domínio público no quilombo do Veiga.

⁶ “[...] o ramo da filosofia que trata a natureza, etapas e limites do conhecimento humano, especialmente nas relações que estabelecem entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Nesse sentido, pode ser também chamada de teoria do conhecimento. Em sentido mais restrito, refere-se às condições sob as quais se pode produzir o conhecimento científico e dos modos para alcançá-lo, avaliando a consciência lógica de teorias. (NAIME, 2018, não paginado apud FIGUEIREDO, 2020, p. 7)

forma de conhecimento, destituindo as outras formas de saberes, principalmente das populações tradicionais. O que fez agravar ainda mais, o não reconhecimento dos saberes ancestrais matriarcais herdados pelas mulheres negras, que foram jogadas à margem da sociedade e foram invisibilizadas pela história e pela ciência.

A autora Jaycelene Brasil (2020), em seu artigo opinião ao site jornalístico ECOA UOL, chama atenção para os livros de história que são cruéis ao tentar silenciar e omitir a imagem das mulheres empregadas nos diversos espaços de poder por elas ocupados, quando destituídas do papel central na formação da sociedade brasileira, lugares estes, que são comumente ocupados por mulheres e homens brancos, sempre lidos como sujeito de destaque na história social do país. Neste sentido, o protagonismo das mulheres negras pouco é falado, e quando é relatado o mesmo é subordinado aos feitos dos homens, como por exemplo: Dandara, mulher de Zumbi dos Palmares (BRASIL, 2020).

Ainda segundo a autora, os livros, filmes, teses, ignoram a luta das mulheres em busca da liberdade e do reconhecimento. Jaqueline Brasil situa uma linha histórica para evidenciar que mesmo em tempos e espaços diferentes, a luta das mulheres negras sempre foi romper com o poder patriarcal, contra a violência escravocrata e pela garantia de direitos das mulheres negras (BRASIL, 2020).

Ao trazer para o debate estudos como os que versam sobre Dandara de Palmares, faço coro com as ativistas norte-americanas Sojourner Truth⁷, Nina Simone⁸, dentre outras mulheres cuja luta foi travada para contrapor as condições impostas pela sociedade, ou seja, mulheres que estando no lugar do silenciamento e da invisibilidade não se calaram diante das desigualdades, ousaram gritar sobre as diversas formas de opressão ao qual foram submetidas. Independente do lugar onde essas mulheres negras estejam, a amplitude do racismo ultrapassa fronteiras nacionais e nos une por uma experiência comum de luta contra a opressão, seja nos EUA, no Brasil ou em outro local da Diáspora.

⁷ Nascida em cativeiro em Swarteill, em Nova York, Isabella Baumfree decidiu adotar o nome de Sojourner Truth a partir de 1843 e tornou-se abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos da mulher. (RIBEIRO, Djamila, p. 18, 2019)

⁸ Popularmente conhecida como Nina Simone, ativista pelo direito civil dos negros norte americano, cantora, compositora e pianista, em suas musicas ressaltavam a luta e resistência do povo negro. (INSTITUTO LING. Disponível em: <<https://institutoling.org.br/index.php/explore/nina-simone-voz-para-a-musica-e-para-a-luta-por-direitos>> Acesso em: 30/07/2021).

Consubstanciando as palavras e letras da música de Marli Souza Fagundes, mulher negra, mãe, Bacharela em Serviço Social e militante do Movimento dos Pequenos Agricultores segue:

Cansei de ser domesticada, quero andar com os próprios pés, organizar a rebeldia e assim deixar de ser refém. [...] Mulher sempre foi subestimada, reprimida e maltratada, sem direito de dizer, que ama, que sonha, que deseja, onde quer que ela esteja ousadia deve ter (I CONGRESSO NACIONAL DO MPA, 2015, p. 22-23).

Cabe refletir que, os papéis que as mulheres exercem na atualidade não se limitam apenas à esfera doméstica, mas elas transitam em diversos espaços, incluindo o espaço político, que outrora era “tido” como um campo masculino. Deste modo, a participação das mulheres na esfera política é de suma importância, pois as mesmas trazem consigo a dimensão coletiva e inclusiva das demandas sociais que foram/são ignoradas pelos representantes masculinos brancos colonizadores.

É nesse sentido que eu proponho escrever a partir de outra perspectiva a história de luta e resistência de nós mulheres do Quilombo Sítio Veiga, de nossa participação nos espaços de representação política, tais como: a Associação dos Remanescentes dos Quilombolas do Sítio Veiga; Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará (CEQUIRCE), fundada em 16 de dezembro de 2005; Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ), fundada em 1995 e nos movimentos sociais ligados a população negra e também nos espaços acadêmicos, onde nossos conhecimentos acerca da terra, do território e da dança vem ocupando espaços e disputando epistemologias.

Um exemplo desses saberes vem da nossa relação com a terra e com as sementes crioulas, que são importantes elementos ligados aos ensinamentos ancestrais. O fazer das mulheres do Veiga, estão destacados na obra de Fernanda Ielpo da Cunha (2020), onde a autora enfatiza o nosso papel central para a agricultura de subsistência dentro do território do Veiga, quebrando o estigma social de que a agricultura seja eminentemente masculina. Segundo a autora, as mulheres do Veiga são fundamentais para o cultivo das sementes crioulas, desempenhado juntamente com os homens de seu território e participando das inúmeras fases da produção agrícola até a colheita das sementes crioulas. É nesse espaço, portanto, que a memória das ancestrais e seus ensinamentos se fazem presentes interligando nossa própria essência e singularidade. Como afirma Fernanda Cunha: “Um território onde vivem, resistem e lutam em prol da terra e da própria existência de ser quilombola” (CUNHA, 2020, p. 48).

Isso nos faz refletir que é preciso organizar a rebeldia, valorizar nossas epistemologias, para que nossas vozes, corpos, pautas e lutas sejam respeitadas e reconhecidas também no que abrangem os Direitos Humanos e como produção de conhecimento. Esse processo pelo reconhecimento e valorização dos nossos saberes ocorre a partir das lutas de nossas ancestrais que trilharam caminhos para o enfrentamento e a superação das desigualdades sociorraciais, como: acesso à terra/território, saúde, cultura, lazer e educação pública e de qualidade, tendo como base nossas especificidades.

Para Walter D. Mignolo, em seu artigo intitulado *Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política* (2008), ressalta que:

“[...] Opções descoloniais estão mostrando que o caminho para o futuro não pode ser construído das ruínas e memórias da civilização ocidental e de seus aliados internos. Uma civilização que comemora e preza a vida ao invés de tornar certas vidas dispensáveis para acumular riquezas, e acumular morte, dificilmente pode ser construída a partir das ruínas da civilização ocidental [...]” (MIGNOLO, 2008, p. 295)

Já para Boaventura de Souza Santos (2012), em entrevista ao projeto “ALICE: Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas”, o qual é diretor e principal investigador, diz à respeito das Epistemologias do Sul, “não há justiça social global sem justiça cognitiva global”. Santos destaca também, que, “as Epistemologias do Sul é uma tentativa de realizar a justiça cognitiva global, ou seja, trazer outros conhecimentos para dentro, porque são outras maneiras de fazer ciência [...]”⁹.

Revigorar a memória do Sítio Veiga é trazer a prática das Epistemologias do Sul. As formas como nós, as famílias quilombolas do Sítio Veiga, nos relacionamos com a produção de alimentos, seja nos quintais ou nos roçados; com as práticas medicinais; com os festejos e a dança de São Gonçalo; com o território e nossas memórias e histórias; precisam ser consideradas, pois estes são conhecimentos forjados na contramão do eurocentrismo que tenta, a qualquer custo, invisibiliza-los. Neste sentido, “[...] precisamos desatar o nós, aprender a desaprender, e aprender a reaprender a cada passo” (MIGNOLO, 2008, p. 305)

Desse modo, destaco que, os saberes forjados das/nas estratégias de resistência de nós, mulheres do Veiga, foram construídas historicamente e, ainda sim, há uma tentativa de apagamento, mas através das nossas articulações enquanto mulheres do Veiga, passadas aos nossos filhos e filhas, sobrinhos e sobrinhas, e mais novos em geral, como forma de romper

⁹ Ver mais em: SANTOS, Boaventura de Sousa. “**Epistemologias do Sul**”. In: **PT, entrevista ALICE 5/9**. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=URgY9H2NvZM>> Acesso em: 27/07/2021.

com o silenciamento e de manutenção da vivacidade dos conhecimentos quilombolas, tem como finalidade tornar concreto a justiça cognitiva global, defendida por Boaventura de Sousa Santos (2012) através da desobediência epistêmica proposta por Walter Mignolo (2008).

Quanto à educação básica, as crianças do Quilombo e do entorno estudavam com Socorro Eugenio em uma escola multisseriada, dentro do Veiga, as dificuldades eram sentidas, mas estávamos de certo modo em casa, com “o povo de casa”. A escola era uma extensão de nossas casas, pois estudávamos a partir de nossa realidade quilombola, nosso modo de ser e viver não era visto com indiferença. Como enfatiza bell hooks sobre esse tipo de escola que ela classifica como libertadora:

Naquela época, ir à escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adora aprender. A escola era o lugar do êxtase - do prazer e do perigo. Ser transformada por novas ideias era puro prazer. [...] Minha casa era o lugar onde eu era obrigada a me conformar à noção de outra pessoa acerca de quem é o que eu deveria ser. A escola era o lugar onde eu podia esquecer essa noção e me reinventar através das ideias. [...] (hooks, 2017, p. 11)

Quando chegamos ao ensino fundamental II (antiga 4º série) foi preciso migrarmos para outra escola, cuja realidade era completamente adversa. O percurso de 06 km (ida e volta) até a escola, e os preconceitos sofridos por sermos negros e quilombolas e a inadequação dos conteúdos repassados em sala de aula, que não retratavam nossas vivências, transformaram o aprendizado em um treinamento técnico para o trabalho colonial. Éramos apelidadas de “os negos do Veiga” e de “senzala”, quando estávamos em grupo. Novamente, bell hooks (2017) nos acolhe no trecho:

[...] De repente, o conhecimento passou a se resumir à pura informação. Não tinha relação com o modo de viver e de se comportar. Já não tinha ligação com a luta antirracista. Levados de ônibus a escola de brancos, logo aprendemos que o que se esperava de nós era a obediência, não o desejo ardente de aprender. A excessiva ânsia de aprender era facilmente entendida como uma ameaça à autoridade branca. (...) De repente, passamos a ter aula com professores brancos cujas lições reforçavam os estereótipos racistas. Para as crianças negras, a educação já não tinha a ver com a prática da liberdade. Quando percebi isso, perdi o gosto pela escola. A sala de aula já não era um lugar de prazer ou de êxtase (hooks, 2017, p. 12).

Retornando a realidade da educação escolar quilombola no Sítio Veiga, destaca-se a relevância da educação dos ensinamentos da minha Mãe Socorro Bá, professora e Quilombola, cujas raízes remetem sua ancestralidade ligada às inúmeras gerações de mulheres quilombolas, sendo a educação seu maior legado deixado às inúmeras mulheres e homens do quilombo Sítio Veiga e da Serra do Estevão, que tiveram seus primeiros ensinamentos de

alfabetização proferidos por ela. Assim, algumas e alguns de nós pudemos dar continuidade aos estudos, pois não o tínhamos como algo apenas técnico e opressor, foi assim que aprendemos desde cedo a conhecer a nossa história de resistência, cada uma a sua maneira, e do seu lugar de pertencimento, para lutar pelo nossos direitos, bem como almejar a inclusão nas Universidades públicas, como afirma Fernanda Ielpo da Cunha:

[...] conquistas também foram alcançadas na comunidade Sítio Veiga, a considerar que atualmente temos uma mulher quilombola graduada em Serviço Social pela UECE, a qual cursa hoje pós-graduação no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). No ano de 2018, a comunidade teve mais uma conquista, através das cotas específicas para quilombolas, quando dez discentes ingressaram na referida universidade, distribuídos nos cursos de Agronomia, Administração Pública, Antropologia, Enfermagem, História, Humanidades, Pedagogia e Sociologia. Uma conquista que merece destaque, dada a negação da educação a esses sujeitos sociais ao longo dos processos históricos, sendo de fundamental importância a legitimidade das cotas nesse processo como um instrumento de inclusão social (CUNHA, 2020, p. 51-52).

No Quilombo Sítio Veiga, as mulheres têm um papel relevante no processo de organização social, tendo em vista que ocupam majoritariamente muitos espaços comparativamente aos que os homens ocupam dentro do Quilombo, a saber: no planejamento e realização da semana da Consciência Negra¹⁰; nas reuniões da associação em busca de direitos; nos fóruns pela vida no semiárido; nas mobilizações do dia Internacional da Mulher e dia do trabalhador; nos encontros com agricultoras e agricultores; e no movimento na esfera municipal, estadual e nacional; assim também como na participação em outros movimentos sociais do campo e da cidade; pela garantia dos seus direitos e dos demais. Cabe destacar que os homens contribuem com todo o processo de organização dentro e fora do Quilombo Sítio Veiga, mas o problema em questão é evidenciar porque esses homens são sempre os protagonistas da história do Quilombo.

Dentro da Associação dos Remanescentes de Quilombolas do Sítio Veiga¹¹, a diretoria é composta por quinze membros, que ocupam os seguintes espaços na associação: Presidenta/e, vice-presidenta/e 1^a e 2^a Secretária/o, 1^a e 2^a Tesoureira/o, Diretora/o da Cultura

¹⁰ A semana da Consciência Negra ocorre desde 2009 no Quilombo Sítio Veiga, com atividades que visam o fortalecimento da identidade quilombola, a luta pela Terra/Território, o fortalecimento da ancestralidade através da dança de São Gonçalo. Esta ocorre no dia 20 de novembro, mês em que se comemora o dia nacional de Zumbi dos Palmares e da Consciência Negra. Data esta instituída por meio da lei 12.519/2011. Zumbi dos palmares foi um dos grandes líderes do Quilombo dos Palmares em Pernanbuco, o mais conhecido agrupamento negro quilomboola brasileiro, tanto quanto Zumbi quando Quilombo dos Palmares são símbolos de luta e enfrentamento ao racismo no Brasil no mundo. Zumbi foi assassinado em 20 de novembro de 1695 (GOMES, Flávio dos Santos. 2011, p. 7).

¹¹ Composição da Associação dos Remanescentes de Quilombolas do Sítio Veiga, Quixadá-Ce.

e Esporte, Diretora/o de Formação, Diretora/o Social, Diretora/o de Políticas Agrárias e Agrícolas, Diretora/o do Meio Ambiente, Conselho Fiscal (titulares e suplentes). Das quinze pessoas que compõem a associação e que estão à frente da diretoria, treze destas são mulheres. Somos uma maioria numérica e somos nós que mais participamos das decisões e planejamentos da comunidade quilombola do Veiga.

Já no que diz respeito às manifestações culturais e os rituais sagrados contidos na Dança de São Gonçalo, também há uma forte movimentação de vigor na vida das mulheres quilombolas, que as impulsionam a lutar contra opressões sistêmicas. A Dança de São Gonçalo é uma manifestação cultural que nos revigora e nos anima a lutar pela garantia da terra e do território, o acesso à saúde e à educação. Ou seja, ela corresponde a um conjunto de costumes sociais e políticos do Quilombo Sítio Veiga. Sendo esta manifestação de cunho sagrado e ao mesmo tempo profano, pois sempre foi uma forma de resistência à dura imposição dos costumes do homem branco colonizador.

A História do território quilombola Sítio Veiga, em Quixadá - Ceará (CE) é uma importante fonte de conhecimentos, que possibilitou a elaboração de relevantes estudos por diversas pesquisadoras/os. Irei dialogar aqui com as diversas produções sobre o modo de ser e de viver das famílias quilombolas do Sítio Veiga. As pesquisas apresentadas logo abaixo demonstram a resistência no processo identitário, a luta para a manutenção de suas tradições culturais em particular a dança de São Gonçalo, as questões de gênero, raça e classe que são abordadas e ainda a importância dos conhecimentos ancestrais para a manutenção da vida, como mostraremos a seguir.

Entre as pesquisas abordadas, podemos destacar os temas estudados em alguns trabalhos, como: saúde da população quilombola (TCC), (SILVA, 2018)¹²; patrimônio cultural e território de Quixadá (BEHR, 2007); memória e identidade quilombola (dissertação), (MORENO, 2014); educação e antirracismo (dissertação), (SILVA, 2018); e direitos culturais quilombolas (TCC), (SILVA, 2018), e; saberes ancestrais com a terra e cultivo (dissertação), (CUNHA, 2020).

Além destes, foram elaborados alguns artigos em torno do Quilombo Veiga, como mostra a seguir: sobre o câncer e o pagamento de promessa ao santo São Gonçalo (CUNHA; SILVA; VASCONCELOS, 2020); sobre as sementes crioulas produzidas no quilombo Sítio Veiga (CUNHA; VASCONCELO; SILVA, 2019). Outros materiais audiovisuais também

¹² Ver mais: SILVA, Ana Maria Eugenio da. Enfrentamento e superação do câncer de mama: narrativa autobiográfica de uma mulher negra quilombola. UECE, 2018.

foram produzidos, como: O Joaquim¹³ (PARAÍSO, 2007); Quilombos: A resistência do Sítio Veiga¹⁴ (PAULA, 2015); Sítio Veiga - A luta de um Quilombo¹⁵ (MOREIRA, 2016); A EFA (Escola Família Agrícola) nos 100 anos de Dom Fragoso - Quilombo Sítio Veiga - Quixadá, CE¹⁶ (PAULINO, 2017); As Passarinhas¹⁷ (XAVIER; PIRES; GURJÃO, 2019), e; Eu, Semente - 70 OLHARES sobre os Direitos Humanos¹⁸ (PARAÍSO, 2021). dirigido por Márcia Paraíso, o curta faz parte de uma série de documentários do Instituto Cultura em Movimento (ICEM).

Os estudos realizados no Quilombo Veiga articulam o processo de resistência identitário à luta para a manutenção de nossas tradições culturais, em particular na Dança de São Gonçalo, e as questões de gênero, raça e classe que nos atravessam. O que nos remete ainda ao plano espiritual, transcendental, como a fé, a devoção intimamente ligada às nossas raízes ancestrais na Dança de São Gonçalo. Somos nós, as mulheres que damos uma simbologia sensível nesse ritual, pois dançamos, cantamos e encantamos, fazendo nossas promessas e perpetuando entre as diversas mulheres do Veiga os ensinamentos ancestrais herdados.

É nesse sentido que devemos falar de um espaço-tempo sempre “alternativo” – não só no sentido de representar uma alternativa a criação do novo, mas também de permitir alternâncias – alternâncias entre o mais e o menos híbrido, entre o mais e o menos aberto, enfim, um espaço tempo que alie e permuta, a extroversão e a mobilidade com os igualmente imprescindíveis recolhimento, introspecção e repouso [...] (HAESBAERT, 2012, p.44).

Sobre nosso modo de vida quilombola, podemos junto a Fábio Leite (1995/1996), em sua obra “Valores civilizatórios em sociedades negro-Africanos”, refletir sobre essa ligação profunda dos valores civilizatórios manifestados através da cultura, como forma de manutenção destes povos em sociedade, onde os ancestrais negro-Africanos, estão unificados nas esferas sociais constituindo assim:

[...] um princípio histórico material e concreto capaz de contribuir para a objetivação da identidade profunda de um dado complexo étnico e das suas formas de ações sociais. De fato, as principais instâncias das práticas históricas são dotadas de alguma dimensão ancestral, tais como: preexistente e suas interferências na sociedade; divindades e criação do mundo; natureza, homem e sociedade; espaço e tempo; conhecimento; configuração da família e da comunidade envolvendo relações com a produção e o

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P5w-02gaow>> Acesso em: 30/07/2021.

¹⁴ Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=B1zu6eZx3_s> Acesso em: 30/07/2021.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rJdPs2HO4nI>> Acesso em: 30/07/2021.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nkGVJL21b_s> Acesso em: 30/07/2021.

¹⁷ Episódio em canal fechado. Ver mais sobre: <<https://www.youtube.com/watch?v=dHm2soexP4>> Acesso: 30/07/2021.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ed8znTdyeQ>> Acesso em: 30/07/2021.

trabalho; socialização e educação, natureza e legitimação do poder estendendo-se inclusive à concepção da figura a que se denomina Estado, quando essa figura aparece (LEITE, p.08 1995/1996).

O autor consegue fazer emergir os valores que regem a Dança de São Gonçalo tão fortemente ligados à existência dessas matriarcas quilombolas, devotas e dançadeiras, e entre elas estou presente. Nessa perspectiva, esse estudo tem como relevância ampliar o debate sobre a singularidade das raízes africanas das matriarcas do Veiga, ainda pouco exploradas e debatidas nos espaços acadêmicos. E como me incluo na linhagem do matriarcado, essa pesquisa utilizará da método autobiográfico, enfatizado pela autora Fernanda Ielpo da Cunha (2020):

O método autobiográfico abre, portanto, os caminhos para contestar a cientificidade positivista, que tanto discriminou os registros históricos dos povos africanos e de suas diásporas no mundo. Nesse modelo, esses sujeitos sociais tiveram sua oralidade silenciada e invisibilizada pelas narrativas eurocênicas, sendo meros espectadores de suas histórias e vivências, resultando na superficialidade e não originalidade de suas verdadeiras histórias, daí a importância de colocar as populações étnicas como protagonistas de sua própria história, fazendo com que transponham para o mundo a essência de suas memórias e narrativas autobiográficas, o seu potencial criativo (CUNHA, 2020, p. 69).

Este estudo autobiográfico é uma denúncia acerca das desigualdades raciais e sociais vividas pela população negra quilombola. Fica assim, a relevância da autobiografia para nós das comunidades tradicionais, que ao falarmos de dentro de nossas porteiras, estamos nos restituindo a dignidade, retirada pelo colonizador, quando nos negou como indivíduos racionais, negligenciou nossas demandas, nos silenciou e invisibilizou. Desse modo, salientamos que ao irmos ao encontro de novos métodos científicos, tal como a autobiografia, estamos sendo fiéis às narrativas por nós escritas e reveladas em nossas subjetividades, estamos nos situando como sujeitos sociais de nossas próprias histórias, como afirma Silva (2012):

A biografia enquanto relato é o resultado de memórias (ou mesmo esquecimentos) coletivas, individuais e sociais, constantemente negociadas e processadas, com vínculo com mitos, saberes, fazeres e tradições que se corporificam a partir de relações particulares como o tempo e o espaço, que não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir de referências atuais. (SILVA, 2012, p. 42) (apud MACHADO, 2018, p.12).

Diante do exposto, o que nos move a pesquisar sobre este tema é a tentativa de responder o seguinte problema: Qual a contribuição dos saberes repassados pelas mulheres ancestrais matriarcas e seus rituais sagrados, principalmente a Dança de São Gonçalo, no

processo identitário e organizativo das mulheres do Quilombo Sítio Veiga? Acredito e espero que o resultado destas inquietações mencionadas acima possa contribuir para o fortalecimento e participação nas lutas cotidianas das famílias do Quilombo Veiga, sobretudo para as mulheres quilombolas, foco principal desta pesquisa. De forma a provocar novos meios de reflexão e criticidade de exercício de cidadania que considere os novos contornos da cultura quilombola, das relações raciais e de gênero.

Esse trabalho, além da introdução, é composto por quatro capítulos e as considerações finais. Sendo que no primeiro capítulo, reflete-se acerca dos aspectos metodológicos utilizados para realização desta pesquisa, a partir dos desafios encontrados, tendo em vista que a pesquisadora, de certa forma, é também parte indissociável do campo de pesquisa. Por isso, destaca-se ainda, as vivências da pesquisadora com as interlocutoras, assim também como os desafios desta na busca da coleta de dados em lócus, onde ocorre a profunda relação de ensino/aprendizagem, por meio da ancestralidade. Esse é um trabalho também interdisciplinar das Ciências Humanas que, na perspectiva de Gaudêncio Frigotto (2008, p. 42), “se impõe como necessidade e como problema fundamentalmente no plano material histórico-cultural e no plano epistemológico”.

Para Frigotto, os seres humanos são seres sociais que buscam conhecimentos para suprir suas necessidades históricas e, sejam estas “[...] de natureza biológica, intelectual, cultural, afetiva e estética, estabelecem as mais diversas relações sociais” (FRIGOTTO, 2008, p. 43). Ainda segundo o autor, a interdisciplinaridade é apresentada como uma necessidade no estudo/produção e socialização do conhecimento. Ele aponta, também, que o conhecimento é dinâmico e ocorre a partir da relação no qual o sujeito está inserido. Assim, conforme Frigotto podemos entender que o conhecimento será sempre acumulativo, social e incompleto, haja visto que este foi apreendido por nós através de outros que nos antecederam (FRIGOTTO, 2008, p. 43).

Os conhecimentos praticados e vivenciados pelas mulheres quilombolas do Sítio Veiga foram acumulados através dos ancestrais que, por sua vez, também absorveram de outras gerações e, assim, nós também acumulamos e repassaremos para as gerações futuras. Dialogando ainda com Frigotto (2008), é importante destacar que, este acúmulo de conhecimento não fragmenta o todo, mas complementa, pois, há uma relação das partes com a totalidade. Nesse sentido, seria impossível falar sobre os aspectos que compõem nossa identidade e o território, apenas sob um olhar linear. Os múltiplos olhares sobre a produção do conhecimento que estas mulheres transmitiram e transmitem, através de suas experiências, faz

com que haja uma aproximação maior dos conhecimentos produzidos e acumulados pelas mulheres que vieram antes de nós. E é por entender essa necessidade que recorro a esses múltiplos olhares, na história, na antropologia, na geografia, na educação, na sociologia, na literatura e linguagem, na corporeidade, e tantas outros campos do conhecimento, que nos atravessam, e que não é possível contemplar todos neste trabalho. Esse universo de possibilidades aponta caminhos que dialogam entre si, e que constroem a totalidade da relação das partes com o todo.

No segundo capítulo, será abordado o processo sócio-histórico do Quilombo Sítio Veiga. Ainda neste capítulo será destacado o jeito de ser e de viver destas famílias, principalmente, a partir do olhar da mulher, do seu lugar social nesse espaço do território. Assim, será apresentado a importância da terra, do território para a manutenção da vida política, econômica, social e cultural das famílias quilombolas do Sítio Veiga, focando na luta e resistência desta população, através dos valores ancestrais perpetuados pelas matriarcas na Dança de São Gonçalo.

No terceiro capítulo, é realizada uma abordagem acerca dos saberes ancestrais e sua ligação e perpetuação do conhecimento, por meio das mulheres e de sua essencialidade na condução e manutenção familiar do Quilombo Veiga. Será apresentada ainda, de forma fragmentada a vida de algumas “Marias”, matriarcas como, Maria Fernandes – Mãe Véia, Maria Luzia – Mãe Luzia e Maria do Socorro – Madrinha Socorro e a própria pesquisadora em seu processo de aprendizados tecidos e transmitidos por meio das conexões do passado com o presente, projetando-se com o futuro através da oralidade. Assim, esse capítulo tratará da dança de São Gonçalo como um dos principais rituais sagrados de atuação dessas mulheres que mantêm viva a família, a identidade, a pertença ao território, o próprio Quilombo do Veiga.

No quarto e último capítulo serão abordados os caminhos que compõem a Dança de São Gonçalo, e também que as mulheres dançadeiras e as mulheres foliãs ocupam na Festa de São Gonçalo, este será apresentado por meio das imagens fotográficas. Assim como o método autobiográfico, a imagem nos possibilita refletir sobre a importância da representatividade, além de demonstrar com mais ênfase os detalhes, arranjos e dinâmicas que outros métodos não conseguem alcançar. Portanto, através de como a imagem é utilizada neste trabalho, será possível fortalecer os pertencimentos afro-quilombolas.

Por fim, as considerações finais em que eu verso sobre os aspectos positivos e negativos da pesquisa, bem como deixo a relevância desse estudo para a sociedade, a ciência e a cultura, atravessam os processos afirmativos das matriarcas do Quilombo Veiga em dimensão

de análise e visibilidade dos vastos conhecimentos por elas deixados, não só para comunidade quilombola. Dando ênfase ao papel social que estas desempenharam e desempenham para história do Quilombo, este trabalho se destaca na continuidade das sabedorias dessas matriarcas, pois surge como uma pesquisa de desobediência epistêmica, ao tratar a autobiografia de uma mulher negra quilombola e daquelas que a antecederam como fonte de produção científica. Ou seja, se trata de um estudo de dentro pra fora da porteira do Quilombo.

1. UMA ESCOLHA DE DENTRO DA PORTEIRA

Aqui propomos explicar a metodologia desta pesquisa que levou em conta o fazer-viver das mulheres quilombolas apresentadas, incluindo a minha como continuidade dessa linhagem e, portanto, a partir de uma narrativa autobiográfica. Assim, parte da coleta das fontes utilizadas são decorrência da experiência da pesquisadora no lócus, onde as vivências cotidianas se apresentam como o principal instrumento desta produção, que compõem um caderno de campo, muitas vezes construído de cor, nas lembranças das mais velhas, mas também no olhar como pesquisadora para dentro do espaço familiar que ocorreu de setembro a novembro de 2020.

1.1. Do Quilombo para a Ciência

As protagonistas deste emaranhado trabalho são: Maria Fernandes (Mãe Veia), Maria Luzia Ribeiro, Maria Luzia (Mãe Luzia, parteira) e Socorro Eugenio (Socorro Bá, primeira professora Quilombola) e eu, Ana Eugenia (tataraneta, bisneta, neta, filha – fruto destas sementes crioulas como muitas outras aqui germinadas, cujas vidas cruzam-se e entrecruzam-se no Quilombo e especificamente nas jornadas da Dança de Gonçalves:

Oh que caminho tão longe (bis)
Oh que areia tão quente (bis)
Se não fosse São Gonçalo (bis)
Aqui, não tinha essa gente (bis).
(trecho da cantiga e Dança de São Gonçalo)

Os motivos supracitados são fatos que me motivam e justificam este trabalho, pois eu sou, porque meus ancestrais foram, portanto sou parte desta ancestralidade absorvida por meio dos conhecimentos de meu povo. Assim, valendo-me de Ferrarotti citado por Goldenberg (2004), cada indivíduo é em si um fragmento particularizado e vivo de uma sociedade, ou seja, uma manifestação única do universo histórico social no qual vive. Portanto, o método autobiográfico é o encontro da pesquisa, dos métodos das ciências humanas de análises sociais de outrem com minha história, que, por meio da ancestralidade, recupero o passado, fortaleço minha identidade e projeto o futuro.

Segundo Charlinton José dos Santos Machado (2018):

Ao ler biografias, é possível conhecer tanto o biografado e seu tempo histórico quanto os seus biógrafos e suas biografias. É por isso que as biografias nos fascinam continuamente, fazendo cada vez mais que sejamos historiadores de ofício ou leitores diletantes. (MACHADO, 2018, p. 14)

Assim a metodologia adotada ocorre a partir de minha própria experiência dentro do território, experimentando os saberes e sabores transmitidos pelas minhas ancestrais, essa autoafirmação acontece sobre o olhar de si. Neste sentido, busco perceber de forma minuciosa, de dentro para fora e de fora para dentro, as práticas vivenciadas na Dança de São Gonçalo e a construção da identidade do território.

Foi neste processo de me reconhecer quilombola, reconhecer minhas ancestrais e o lugar que elas concederam a ocupar na comunidade, por meio da formação que recebi nesse contexto; hoje como pesquisadora dou ênfase às questões étnicas raciais e de pertencimento, em busca do meu eu e do reconhecimento e da revitalização da epistemologia latente da Dança de São Gonçalo. Percebo nos atos, na dança, no ritmo, nos passos, enfim, em todos os elementos que compõem a dança, durante as jornadas da Dança e as jornadas do Quilombo, as africanidades presentes em minha vida e na vida dos meus. A construção desse pertencimento é também uma forma de mediação da realidade, que fortalece e gera a valorização das tradições do Quilombo Sítio Veiga.

Segundo Sandra Petit, o “referencial teórico-metodológico que toma os valores e os saberes afroreferenciados como elementos aglutinadores e condutores das experiências de ensino-aprendizagem” (FARIAS e PETIT, 2015, p. 136), conduzem a uma pesquisa e produção de conhecimento endógeno, sincero e de fortalecimento de processos pessoais. O olhar da pesquisadora é relevante, pois para além de pertencer, é possível ver com minuciosidade os detalhes da dança, da terra, do território, das memórias de resistência das mulheres negras quilombolas e dançadeiras de São Gonçalo.

Assim sendo, o olhar de dentro e o olhar de fora se alternam e se complementam para entender essa realidade de forma científica é algo objetivo e concreto. Utilizar a autobiografia cria uma possibilidade de identificar elementos essenciais do ritual devido à familiaridade com o campo de pesquisa, que é regulador da própria pesquisa. Isso traz a possibilidade de fazer a descrição densa¹⁹ com todas as sutilezas incompreendidas pela pesquisadora ou pesquisador exógeno.

¹⁹ CLIFFORD, Geertz. *A Interpretação das Culturas* (1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Outro dado importante é que os conhecimentos ancestrais das mulheres quilombolas do Veiga e sua contribuição para o fortalecimento identitário estão sendo transcritos pela primeira vez. As narrativas negras ausentes, historicamente invisibilizadas, tiveram seus corpos negados, esquecidos, mas aqui ocupam o lugar da produção de episteme, são protagonistas das suas histórias e da própria pesquisa. Tais mulheres, ora umas, ora outras, se cruzam, intercalando com a própria pesquisadora/pesquisada. Aqui é o encontro e reencontro com minha própria história, contribuindo com o ser, o fazer e o viver das gerações presentes e futuras. Assim como nos indica Ângela Figueiredo (FIGUEIREDO. 2020, p. 04):

Testemunhamos o aumento significativo do feminismo negro e suas diferentes perspectivas: são as feministas negras decoloniais, feministas negras abolicionistas, feministas negras interseccionais, feministas negras lésbicas, dentro outros. Esse movimento tem sido autodefinido pelas mulheres negras em Salvador como *maré feminista negra*, uma clara alusão à divisão das três fases que caracterizam o feminismo em ondas; ao mesmo tempo em que se constitui como uma ruptura, uma vez que as diferentes ondas feministas não incluíram, em nenhuma de suas fazes a contribuição feminista negra. (FIGUEIREDO. 2020, p. 04)

E aqui ressalto a contribuição das feministas quilombolas, principalmente do Sítio Veiga, ao qual esse estudo se propõe a partir da sistematização das minhas próprias memórias, em interlocução com as mulheres de ontem e as de hoje no Quilombo, transitando em análises de como os conhecimentos ancestrais contribuíram e contribuem no processo de resistência das mulheres quilombolas do Sítio Veiga. A pesquisa procura focar no território que cria a pertença, mas também nas contribuições da Dança de São Gonçalo e seus rituais sagrados que alimentam essa identidade territorial no processo organizativo das famílias quilombolas do Veiga, almejando assim, maior reconhecimento e valorização da nossa história a partir das trajetórias insubmissas das mulheres negras quilombolas.

Quando Ângela Figueiredo traz Boaventura (2009):

[...] Uma das características mais destaca nesse contexto foi a omissão do sujeito na produção do conhecimento, que “esqueceu” trabalhadores, mulheres, indígenas, afrodescendentes, e esses excluídos e excluídas estão, sobretudo, no conjunto de países e regiões submetidos ao colonialismo europeu (SANTOS, 2009 apud FIGUEIREDO, 2020, p. 7).

Dentro desse campo de excluídos e excluídas submetidos ao colonialismo europeu estão os quilombos, que têm suas produções epistemológicas, principalmente as das mulheres

negras quilombolas, invisibilizadas. E é por esse motivo que é necessário um olhar para a realidade quilombola, sua ancestralidade, seus costumes e práticas, partindo também de um olhar interno, de dentro da porteira, da própria/próprio quilombola.

Os escritos sobre a história das famílias quilombolas do Veiga foram registrados sob o olhar de fora da porteira e, embora esses trabalhos abordam as questões de gênero e a contribuição das mulheres para a organização social e cultural no território quilombola, o que me incomoda ainda é perceber que a contribuição da mulher sempre está em um lugar secundário, e de certa forma, fragmentado em trechos e recortes. Nesse sentido, as obras outrora dissertadas sobre nossa comunidade deram ênfase ao lugar do homem no processo sócio-histórico do Quilombo, sendo a mulher aquela que auxilia e que é referenciada em eloquência ao homem. Essas trajetórias femininas [re]contadas sem compromisso acabam por reforçar os estereótipos onde o feminino está em segundo plano. As narrativas sobre a história do Quilombo Veiga e sua fundação, por exemplo, sempre trazem como fundador o protagonismo do homem²⁰, relegando a mulher ao lugar de coadjuvante, de companheira do fundador.

As produções de Miguel Von Behr (2007), Daniele Cristine Gadelha Moreno (2014), Cristiane Sousa da Silva (2018), Jonatas Isaac Apolônio da Silva (2018) e o de Fernanda Ielpo Cunha (2020) partiram de uma olhar de fora para dentro. Suas teses foram fundamentais para dar visibilidade ao Quilombo e suas expressões, bem como seus modos de vida, como forma de denúncia às injustiças contra nossa população, desta forma intensificando os diálogos entre a academia e a comunidade quilombola do Sítio Veiga. Porém, ainda há uma necessidade latente de que nossas histórias, nossos conhecimentos e nossas expressões tenham também as mulheres como protagonistas.

Desta forma, construir o conhecimento da “porteira para dentro”, a partir de meu olhar enquanto mulher e pesquisadora quilombola, é uma tentativa de romper com esses estereótipos. Busco neste estudo evidenciar o protagonismo de minhas pares e matriarcas ancestrais, como realização de um sonho: pensava cá comigo, um dia quando adentrar na universidade, escreverei sobre nossa história, sobre a importância das mulheres na e para a

²⁰ “A família Ribeiro originou-se do casal FRANCISCO RIBEIRO BESSA (conhecido como chiquinho Ribeiro ou Pai Chigano) e MARIA FERNANDES DA SILVA (conhecida como Mãe Véia)” (RTID, 2012, p.15); “Os quilombolas do Sítio Veiga narram que “Pai Xingado” e “Mãe Véia” chegaram à região da Serra do Estevão com seus filhos pequenos e se juntaram a família Eugênio, que já habitava a Região a um longo tempo [...]” (SILVA, 2018, p. 19); “No Veiga, residem atualmente 39 famílias; a maioria delas tem a mesma origem do casal fundador, Francisco Ribeiro Bessa (conhecido como Chiquinho Ribeiro, ou Pai Xigano) e Maria Fernandes da Silva (conhecida como Mãe Véia)” (CUNHA, 2019, p.42). Nos trabalhos suscitados acima, sobre a história do Quilombo Veiga, são apresentados sempre na perspectiva masculina.

manutenção da vida em nosso território. Assim sendo, eu mulher quilombola, a partir do lugar que ocupo como a quinta matriarca do Quilombo, [des]escrevo sobre a Dança de São Gonçalo e como ela alimenta a identidade e pertença deste território, como também a força das mulheres do Sítio Veiga por meio da ancestralidade. A pesquisa trata-se de um falar de nós com nós.

Ressalto que, muitas dessas pesquisas sobre o Quilombo Sítio Veiga foram realizadas juntamente conosco mulheres e homens residentes do quilombo, com perguntas sobre nossa história, e nossas narrativas contadas por nós aos pesquisadores. Destaco, porém, que muitas de nossas falas, impregnadas da perspectiva masculina, acabavam por reforçar um local à parte para o feminino. Esse lugar é o lugar de coadjuvante da mulher.

Demorei-me a reconhecer esse problema, que habitava também em mim. Em muitos casos, eu reproduzi o discurso na perspectiva masculina, sempre contando a fundação do Quilombo sob a ótica de Pai Xigano e Mãe Veia, e nunca sob a ótica de Mãe Veia e Pai Xigano. Somente a partir das vivências, das reflexões, e das partilhas com outras mulheres, percebo que esse discurso masculino não me cabe mais, por isso registro aqui a nossa história a partir da perspectiva da mulher negra quilombola Mãe Veia, que chegou ao Quilombo com seu esposo Pai Xigano e suas filhas e filhos por volta do ano de 1906, oriundos de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte.

Todas essas questões supracitadas foram tangentes para a escolha do método autobiográfico, onde conto a nossa história, a história do nosso quilombo, a partir de nossas vivências e com ênfase na nossa singularidade e de nossas/os ancestrais. No entanto, a escolha de um dado procedimento de pesquisa não deve significar uma orientação pronta e única ou um resultado acabado, o aprendizado deve ser o motor da própria pesquisa e escrita:

O método biográfico pode acrescentar a visão do lado subjetivo dos processos institucionais estudados, como as pessoas concretas experimentam estes processos e levantar questões sobre esta experiência mais ampla. A utilização do método biográfico em ciências sociais é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem. (GOLDENBERG, 2004, p.43).

Assim, esta metodologia em ciências sociais tem sido um modelo usado para mostrar como os sujeitos contribuem com a sociedade por meio de suas vivências, individual ou coletiva. Neste sentido, as narrativas autobiográficas estão atravessadas com a realidade vivida, possibilitando uma aproximação com as experiências, socializando fatos de determinados grupos no âmbito sócio-histórico.

Para Minayo (2001), conhecer a realidade e a sociedade na qual o indivíduo está

imerso é sempre um desafio para a humanidade, neste sentido a metodologia biográfica é uma possibilidade profícua de aproximação da pesquisa com as experiências vividas. Os povos mais antigos a utilizavam para tentar compreender a explicação de seus modos de vida e morte, tendo esta informação como base dos seus mitos reproduzidos pela comunidade.

Portanto, via essa metodologia torna possível fazer a crítica a forma de organização social, seja ela individual ou coletiva, que operam como mecanismos de poder e controle sobre a produção de conhecimento, pois é uma produção de conhecimento a partir de si e dos pares. Contendo em si, diversas formas de sentimentos, resistências, resiliências e exposição dos direitos negados, o método utilizado possibilita uma aproximação maior com a realidade e uma elaboração de caminhos de enfrentamento e ruptura diante as desigualdades sociorraciais, pensando na trajetória de cada povo na garantia de políticas públicas específicas.

1.2. **Eu, Elas, Nós**

A pesquisa justifica-se por uma profunda ligação minha com a Dança de São Gonçalo, pois ela é tão importante para mim, quanto o alimento que sacia minha fome, quanto à água que sacia minha sede. É vida, é resistência e é parte dos que se foram de mim, presença viva na ancestralidade de meu povo.

Meu primeiro contato com a dança foi através dos laços uterinos, no ventre de minha mãe. Ali dentro, naquele território aconchegante, cercado de resistência e resiliência, sentia, ouvia, cantava e dançava São Gonçalo com minha mãe, dentro dela, na mais perfeita sintonia. Imersa naquele território sagrado, experimentei pela primeira vez os saberes e sabores transmitidos pelas vozes das mulheres que habitam em mim, através dela. Assim sou, eu semente, eu mãe, eu militante, mulher negra quilombola, eu Ana, Socorro e Marias. Nasci nesta serra sertaneja, conhecida como Serra do Negro Estevão, também denominada como Distrito de Dom Maurício, no município de Quixadá - CE. O Quilombo foi fundado pela Mãe Vêia e seu companheiro Chiquinho Ribeiro, por volta do ano de 1906²¹. O Quilombo é formado por dois troncos familiares: os Ribeiros, conhecidos como os Rosenos, e os Eugénios, conhecidos como os Bá²².

²¹ Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID, 2012).

²² Seguindo Paulo Eugénio, também conhecido como Paulo Bá, filho de mãe Luzia, esse era o codinome dado à mãe Marta, sua avó paterna, ou seja, Bá, mãe vêia, pai xigano, são formas carinhosas e respeitadas filhas, filhos, netas e netos usavam para com os seus.

Sou a quinta geração deste território, oriunda do tronco dos Bá. Uma das doze sementes plantadas nessa fundação. Sou uma das doze mulheres dançadeiras de São Gonçalo. Sou uma das doze jornadas que compõem a dança do Santo, insistente em resistir para existir. Sou meu corpo, esse que me apresento e reconheço nos meus. Minha ancestralidade segue forte comigo. Meu quintal que produz diversos alimentos e a nossa farmácia viva. Sou parte da coletividade que nos une para a luta. Carrego epistemologias da cura que me fortaleceu quando me descobri com câncer de mama²³. De 1906 a 2018, sou a primeira a concluir uma graduação, formada em Serviço Social, através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA²⁴, na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Minha trajetória também é um registro de memória ancestral, são passos que vem de longe que me possibilitam a caminhada nas frentes de lutas contemporâneas. Seja no território ou na universidade, carrego comigo a força herdada de tantas matriarcas que me antecederam.

Lembro-me muito bem que adorava ir ver as mulheres dançado, todas vestidas de branco, como bem diz a cantiga de São Gonçalo, “vamos embora, menina (bis), pros campos da cachoeira (bis), todas vestidas de branco (bis), em trajes de lavadeira (bis)”. Quando dançamos, cantamos, mantemos viva a força da kalunga ancestral²⁵.

No artigo “Malungu ngoma vem!”: África coberta e descoberta do Brasil, de Robert W. Slenes (1991), o autor ressalta que a palavra Kalunga é de Origem Bantu, e possui diversos significados tais como: “companheiro de barco”, “companheiro de travessia da vida para a morte branca” e “companheiro da viagem de volta para o mundo, preto, dos vivos”. Esses significados estão relacionados a ressignificação do termo Kalunga, a partir destes povos e seu sofrimento devido a escravidão na América. Para a tradição Bakongo, por exemplo, “a pessoa poderia voltar da América para a África, através da Kalunga, não apenas como “alma”, depois da morte física, mas ainda durante a vida, se ela guardasse sua pureza de espírito (SLENES, 1991, p. 54). Ou seja, seus significados estão relacionados a renascimento e irmandade como forma de resistência aqui no Brasil.

Essa força que nos revigora, está presente em toda a performance do ritual, seja no vestir, no cantar, no contato com a mãe terra, nas sementes crioulas, na comida, no dançar. A Dança de São Gonçalo é a própria Kalunga, pois nos permite o encontro do passado com o

²³ Nós, mulheres negras quilombolas somos as mais afetadas pela anomalia, somos as que mais morrem.

²⁴ Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

²⁵ Sobre o significado de Kalunga, ver mais em: SLENES, Robert. “*Malungo ngoma vem!*”: África coberta e redescoberta do Brasil”. São Paulo: Revista USP, v. 12, 1991-92. pp. 48-67.

presente por meio dos antecedentes, revigorando nossas forças, para seguirmos lutando pela concretização de nossos direitos. Viva a luta dos povos quilombolas, de nós mulheres, que se nutre com a força e axé da kalunga presente no cotidiano do Quilombo Sítio Veiga. Assim, amava e amo ouvir a música, o ritmo, os passos firmes e leves em torno do chão batido, amassado pelos pés das mulheres do Veiga. Hoje sou eu que sigo esses passos, nutrida com a força da Kalunga, cada vez mais firmes sobre o nosso território sagrado²⁶.

Contudo, não posso omitir que a parte que mais gostava era quando chegava a hora do almoço, para além da diversidade de comida, era e continua a ser um momento de integração social de nós quilombolas com os apreciadores de fora da porteira, pois todas/os ficam ali juntas/os, conversando, trocando experiência, fazendo e fortalecendo os laços de amizade e fraternidade. No período de minha infância, foi uma época de muita fome, minha família era muito grande, dez irmãos: seis mulheres e quatro homens, além de meu pai e minha mãe. Esta era a composição e realidade de quase todas as famílias do Quilombo.

Uma reflexão vivida por uma mulher negra, a poeta Conceição Evaristo, que expressa bem esse sentimento meu, conforme o texto abaixo:

Lembro-me que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, na panela subia cheiro de algum. Era como se cozinhasse, ali apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob as águas solitárias que fervia na panela cheia de fome, parecia desabrochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida (EVARISTO, 2016, p. 16).

Por diversas vezes o que tínhamos era um pouco de feijão velho, que meu pai recebia como pagamento por sua força de trabalho de um dia todo, pouco mais que um litro de feijão velho. Era assim que os donos de serviços faziam, guardavam as melhores mercadorias (feijão, arroz, rapadura, farinha e mel) para seu consumo e as mercadorias velhas ou vencidas trocavam por serviços - limpar os roçados, cavar cacimba e construção de açudes. Estas eram uma das formas mais comuns de negociar a força de trabalho da maioria dos quilombolas do Sítio Veiga e de trabalhadores rurais das redondezas.

Como citei acima, o feijão velho não cozinhava direito e como éramos muitos para se alimentar, então minha mãe colocava muita água, para aumentar o caldo e assim complementar nossa refeição. Assim, era sabido por todas e todos que o dia da dança era um

²⁶ Os homens que compõem o grupo de São Gonçalo, são dois, que participam cantando e dançando em sintonia com o grupo de doze mulheres, eles estão com os pés calçados, diferentemente de nós mulheres, cujos pés permanecem conectados com o solo sagrado de nosso território.

dia de muita fartura e animação, que se configurava como um dos momentos mais importantes da convivência coletiva do Quilombo: comer! Sendo o alimento a própria energia que reforça nossa espiritualidade quilombola. No dia da Dança de São Gonçalo tínhamos a oportunidade de comer diversas carnes: porco, galinha, bode, peru, carneiro. Havia também muito macarrão, feijão, farofa, quanta fartura meu Deus! Enquanto isso em nossas casas, panelas vazias.



Figura 1: Jantar comunitário, ajuntamento de panelas na semana da Consciência Negra. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá, Ceará. Fonte: da autora, 2013.

Desse modo, a comilança da Festa de São Gonçalo é uma das melhores lembranças que tenho da infância, pois mesmo diante de todas as dificuldades presenciadas pelas famílias quilombolas cotidianamente, o dia da Dança de São Gonçalo era e continua a ser um momento de grande fartura, uma vez que as mulheres arrecadavam alimentos dentro e nos arredores do Quilombo para o almoço coletivo. Para este ritual eram e continuam sendo arrecadados diversos tipos de alimentos como: ovos, galinha, carneiro, porco e outros alimentos não perecíveis. Esta ação movida pelas mulheres do Veiga, de coletar, organizar e preparar a alimentação, faz com que haja comida para todos os participantes do ritual da Dança de São Gonçalo. Em “Antropologia e alimentação”, Ana Maria Canesqui (1988), ressalta a importância feminina nesse processo:

[...] o trabalho feminino no preparo da alimentação rege-se por regras: de economia e controle, morais, estéticas e de higiene, permeando o próprio trabalho doméstico referido à cozinha, ao uso dos equipamentos domésticos, aos cuidados com os alimentos e à casa e à alimentação da família. Comporta ainda aquele trabalho o dispêndio de tempo, uma organização específica, capacitação e treinamento. Este obtém-se mediante um processo de socialização no âmbito da família, resultando na

produção e reprodução de atuais e futuras donas de casa, incorporando-se regras e concepções que presidem o trabalho doméstico e o próprio consumo (Canesqui⁶). Quanto à inculcação das práticas de consumo na família, Guimarães²⁰ lembra o quanto as crianças são nelas socializadas, não sem resistências. Oliveira³³, por sua vez, aponta regras de economia e controle, de não comer fora de casa e fora de horário (CANESQUI, 1988, p. 213).

É neste espaço de socialização que aprendemos desde criança estes saberes-fazer, hoje percebo o quanto esta expressão cultural me envolve, o quanto me encanta e me faz bem, não tem como não amar. A comida partilhada na hora do almoço continua a ser um momento único, não por ausência de comida em nossas mesas, mas, por ser um momento em que estamos em torno da dança, festejando São Gonçalo, agradecendo as graças alcançadas, partilhando o alimento, memórias, histórias, fortalecendo o “eu” em “nós”. Ainda dialogando com Ana Maria Canesqui (1988):

A comida valorizada, que se dispõe, é aquela “capaz de sustentar o corpo, dar força e energia para trabalhar, a que enche a barriga, deixando a sensação de estar alimentado”. Trata-se enfim da “comida de pobre”, cuja lógica da insuficiência e da “barriga cheia” preside as práticas de consumo alimentar, sempre conjugadas aos determinantes gerais e específicos do consumo alimentar, concomitantemente de natureza econômica, ideológica e cultural. (CANESQUI, 1988, p. 214)

Portanto, a alimentação que sustenta o nosso corpo e fortalece a nossa alma, é fundamental para continuarmos dançando, cantando e encantando São Gonçalo de “barriga cheia”, como ressalta Canesqui (1988). Assim, cada vez que comemos, ouvimos, cantamos e dançamos, somos envolvidas por um profundo sentimento de pertença que toma todo o ser.

A história então aqui contada, se concentra nas vivências de nossas ancestrais que por intermédio da Dança de São Gonçalo vivem em nós, cimentando as gerações, são elas: minha tataravó (Maria Fernandes, o que se sabe é que chegou no Quilombo Sítio Veiga por volta de 1906, como já mencionado), bisavó (Luzia Ribeiro, morreu por volta de 1920), avó (Maria Luzia Eugenio 1910-1996), minha mãe (Maria do Socorro, 1939-2021), eu, Ana Eugenia (1973), minha sobrinha Tainara Eugenio (1997), e minhas primas, Jaqueline Silva (1995), Bruna Ribeiro (2001), Geiciele Campos (2003) que iniciaram a dança ainda na adolescência. Juntas/os compomos e somos responsáveis por manter viva a nossa tradição cultural, que já dura mais de um século. Essa dinâmica entre as mais velhas e as mais novas faz com que a tradição se mantenha firme, como nos mostra o trecho a seguir:

Dos grupos culturais que existiam antigamente no Sítio Veiga, único que sobrevive e se mantém na atualidade é o grupo da Dança de São Gonçalo, que já tem mais de 100

anos que foi trazido para a comunidade pelo casal fundador, seu Chiquinho Ribeiro, o famoso Pai Xigano, e por sua esposa Dona Maria Fernandes da Silva, conhecida como Mãe Véia. Essa tradição vem sendo passada de geração em geração até chegar aos dias atuais. Hoje ela é liderada por Seu Joaquim, que é reconhecido como Mestre de Cultura pela SECULT (Secretaria de Cultura do Estado do Ceará) (VON BEHR, 2007, p.75).

A dança é de extrema relevância para as famílias quilombolas, tendo em vista que a organização do festejo é realizada pela maioria das mulheres que residem no Quilombo. Além do Quilombo Sítio Veiga, a Dança de São Gonçalo está presente em diversas regiões, e cada uma delas apresenta variações no cantar, no dançar, no quantitativo de pessoas que compõem o grupo de dançadeiras e dançadores. Embora, ainda haja uma participação cuja centralidade está na mulher para a realização dos festejos.

Todas as reflexões acerca das lutas das resistências e resiliências das populações negras quilombolas supracitadas ocorrem através da oralidade e tem as mulheres como protagonistas desse processo sócio-histórico. Para essa pesquisa, então, fizemos uso da Oralidade ancorada na ancestralidade passada de geração em geração. Destacamos que a Oralidade são narrativas cujas essências estão enraizadas desde o passado até as lembranças vivas dos de hoje. As tradições da Oralidade superam o espaço e o tempo, onde as objetivações e as vivências são elementos fundantes em torno da manutenção da vida, sendo ela individual ou coletiva. Somamo-nos a voz de Amadou Hampatè Bâ, a tradição oral é de suma importância na transmissão do conhecimento, pois é uma escola da vida: “Fundada na iniciação e nas experiências, a tradição oral conduz o homem [a humanidade] a sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem [humanidade] particular, para esculpir a alma africana” (1982, p.183). Pensando na contribuição da tradição oral para a criação de um tipo de mulher particular, é que percebemos a importância da Dança de São Gonçalo, praticada pelas mulheres do Quilombo que esculpem a alma do território e de todos os filhos dessa terra.

Assim, nós mulheres quilombolas do Sítio Veiga, aprendemos e ensinamos o zelo pela Dança de São Gonçalo, o manuseio com a terra, com as plantas medicinais e a enfrentar e superar as dores. Neste sentido, o território quilombola é uma escola viva e sentida, onde os saberes e sabores são experimentados cotidianamente por nosso povo, mas que também são partilhados com os que vêm de fora da porteira de nosso Quilombo. E é sob este espaço em que o ensino e aprendizado são construídos, absorvidos e transmitidos para as gerações futuras. Compreendemos que tudo o que temos e somos foram e são construídos por nós, repassados para nós através das mulheres matriarcas do Veiga.

Comunga na mesma linha o antropólogo Raul Altuna, em *Cultura tradicional Bantu* (2006). O mesmo afirma que a tradição oral é um tesouro comunitário com funções diversas que compartilham entre si, seja nas manifestações artísticas, no culto religioso e na vida em sociedade. Na oralidade a palavra é central, pois ela é o caminho de conservar e de transmitir o patrimônio cultural.

Seguindo o mesmo ritmo, Susana Nunes afirma que a tradição oral, é uma fonte histórica capaz de construir o passado de muitos povos: “São fontes históricas cujo carácter próprio está determinado pela força que revestem: são orais e não escritos, e tem a particularidade de que cimentam de gerações em gerações na memória dos homens [das humanidades]” (NUNES, 2009, p.37).

Trilhando com os passos de Nego Bispo (2019) em sua poesia *Fogo!*²⁷, ele vem a enriquecer nossas reflexões em torno da oralidade transmitida pelos nossos ancestrais, destacando que diante de toda perseguição e opressão vivida por nós e pelos nossos, a Oralidade é o elemento que perpassa o tempo e o espaço, ferramenta e fermento de nossas lutas e resistência, marca viva e sentida de nossa ancestralidade.

Neste sentido, a oralidade é uma das formas de expressão dinâmicas pela qual se transmite e se perpetuam os conhecimentos, o jeito de ser e de viver, ou seja, é a memória coletiva, legados pelos ancestrais aos povos vindouros, é o princípio, o meio e a base de quem somos como somos, é memória dos que foram e são. Assim a Dança de São Gonçalo é a marca viva e atuante da ancestralidade nas mulheres quilombolas do Sítio Veiga a qual faço parte. Todo esse processo ocorre através da Oralidade, que antecede a escrita. Cabe salientar, que a Oralidade carrega em si a valorização das subjetividades, crenças, emoções, possibilitando a intensidade e riqueza dos detalhes.

Desta forma, tratar as questões subjetivas, do ponto de vista da história acerca das matriarcas e a Dança de São Gonçalo do Quilombo Sítio Veiga, em que os sentidos atribuídos pelos sujeitos, bem como a compreensão que há na memória certas tensões entre a presença e a ausência de referencial, que o dualismo apresenta demasiadas riquezas de informações traçadas nesta pesquisa.

²⁷ “Fogo!.../Queimaram Palmares,/Nasceu Canudos./Fogo!.../Queimaram Canudos,/Nasceu Caldeirões./Fogo!.../Queimaram Caldeirões,/Nasceu Pau de Colher./Fogo!.../Queimaram Pau de Colher../E nasceram, e nascerão tantas/outras comunidades que os vão/cansar se continuarem queimando/Porque mesmo que queimem a escrita,/Não queimarão a oralidade./Mesmo que queimem os símbolos,/Não queimaram os significados./Mesmo queimando o nosso povo,/Não queimarão a ancestralidade.” (NEGO BISPO, 2019, p. 33)

2. O QUILOMBO SÍTIO VEIGA: TERRITÓRIO ANCESTRAL

Segundo Daniele Cristine Gadelha Moreno (2014, p. 35-36), existe “uma imagem cristalizada no senso comum sobre a ausência de negros no Ceará”, afeta também as nossas identidades, e conseqüentemente nossas produções e expressões culturais.

Essa imagem, ainda de acordo com a autora, foi produzida intencionalmente pelo Instituto Histórico e Geográfico do Ceará usando como principal argumento a organização socioeconômica do Estado do Ceará, que era majoritariamente voltada para as pequenas lavouras e criação de gado, e por não necessitavam da mão de obra escrava em larga escala.

A autora ainda ressalta a citação de Eurípedes Funes (2007), sobre a:

“[...] lógica cruel e perversa de associar o negro à escravidão” (FUNES 2007, p. 103), uma vez que relaciona a sua existência somente no cativo e como escravizado, não observando a possibilidade de essas populações ocuparem o território sob novas condições enquanto sujeitos livres ou mesmo fugitivos. (FUNES, 2007, p. 103 apud MORENO, 2014, p. 37)

Esse trecho expõe muito bem a face racista da sociedade cearense, tanto pela essencialização do negro brasileiro no lugar de escravo, quanto pela negação da população negra no estado, e que até hoje contribui com nossa cultura e economia, e também pelo ideário de miscigenação facilitado pelo “pequeno número” de negros no estado, e evidenciando as estratégias de embranquecimento da população, defendido por muitos pensadores da época, tendo como seu maior expoente o Sociólogo e Historiador Gilberto Freyre, em seu livro sobre a formação social do Brasil: “Casa Grande & Senzala” (1933).

Alex Ratts, em seu livro intitulado Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas (2009, p. 103-104) nos diz também que “uma parte da antiga intelectualidade cearense, mesmo corroborando a ideia da ‘quase ausência do negro’, na expressão do historiador Raimundo Girão, encontra indicações da existência de comunidades negras”, e que os primeiros agrupamentos negros no estado do Ceará são identificados no final da década de 70 e início da década de 80. Sendo esses as comunidades Conceição dos Caetanos no município de Tururu, e mais três agrupamentos negros no município de Aquiraz, chamados Goiabeiras, Lagoa do Ramo e Vila dos Pereira.

De acordo com Alex Ratts (2009, p. 104):

“[...] a face negra do Ceará começa a ser vista num desenho mais completo, com o reconhecimento oficial de quilombos pelo governo federal. Primeiro, Conceição dos Caetano em 1998, pela Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura. Depois Bastiões, em Iracema, é contemplada com projetos federais. E agora, a comunidade dos Souza em Porteiras. (RATTS, 2009, p. 104)

Esses agrupamentos negros rurais obviamente já eram quilombos, havendo a necessidade de um tensionamento por parte dos movimentos negros de realizar através do seminário “Negrada negada: o negro no Ceará” em 1992, pelo Fórum de Entidades Negras, organizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), e o 1º Encontro de Comunidades Negras do Ceará, ocorrido em Quixeramobim, em 1998, PAN - Projetos Agrupamentos Negros, e contando com a representantes de Conceição dos Caetanos, Goiabeiras, Bastiões, Mundo Novo e outras localidades” (RATTS, 2009, p. 104-105)

Em relação a identidade quilombola, existem um conjunto de relações que justificam as nossas especificidades enquanto comunidade negra rural e quilombola, características estas que nos definem enquanto unidade-coletivo que negocia a negritude e afrodescendência e que constrói, em suas ações políticas, sociais e culturais, o movimento negro. Há que se destacar, além do mais, que o povo negro é diverso e não pode e nem deve ser homogeneizado.

As particularidades a seguir demonstram esse pertencimento identitário quilombola vivenciado nas práticas coletivas; na agricultura de subsistência, que é o cultivo da terra para produção de alimentos; na conexão com o espaço geográfico onde vivemos; na luta pela posse definitiva desses territórios para nossa manutenção sociocultural; nos laços de parentescos entre as famílias; no uso da oralidade como tradição utilizada para passar e repassar nossos conhecimentos pelas gerações; e nas expressões culturais presentes nos territórios quilombolas que também são repassadas através das gerações. Além disso, Ratts (2009) ainda reforça que:

Para caracterizar um quilombo damos prioridade à autodefinição dos moradores de uma localidade negra que reconhecem seu lugar como um quilombo ou como “remanescente de quilombo”: o lugar onde seus antepassados desenvolveram um modo de vida que, apesar de algumas mudanças, é preservado; onde o grupo tem seus critérios de pertencimento para definir quem é ou não do quilombo [...]” (RATTS, 2009, p. 57)

Dialogando com Ratts (2009), nós, famílias quilombolas do quilombo Sítio Veiga, estamos neste território há mais de um século cuidando e preservando os nossos conhecimentos e tradições, como por exemplo a Dança de São Gonçalo, presença viva mantida por nós mulheres quilombolas.

Cabe destacar que essas particularidades enquanto movimento negro quilombola não nos separa, pelo contrário, nos fortalecem ainda mais para lutarmos pela garantia de nossos direitos, pois a violência praticada pelo racismo atravessa nossos corpos, seja no campo, seja na cidade.

Para Ivan Costa Lima (2017), é necessário sempre uma descrição focada em uma caracterização do Movimento Social Negro para compreensão das relações étnico-raciais e sua diversidade no Brasil em relação a população negra, dado que o Movimento Negro se constitui de diversas formas de organização de negras e negros e suas resistências (LIMA, 2017, p. 24). E entre essas diversas formas de luta e resistência encontradas entre diversidade de populações negros, está a luta dos quilombos, a nossa luta.

A identidade quilombola para nós é ancestral, por isso é tão importante, é também um mecanismo de luta para que nossa identidade quilombola seja visibilizada. Neste sentido, é relevante que, quando for mencionado o nome desta população, usem-se sempre os termos: população negra quilombola e não somente população negra, ou mesmo Movimento Negro Quilombola, e não somente Movimento Negro.

Como reza o dito popular “quem não é falado, também não é lembrado”, a nossa identidade não pode estar sempre atrelada a uma homogeneização dentro da população negra, ou em ações dentro do Movimento Negro. Destaco que não se trata de uma negação, ou oposição entre identidades negras e negras quilombolas, ou mesmo entre Movimento Negro e Movimento Negro Quilombola, mas o reconhecimento de nossas especificidades enquanto movimento negro quilombola, que constrói o Movimento negro e é construído por ele.

Ainda de acordo com Matos (1999b, p. 126 apud LIMA, 2017, p. 24):

[...] o Movimento Negro enquanto luta de grupos organizados contra o racismo nasce antes de 1888, desde o seu desdobramento do solo africano, nos navios de travessia, como atestam as análises e relatos históricos sobre quilombos, identificados historicamente como organizações de negros. (1999b, p. 126 apud LIMA, 2017, p. 24)

Assim, refletir sobre identidade negra e identidade negra quilombola sempre me faz pensar em uma grande árvore, que possui diversos galhos, cada um de seus galhos sendo diferentes, e essa diferença não anula seu pertencimento, pelo contrário acrescenta. As desigualdades causadas pela violência racial atingem todos os corpos pertencentes a estes grupos, sejam do movimentos negro ou do movimento quilombola, sejam do campo ou da cidade. E mesmo atingidos de forma diferente, é importante ter em mente, que grupo possui singularidades. Cada grupo vivencia a violência racial de uma forma diferente.

Portanto, destaco que estes movimentos, O Movimento Negro e o Movimento Negro Quilombola, mesmos com suas peculiaridades, encontram-se aglutinados estabelecendo alianças para o enfrentamento e o combate ao racismo, violência sofrida diariamente, recorrendo sempre à coletividade.

2.1. Quem Somos, Onde Estamos

A comunidade Remanescente de Quilombolas do Sítio Veiga é uma comunidade tradicional quilombola e rural, localizada no distrito de Dom Maurício²⁸, também conhecida como Serra do Estevão, também conhecido como Dom Mauricio. Serra do Estevão é um dos pontos turísticos do município de Quixadá-CE. O Quilombo fica a 3 km da sede do distrito Dom Maurício, 8 km do município Choró-Limão e a 22,9 km da cidade de Quixadá, no estado do Ceará.

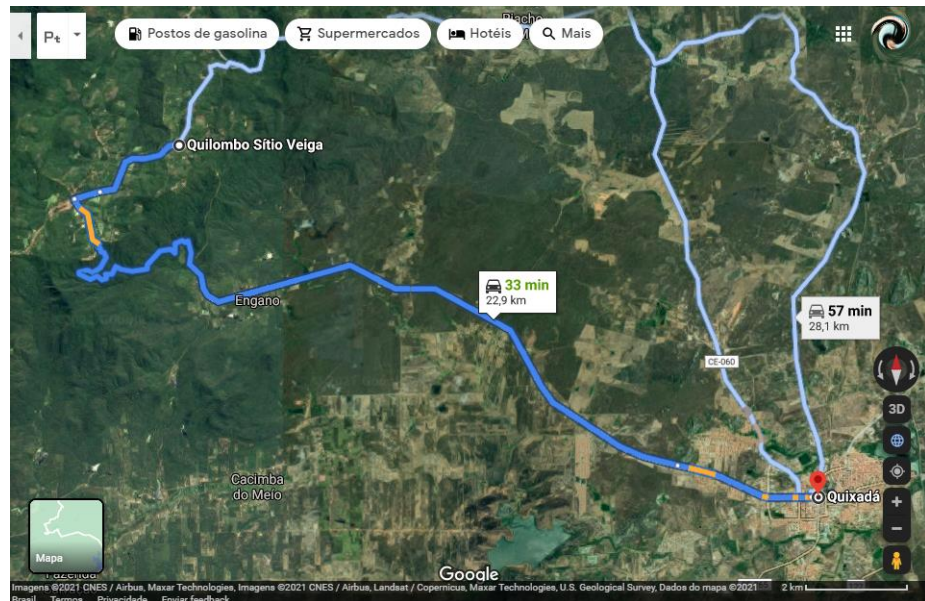


Figura 2: Mapa de Quixadá ao Quilombo Sítio Veiga, Ceará. Fonte: Google Maps, 2021.

Quixadá é uma cidade localizada no Sertão Central do Ceará, no Nordeste do Brasil, e é conhecida por seus pontos turísticos exuberantes como as formações rochosas, a Pedra da Galinha Choca, A Pedra do Cruzeiro, além outros pontos turísticos como o Açude do Cedro, o Santuário Rainha do Sertão, e o mosteiro Santa Cruz. Além de locais históricos como a Fazenda

²⁸ Monge Beneditino, incumbido na construção do Mosteiro, mas também construiu um edifício de ensino, com a finalidade de ensinar a população quixadaense, contudo passou a ser uma das figuras da família beneditina da Serra do Estevão. (SOUSA, 1960, p. 20-21).

Não me Deixes, onde morava a escritora Rachel de Queiroz, e o espaço memorial Chalé das Pedras que comporta pertences e obras da escritora, ou mesmo a Casa de Saberes Cego Aderaldo. Além de vários polos educacionais de ensino superior público como a Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC, o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, e Universidade Federal do Ceará - UFC campus Quixadá. De acordo com Iana Barbara Oliveira Viana Lima e Marta Celina Linhares Sales (LIMA & SALES, 2018):

Em Quixadá, existe uma significativa riqueza geomorfológica, com enfoque nos *inselbergs*, considerados o cartão postal da cidade, sendo um grande atrativo para o desenvolvimento do geoturismo. O município é conhecido nacionalmente e internacionalmente, sobretudo pelas práticas de turismo radical, conhecido com um ponto de destaque na prática de voo livre, em virtude de suas características geoambientais, recebendo turistas durante todo o ano. (LIMA & SALES, 2018, p. 4)

Essa variabilidade geomorfológica denota a importância que os relevo e o clima de Quixadá tem, e como estes aspectos geográficos contribuem para o turismo local. Além disso, o exemplo da Serra do Estevão, como traz o autor Francisco Paulo Fernandes Lima (2012), a partir de uma entrevista com a ex-presidenta do Centro Cultural Rachel de Queiroz, na qual coloca o exemplo do turismo religioso em suas duas perspectivas, um tradicional, localizado na Serra do Estevão em D. Mauricio e o moderno e o Santuário Mariano na serra do Urucum, com sua arquitetura moderna, a exemplo da rampa de voo livre (LIMA, 2012, p. 76-77).

No entanto, gostaria de salientar que, embora mencione a cultura do ponto de vista da religião católica, de maneira um tanto requintada, ao citar a comunidade quilombola do Sítio Veiga, que possui mais de um século de existência, resistência e resiliência, ela se detém somente a duas linhas, ou seja trazendo pouquíssimas informações no que diz respeito a nossa história. E vale ressaltar que, no município de Quixadá, a população pouco tem conhecimento acerca da existência do Quilombo Veiga e isso é mais agravante quando ocorre no âmbito institucional municipal, a exemplo das diversas secretarias municipais do estado do Ceará, que demonstraram, sobretudo, no período de vacinação destinada às comunidades quilombolas, um total desconhecimento destas e de seus respectivos territórios, como o caso da comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati-CE.

O Quilombo Veiga é uma comunidade rural, localizada no município de Quixadá - CE, no sertão central, e é composto por 46 famílias quilombolas, estas têm como renda principal a agricultura de subsistência, quintais produtivos e criação de animais de pequeno e médio porte, contam ainda com programas sociais como Bolsa Família e aposentadoria rural. As

principais sementes plantadas para produção de alimentos humano e animal são variedades de milho, feijão, fava, jerimum, melancia, plantas frutíferas e verduras; nos quintais produtivos, quando há excedente, a produção é vendida dentro e nos arredores do município, para complementar a renda familiar.

No ano de 2009, o Quilombo conquistou com a Fundação Cultural Palmares o certificado de reafirmação e confirmação como comunidade remanescente quilombola, neste mesmo período deu-se início a primeira Semana da Consciência Negra, visando o fortalecimento da identidade e a busca pela garantia de direitos. Cabe ressaltar que desde então a Dança de São Gonçalo é realizada dentro da semana, visto que antes a mesma só ocorria quando havia promessas.



Figura 3: Cartaz de Divulgação da VII Semana da Consciência Negra do Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Arquivo da comunidade, 2017.

Em 2012, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em comunhão com a Associação dos Remanescentes dos Quilombolas do Sítio Veiga, iniciaram o

Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID). A conclusão do mesmo se deu em 2013, com a demarcação do território, decorrente dos processos políticos de organizações quilombolas, que possibilitaram esses rearranjos estratégicos entre os remanescentes por via de encontros na esfera municipal através do Projeto Dom Hélder²⁹, estadual a partir da CEQUIRCE e nacional com a CONAQ³⁰, entre outros movimentos sociais, como as CEB's (Comunidade Eclesial de Base), MST (Movimento Sem Terra), Cáritas, CPT (Comissão Pastoral da Terra), Movimento Negro, etc. Esses encontros, tal como os ocorrido na segunda metade do século XX, que acarretaram na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatadas de Intolerância, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), de 31 de agosto a 8 de setembro de 2001, em Durban, África do Sul (GOMES, 2017, p. 34), conferem uma sequência estratégica de organização das populações racialmente discriminadas na luta pela garantia de seus direitos, em especial, a demarcação dos territórios para as populações quilombolas.

Desse modo, no dia 26 de janeiro de 2017, por meio da Portaria Normativa INCRA Nº 33, o território quilombola do Veiga foi reconhecido e publicado no Diário Oficial da União, conforme o Art. 1º da Portaria citada, fica disposto: Reconhecer e declarar como terras da Comunidade Remanescente de Quilombo Sítio Veiga, a área de 967,1200 ha (Novecentos e sessenta e sete hectares e doze ares), situada no Município de Quixadá, no Estado do Ceará (BRASIL, 2017). Como demonstra o mapa abaixo:

²⁹ Dom Hélder Câmara (1909 - 1999), religioso e bispo católico, aos 14 anos entra no seminário da Prainha de São José, em Fortaleza - CE, e aos 22 anos foi ordenado sacerdote. Ajudou a fundar a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 14 de outubro de 1952. Foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife, em março de 1964. Combateu a ditadura militar e criou projetos para o Nordeste de combate às desigualdades sociais. Por Dilva Frazão (<https://www.ebiografia.com/dom_helder_camara/> Acesso em 08/07/2021)

³⁰ “Em 1996, a Conaq, constituída no I Encontro Nacional das Comunidades Quilombolas, o principal veículo de interlocução das comunidades em todo o Brasil, e o poder público, em defesa de seus direitos, apontou para dentro do Estado brasileiro a importância de se elaborar políticas públicas de se elaborar políticas públicas voltadas para as comunidades quilombolas.”(SILVA, 2012, p. 46)



Figura 4: Território Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - Ceará.

Fonte: Google Maps, 2021.

Cabe ressaltar que nos últimos (des)governos, golpe pós golpe³¹, essas políticas públicas voltadas às populações rurais, em específico do semiárido, foram sistematicamente atacadas, conforme no trecho abaixo:

O Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan) foi a primeira vítima do desmonte. Recriado por Lula em 2003, o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) foi extinto por meio da primeira medida do governo Bolsonaro, em 01/01/2019. A medida nos transporta para 1994, quando o Consea havia sido extinto por FHC. A extinção do Consea sob Bolsonaro foi o ponto de partida para desorganizar políticas que, nos governos Lula e Dilma, se tornaram referência no mundo. São exemplos dessa desorganização a completa desidratação do PAA e do Programa de Cisternas, as ameaças de acabar com o Guia Alimentar da População Brasileira e o esfacelamento das políticas voltadas à agricultura familiar e campezina (CAMPELLO; BRANDÃO, 2021).

Assim também a Educação, Saúde, Meio Ambiente, Previdência Social, passam por desestabilizações de seus fomentos, o que vem acarretando cada vez mais a manutenção das desigualdades sociorraciais, como afirmado anteriormente sobre os ataques às políticas públicas direcionados a população quilombola nos dois últimos Governos.

Olhando de dentro do Quilombo, no âmbito da saúde a comunidade recebia atendimentos dentro do território mensalmente, a despeito do Programa Mais Médicos, encerrado no começo de 2019, desembocando numa maior fragilidade da população quilombola do Veiga no acesso à saúde pública e de qualidade, o que contraria a Política Nacional de Saúde

³¹ (Des)governos de: Michel Temer 2016 - 2018 - PMDB, e Bolsonaro 2019 - atualmente sem partido.

Integral da População Negra (PNSIPN - Portaria nº 992 de 13 de maio de 2009); o acesso às tecnologias sociais foi paralisado, assim como o processo de posse do território.

Porém, a posse definitiva do território atualmente se encontra com entraves na Justiça Federal, em decorrência de questionamentos por parte de latifundiários que não reconhecem as terras demarcadas no processo atuante do INCRA como território de direito das famílias quilombolas do Veiga. Outro fator determinante para o acontecimento da posse do território, se dá no âmbito da esfera política dos governos subsequentes a publicação da demarcação das terras quilombolas no Diário Oficial da União, que defrontam-se de forma ideológica contra os direitos das populações tradicionais, conforme tece garantido pela Constituição Federal de 1988 e Convenção nº 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) sobre Povos Indígenas e Tribais³².

No site Carta Capital, em 18 abril de 2017, é informado que os cortes orçamentários pelo Governo Temer distanciam os Quilombolas de seus territórios. Na época, o então Deputado Federal Jair Bolsonaro (PSC - RJ), ensinou que o povo quilombola não trabalha e que gasta-se “1 bilhão de reais” com eles (CARTA CAPITAL, 2017).

Já no Brasil de Fato, publicado em 08/09/2020, a matéria ressalta que o Governo de Bolsonaro reduz verba para a reforma agrária, e amplia indenizações a ruralistas. Ou seja, dá continuidade aos cortes orçamentários destinados às políticas públicas referentes à população quilombola e seus territórios (BRASIL DE FATO, 2020).

Já na entrevista com Nilce Pontes, liderança da CONAC, a mesma afirma que não é possível haver avanços para a população quilombola no Governo de Bolsonaro, pois ainda em sua campanha o mesmo já se mostrava inimigo da população Quilombola, com suas falas ofensivas proferidas em vários discursos (MÍDIA NINJA, 2021).

Embora o direito ao território esteja assegurado mediante às legislações nacionais e internacionais, a luta pela posse definitiva do território quilombola continua sendo um entrave para as famílias que ali residem e resistem, visto que suas plantações são realizadas ainda em terras de terceiros. Assim sendo, parte do que é produzido fica para o posseiro, até mesmo as forragens³³. Este fator impede que as famílias quilombolas criem animais de grande porte, como gados, cavalos e etc. Prejudicando assim os modos de manutenção de vida nas diversas formas de ser, cultural e social.

³² Resolução adotada em 26 de junho de 1989 pela Conferência Internacional do Trabalho, em sua 76ª Sessão.

³³ São plantas ou parte das plantas, sejam elas verdes ou secas. Servem de alimentação para os animais após a colheita.

Como nossos antepassados que viviam da agricultura, as famílias mantêm o hábito de plantar para o próprio consumo humano e de seus animais, quando há sobras de produção, estas são comercializadas dentro e fora do território. A cada ano a colheita de seus roçados abastecem as casas e para as safras seguintes são guardadas as melhores sementes. Situo a responsabilidade e ritualística assegurada às mulheres do Quilombo Veiga no processo da agricultura, pois estas participam de forma direta e indiretamente do preparo da terra, do plantio, da colheita, da seleção de sementes e do armazenamento, como nos foi repassado o legado ancestral. Para tanto a comunidade edifica Casa de Sementes Pai Xigano, conforme no trecho citado:

O hábito de guardar e compartilhar, o desejo de não depender do fornecimento do governo e a consciência do valor das sementes crioulas para a biodiversidade e para a saúde humana fizeram com que a comunidade iniciasse, em 2010 a construção de uma casa de sementes com estoque coletivo mantido por doações [...]. O Feijão pingo de ouro, o ligeiro, o roxo e o milho ibra, são algumas das espécies cultivadas no Sítio Veiga desde sua origem, e que agora estão guardadas na casa de sementes Pai Xigano, nome escolhido pelos moradores do Veiga em memória do seu fundador. Eles perceberam que as sementes nativas são resistentes ao clima, as espigas de milho são maiores e produzem bastante palha para alimentar os animais (CANDEEIRO, 2016, p. 01).

É neste território, que as famílias quilombolas residem em um aglomerado de casas, cujo os pequenos terrenos foram herdados pelos seus ancestrais. Com o aumento das famílias, o espaço ficou cada vez mais limitado, a ponto de impedir que algumas famílias deixem de receber reservatório de água, aumentando ainda mais o grau de vulnerabilidade, visto que a água e o acesso à terra são ferramentas importantes para a manutenção das famílias que ali vivem.

Mesmo com pouca água e espaços limitados, os quintais produtivos são ricos e diversos, produzem e auxiliam na renda familiar. Nestes são plantados remédios caseiros como hortelã, malvarisco, corama, capim santo, cidreira entre outros; fruteiras como: ateira, mamoeiro, goiabeira, limoeiro, graviola, seriguela e outras; hortaliças: coentro, cebolinha de folha, pimentão, pimenta de cheiro e animais de pequeno e médio porte como: galinha, capote, pato, porco, cabra e jumento³⁴.

³⁴ Este é um dos únicos animais de grande porte que está presente em algumas famílias, uma exceção pois este é utilizado para auxiliar as famílias nos afazeres da casa como abastecimento de água e para o transporte da produção agrícola.



Figura 5: Quintal produtivo no Quilombo Sítio Veiga.
Fonte: Rosemeire Maciel, 2021.

No ano de 2004, chega no Veiga 28 cisternas de placa³⁵, do Programa 1 Milhão de Cisternas (P1MC), política pública do Governo Federal, uma conquista que é fruto de lutas dos movimentos sociais para a convivência com o semiárido, desenvolvido em uma parceria entre o Governo Estadual do Ceará, através da Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA), e o Fórum Cearense pela Vida no Semiárido, através do Instituto Antônio Conselheiro (IAC), cuja sede se localiza em Quixeramobim - Ce.

Além das cisternas de placa destinadas ao consumo humano, as famílias receberam também 5 cisternas calçadões pela Organização Barreiras Amigo Solidário (OBAS) e 17 cisternas de enxurrada para captação de água da chuva, pelo IAC, através do P1+2 (Programa 1 Terra e 2 Águas) uma terra e duas águas, ou seja, a família tem a terra que é o seu quintal, a 1ª água destinada para o consumo familiar e a 2ª água destinada para a produção de alimentos (hortas, farmácias vivas, fruteiras e animais de pequeno porte).

A chegada das cisternas de placa e as cisternas P1+2, tanto para o consumo humano, quanto para a produção de alimentos, impulsionou de forma significativa a complementação da renda familiar, uma vez que o Veiga sempre foi e continua a ser um local onde o acesso a água é uma grande questão. Com a implementação das políticas públicas, como as tecnologias sociais das cisternas para a produção de alimentos e do consumo humano, as dificuldades vividas pelas famílias quilombolas foram amenizadas. Além disso, programas sociais como o Bolsa Família, Seguro Safra e aposentadoria rural, foram fatores que contribuíram para diminuir os impactos causados pelos processos sócio-históricos decorrentes das desigualdades raciais enfrentados por esta população. De qualquer forma, a principal renda dos remanescentes de quilombolas do Sítio Veiga é oriunda da terra e dos quintais produtivos.

³⁵ São reservatórios que captam e guardam água da chuva para ser utilizada nos meses escassos.

2.2. Luta e Resistência Quilombolas no Brasil

A história dos Quilombos no Brasil, se dá com a chegada forçada dos negros que vieram trabalhar na condição de escravizados neste país. Essas comunidades brotaram pelo anseio de liberdade no final do século XVII, no estado de Alagoas, pois não aceitavam as condições impostas (LEAL, 1995). Enveredando na biografia de Beatriz Nascimento, “Eu sou Atlântica” (2006), escrita pelo antropólogo e historiador Alex Ratts, são abordadas questões e características fundamentais para determos a noção de Quilombo traçada nesta pesquisa.

Segundo Beatriz Nascimento, as autoridades colonialistas do século XVII, atribuíam os Quilombos como “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (RATTS, 2006, p. 19). Nascimento salienta que para além dessa perspectiva de Quilombo arcaico, é necessário um esforço historiográfico para analisar e entender os Quilombos de acordo com as suas estruturas e dinâmicas no tempo, “de modo geral define-se Quilombo como se em todo tempo de sua história fossem aldeias do tipo que existia na África, onde os negros se refugiavam para “curtir o seu banzo” (NASCIMENTO apud RATTS, 2006, p. 120).

Entender a comunidade como campo de pesquisa nos remete a compreensão da construção histórica deste lugar – o Quilombo. Nesse espaço, Palmares é o retrato da resistência e a principal referência no que diz respeito aos Quilombos. Palmares produziu para a história um quadro referencial de lideranças como Aqualtune, Ganga Zumba, Dandara e Zumbi merecendo destaque nos dias de hoje. Palmares foi fundado mediante sucessivas fugas no entorno da antiga província de Pernambuco, localizando-se na Serra da Barriga, no então estado de Alagoas, contava com dezenas de mocambos distribuídos pelo território.

De acordo com Flávio dos Santos Gomes, em seu trabalho “De Olho em Zumbi dos Palmares: Histórias, símbolos e memória social”, no marco de sua primeira liderança, Aqualtune, princesa africana, que foi sequestrada para trabalhar na condição de escrava no Brasil, tornou-se um símbolo de poder feminino negro até os dias atuais. Após a morte de Aqualtune, seu filho Ganga Zumba torna-se o então líder dos mocambos dos Palmares. Devido às negociações entre Ganga Zumba e o regime colonial da Província de Pernambuco, os mocambos se dividiram entre os que apoiavam os acordos de paz com a colônia e os que recusaram esse tratado, permanecendo no Quilombo (GOMES, 2011, p. 61).

Esta parcela resistente no território, foi liderada por Zumbi, sobrinho de Ganga Zumba e neto de Aqualtune, que assumiu a frente dos Palmares junto a Dandara, tornando-se um grande guerreiro para a história dos Quilombos no Brasil. Depois de diversos ataques, Palmares foi destruído e o líder Zumbi dos Palmares foi morto em 20 de novembro de 1695. Para o autor e militante do Movimento Negro Unificado - MNU, Abdias do Nascimento, em seu livro “O Quilombismo - Documentos de uma militância pan-africanista”, o Quilombo dos Palmares formou indubitavelmente um verdadeiro Estado Africano - pela forma de sua organização socioeconômica e política - conhecido na história como a República dos Palmares (NASCIMENTO, 1980, p. 46). Sua cabeça foi exposta em Recife como forma de amedrontar seus seguidores (LEAL, 1995).

Diversos Quilombos surgiram no Brasil foram fundados por pretos que experimentaram a fuga como reação ao colonialismo (RATTS, 2006, p. 122). O crescimento destes espaços de luta em defesa da liberdade fez nascer muitas outras comunidades livres em todo o Brasil. Segundo Leal (1995), o termo Quilombo está associado como um espaço de onde os negros se refugiavam de seus senhores, um lugar de difícil acesso. Porém, para Ratts, a noção de Quilombo se amplia para além da ideia de “redutos de escravos fugitivos” (RATTS, 2009, p.105), o que para nós quilombolas do Veiga se expressa como o próprio chão de nossa existência, por onde resistimos plantando nosso alimento, cultivando nossa cultura, dançando o nosso sagrado.

Nos Quilombos há uma valorização das tradições culturais dos nossos ancestrais, história comum, consciência de sua identidade étnica. De acordo com Mascarenhas (2009), a construção do conceito de Quilombo parte da autodefinição como princípio de autoria histórica também presentes nas discussões sobre as identidades étnico-raciais. Cabe ressaltar, que o conceito de Quilombo tem promovido a reflexão histórica e política desde a década de 1970, pelo qual o Movimento Negro³⁶ muito tem contribuído para ressignificar o estudo dos Quilombos na história do Brasil.

Para Deivison Moarcir Cezar de Campos (2006), com a abolição de 1888, concedida através de tensionamentos das/os que se opunham ao escravismo da coroa

³⁶ GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação/** Nilma Lino Gomes. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Arilson dos Santos. **Quilombola e educação: vivências de ações afirmativas em três regiões brasileiras.** MÉTIS: história & cultura - v.17, n.33, p.103-133, Jan./jun.2018.

LIMA, Ivan Costa. **História da educação do negro(a) no Brasil: pedagogia interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo/** Ivan Costa Lima. - 1.ed. - Curitiba: Appris, 2017.

portuguesa, vieram diversas consequências e desafios para as populações de negras e negros “recém libertas/os”, ou já aquilombados, que dificultaram a sua inserção no mercado de trabalho e também na sociedade brasileira até os dias atuais, e o acesso a direitos básicos. Durante o período pós-abolição, as populações negras continuam ignoradas pelo poder público. Assim, houve a necessidade de se formar agrupamentos comunitários de maneira subversiva de organização e resistência pela construção de um novo espaço social (CAMPOS, 2006).

Frente a essas adversidades, que os grupos negros que já atuavam socialmente, seja na autonomia dos quilombos, seja na luta abolicionista por libertação, continuaram a se organizar e criar estratégias para sobrevivência, como ressalta Deivison Moarcir Cezar de Campos (2006, p. 33), por exemplo, “[...] foram criados grupos de ajuda mútua, como a União dos Homens de Cor, em 1943, e clubes sociais”.

Deivison Campos, afirma ainda que:

A União dos Homens de Cor é um exemplo de entidade de ajuda mútua. Fundada em Porto Alegre em 1943, estruturou-se em mais de 10 estados em apenas cinco anos. O grupo organizou-se como movimento negro no processo de redemocratização na década de 40, quando surgem outras entidades como o Teatro Experimental do Negro, de Abdias Nascimento. Lutavam contra a discriminação racial e buscavam formas de ascensão social através da educação e da assistência social. (CAMPOS, 2006, p. 33)

Segundo o autor, esses grupos são sinônimos de resistência, e muitos deles foram criados antes mesmo da abolição, sendo espaços de atividades sociais, voltadas para a público negro, com festas, dado que a população negra não podia frequentar espaços tradicionais da cidade (CAMPOS, 2006, p. 33-34). Para Deivison, é nesse contexto que surgem os bailes e os blocos carnavalescos, contribuindo assim com o nosso processo cultural, assim também como “[...] a ressignificação da identidade negra, construída a partir de então: o comunitarismo do quilombo dos Palmares, através do 20 de novembro, substituído a ideia de liberdade concedida, do 13 de maio” (CAMPOS, 2006, p.42-43). Nesse sentido, a luta do Movimento negro é fortalecida neste período, mas só é reconhecido e conhecido pelo nome nos anos de 1970 com a criação do Movimento Negro, sem esquecer o partido político Frente Negra brasileira de 1931.

Fruto de muitas discussões provocadas por esses grupos é que surge o Grupo Palmares, associação cultural sem fins lucrativos, fundada por quatro jovens, Antônio Carlos Cortes, Ilmo da Silva, Vilmar Nunes e Oliveira Silva. A proposta da associação se assemelha bastante a Lei 10.639/03, pois propõe formações centradas na história e cultura das negras e negros brasileiros e africanos (CAMPOS, 2006, p. 54).

O mesmo tensionamento ocorria também no campo, aqui trago como exemplo as Ligas Camponesas (nas décadas de 1950-1960), onde um grupo de camponeses do engenho Galileia, na cidade de Vitória de Santo Antão no estado de Pernambuco, no Brasil, cansados da exploração, se organizaram para lutar contra as diversas violências latifundiárias do dono do engenho e dos latifundiários, dando início a esse movimento de trabalhadores do campo. Se, por um lado, os negros de Porto Alegre lutavam e resistiam no contexto urbano, os camponeses lutavam pelo direito de trabalhar e viver nas terras, como ressalta o filme *Cabra Marcado para Morrer*, com direção de Eduardo Coutinho, sobre a vida e morte de João Pedro Teixeira, que teve início das gravações na década de 60, mas foi interrompido pelo regime militar, e foi somente lançado em 3 de dezembro de 1984, após a ditadura.

O filme nos mostra como esse movimento de camponeses, conhecido como Ligas Camponesas (1950-1960), lutavam para ter seus direitos trabalhistas legalizados, pelo direito à terra e pela extinção do cambão³⁷. No quilombo Sítio Veiga, por exemplo, essa prática do cambão é chamada de sujeição, onde o trabalhador é sujeito a trabalhar determinados dias da semana em troca da utilização da terra. Cabe salientar que o movimento Ligas Camponesas, liderado por João Pedro Teixeira (1918-1962) e sua esposa Elizabeth Altino Teixeira (1925), reuniu grupos de camponeses para buscar apoio ao homem branco, advogado e deputado estadual de Pernambuco, Francisco Julião, pelo Partido Social Brasileiro (PSB), para oficializar a Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé, em dezembro de 1954.

Embora alguns documentários³⁸ e a imprensa³⁹ da/sobre a época tratem Francisco Julião como o principal líder das Ligas Camponesas, e essa informação persista até os dias atuais, este título foi concedido ao mesmo pelo seu *status* social, de maneira à invisibilizar o nome e a contribuição de muitos e muitas camponeses/as, assim como aconteceu com João Pedro Teixeira. Destaco aqui a importância que Julião teve para a criação e o fortalecimento das Ligas Camponesas, e para a luta pela terra até os dias atuais, porém, muitos líderes camponeses, como João Pedro Teixeira, brutalmente assassinado, em 2 de abril de 1962, continua na invisibilidade, ou mesmo em segundo plano.

³⁷ “[...] pagamento de trabalho pela utilização da terra e pelos camponeses para a cultura de subsistência” (JESUS, Alex Dias de. **DAS LIGAS AO MST: LUTA PELA TERRA E A TERRITORIALIDADE CAMPONESA**. Revista Geográfica de América Central. Bahia: UFBA, 2011.)

³⁸ OBSERVATÓRIO FUNDIÁRIO FLUMINENSE. **Francisco Julião: na lei ou na marra**. Niterói: UFF, s.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JnufwYm_Dk0> Acesso em: 22/07/2021. COUTINHO, Eduardo. **Cabra Marcado para Morrer**. Vitória de Santo Antão: MAPA, 1984. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4-HBPSqgonU>> Acesso em: 22/07/2021.

³⁹ OUTRO OLHAR. **Ligas Camponesas**. TV Brasil: 2015. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/ligas-camponesas>> Acesso em: 22/07/2021.

Após a morte de seu marido, Elizabeth Altino Teixeira assume a presidência das Ligas Camponesas, passando a liderar as Ligas Camponesas, até a sua extinção, no início da ditadura militar⁴⁰. Em entrevista organizada pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, na mesa Repressão e Resistência da Paraíba, Elizabeth A. Teixeira afirma: “[...] com o assassinato de João Pedro, eu continuei a luta dele na Liga Camponesa de Sapé, que tinha sido fundada por ele e eu continuei [...] acontece o golpe militar e eu tive que ser presa [...]” (TEIXEIRA apud FERREIRA & FERREIRA, 2012). Na entrevista, a mesma ressalta o seu papel na luta de camponeses/as de Sapé que, mesmo com onze filhos, sempre participou das lutas, seja em casa ou na associação. Entretanto, Elizabeth só passa a ser vista com a morte de seu marido, João Pedro Teixeira, quando a mesma assume a liderança das Ligas Camponesas de Sapé até o ano de 1964 quando se dá início à ditadura militar. É no regime militar que Elizabeth é presa, e as ligas camponesas passam a ser ilegais, o que culmina nas perseguições, assassinatos e torturas. É após sua prisão, onde passou 8 meses em cárcere, que Elizabeth teve de viver como clandestina, fugindo para o Rio Grande do Norte, e que para sobrevivência de um de seus filhos, ela passou a lavar roupas, e a alfabetizar as crianças da região como forma de ganhar o seu sustento (FERREIRA & FERREIRA, 2012).

A trajetória de muitas mulheres em defesa de seus territórios e direitos se entrelaçam, mesmo elas estando em espaços geográficos diferentes, pois enquanto Elizabeth alfabetizava crianças no Rio Grande do Norte, como forma de sobrevivência, mas também de suprir as ausências de acesso à educação não alcançadas pelo Estado Brasileiro. Da mesma maneira, Socorro Eugênio também alfabetizava crianças do quilombo, e das redondezas, e no Mosteiro Santa Cruz em Dom Maurício, Quixadá - CE.

Assim com as lutas pelos direitos do movimentos negros urbanos, e das ligas camponesas, os quilombos carregam por meio da sua história um passado de opressão, invisibilidade, exclusão racial e social. Ratts (1998) afirma que um dos grandes desafios na construção identitária das populações, tanto negra, quanto indígena, no Ceará é fazer emergir na estrutura fundiária de todo o Estado, espacialidades alternativas democráticas, já que tais populações foram invisibilizadas étnica e socialmente, pois “índios e negros no Ceará, são invisíveis até certo ponto, posto que, na vida diária, ao nível local, as demarcações étnicas

⁴⁰ foi um regime militar autoritário e nacionalista no Brasil, iniciado em 1 de abril de 1964 até 15 de março de 1985, iniciado no golpe militar de 64. E é conhecido por muitos como um regime de violências direcionadas às populações brasileiras em geral, e de ataques à democracia.

podem ser mais diversas, evidentes e dinâmicas do que quando são observadas como “traços de identidades” ou “questões de terra” [...]” (RATTS, 1998, p. 124).

Sobre quilombolas, ainda evidencia:

Para os(as) quilombolas, eles existem desde que seus antepassados formaram as localidades em que nasceram e vivem. Em seu ponto de vista podem ser antigos, numerosos e duradouros e sabem, a seu modo, o que são territórios negros, pois neles vivem seus problemas de saúde, terra, produção, consumo, etc. e seus momentos de festa, e somente num país racista precisam demonstrar que existem (RATTS, 2006, p.5).

O período de 1980 é marcado pelo processo de redemocratização do Brasil. Cabe destacar o papel fundamental do Movimento Negro nos processos de reivindicação dos direitos sociais da população negra⁴¹. Nos processos de reivindicação do Movimento Negro, podemos destacar as questões quilombolas com o advento da Constituinte de 1988, onde é reconhecido no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), o direito das populações quilombolas à propriedade de suas terras: “Aos remanescentes das comunidades de quilombo que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). Além do Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003 (BRASIL, 2003), que assegura às comunidades tradicionais a permanência definitiva em seus territórios, a reprodução física e cultural de seu povo, portanto são terras de uso exclusivo e inalienável das comunidades quilombolas. De acordo com o artigo 2º do mesmo decreto:

Consideram-se remanescentes das comunidades quilombolas (...) os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto distribuição com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (BRASIL,2003).

O Estado do Ceará possui 87 Quilombos segundo dados do mapeamento das comunidades realizada em 2019 com a Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Estado

⁴¹ Na luta pela educação com a homologação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na rede básica de ensino, seja pública ou privada (BRASIL, 2003); no reconhecimento da história de luta e resistência no combate ao racismo com a inclusão do 20 de novembro no calendário oficial, intitulado como o dia da Consciência Negra; na consolidação de políticas de ação afirmativa, podemos citar o Estatuto da Igualdade Racial - 12.288 (BRASIL, 2010), Lei de Cotas para o acesso ao Ensino Superior Federal - 12.711 (BRASIL, 2012), Lei de Cotas para o acesso ao Ensino Superior Estadual - 16.197 (CEARÁ, 2017), Lei de Cotas para concursos públicos federais - 12.990 (BRASIL, 2014), e a Lei 17.432 (CEARÁ, 2021), que estabelece cotas de 20% para pessoas negras nos concursos públicos no Estado do Ceará). Há de ressaltar a homologação da Lei 12.289 (BRASIL, 2010), que em destaque cria a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

do Ceará (CEQUIRCE). Porém, os números são bem mais que estes, pois existem ainda muitos Quilombos que continuam na invisibilidade, assim como o Veiga, só se afirmou Quilombo, em meados dos anos de 2009, através das lutas e participação. Dos 87, quilombos cearenses, 53 possuem o título de certificação por meio da Fundação Cultural Palmares.

Essas dinâmicas de luta e conquistas de direitos para a população negra e os povos quilombolas, desembocam em nosso Quilombo com o processo de certificação pela Fundação Cultural Palmares⁴², a demarcação do território, a publicação do reconhecimento do território no Diário Oficial da União, e também há de se destacar a auto organização da comunidade na realização da semana da Consciência Negra, que em consonância com as questões tratadas anteriormente, são fatores que impulsionaram os diversos olhares de dentro e de fora do Quilombo.

Da mesma maneira, os problemas sociais que sofremos com o descaso do Poder Público, tais como o racismo, a luta pelo território, acesso à água, saúde, educação e etc. passaram a ser visibilizados. Nesse sentido, a vida social das famílias quilombolas estão ligadas diretamente à luta por direitos, sendo a Dança de São Gonçalo o chão base para o enfrentamento das problemáticas supracitadas, visto que é na celebração que se reforçam os laços familiares. Desse modo, é impossível haver uma separação entre a dança, as famílias quilombolas e suas reivindicações. Assim, a dança como patrimônio cultural é importante para o conjunto da sociedade, tendo em vista que estas estão interligadas através da história. Por isso, hoje a dança é feita no 20 de novembro, dia da consciência negra, dia este marcado pelas lutas travadas no passado pelo nosso povo.

Dentro desse espectro, é possível encontrar mecanismos de cunho interventivo para possibilitar transformações no que diz respeito à situação de vulnerabilidade social em que se encontram as famílias do Quilombo, apontando assim a criação e ampliação de políticas públicas específicas. Porém, é preciso destacar que as políticas públicas precisam se tornar presentes dentro do território e algumas direcionadas diretamente para as mulheres, já que na maioria dos casos, o acesso a assistência social só é feito na sede do município de Quixadá, ou seja, sobre a perspectiva da cidade, onde o campo é obrigado a se adequar.

Segundo o jornal Diário do Nordeste (2019), 35 destes quilombos são liderados por mulheres. Contudo, este número não condiz com a realidade, pois quando analisamos a

⁴² Primeiro órgão federal criado para promover, fortalecer, proteger e disseminar a cultura Negra, sendo responsável pela formulação e implementação de políticas públicas. Sendo Criado em 1968 como fruto da luta do Movimento Negro.

composição das diretorias das associações dos quilombolas, vemos que na sua grande maioria são ocupadas por mulheres. Segundo o depoimento da liderança Cristina Quilombola⁴³, ela reafirma o papel das mulheres quilombolas na e para manutenção da vida, protagonizada por elas. Ressalta ainda, que embora estas não estejam no cargo de presidenta, ocupam a maior parte do todo.

O Estado brasileiro, reconhecendo os direitos das comunidades quilombolas, é induzido a criar órgãos, conselhos e políticas públicas específicas com o dever de contribuir de forma mais direta e articulada com a questão quilombola especialmente, acerca da garantia da posse da terra, visto ser esta a principal reivindicação destas comunidades. Portanto, são medidas e formas compensatórias tomadas pelo governo brasileiro para reparar a injustiça histórica cometida contra a população negra no Brasil, neste caso em especial, as comunidades quilombolas.

Sob a ótica de Arruti (2009), sofridas estas mudanças, os quilombolas saem da condição de “quase folclóricos” para ativistas nas reivindicações dos seus direitos – localizados no mapa político nacional ao lado dos trabalhadores sem-terra, dos indígenas, das favelas e dos universitários cotistas. Cabe aqui ressaltar, entretanto, que o Poder Público, apesar dos avanços, não têm sido suficientemente ágil nos encaminhamentos das demandas geradas pelos quilombolas, principalmente no que se refere à certificação e titulação das terras que lhes são de direito.

A invisibilidade para estes territórios ainda persiste, fato este é a precariedade no acesso aos serviços públicos que insistem em não chegar às comunidades quilombolas, como foi visto, em relação ao direito a políticas sociais. Assim, a luta pela posse definitiva de nosso território tem sido diária e efetivada pelas famílias quilombolas, não só no Sítio Veiga, mas também nos outros territórios.

Vemos a grande necessidade dos estudos das comunidades de Quilombo sobre si. Sabe-se que as negras/os foram fundamentais na construção da história e cultura brasileira, no entanto, esta contribuição é reduzida a simples mão-de-obra na produção da riqueza nacional. Portanto, o Movimento Negro, nas suas lutas travadas e incansáveis contra o racismo, fez com que as negras/as se reconhecessem, empoderassem e ocupassem espaços e cargos públicos, a fim de reivindicar a reparação, por parte do Estado, para a população negra e comunidade

⁴³ Ver mais: DIÁRIO DO NORDESTE. **Força ancestral: dos 87 quilombos cearenses, 35 são liderados por mulheres.** Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/forca-ancestral-dos-87-quilombos-cearenses-35-sao-liderados-por-mulheres-1.2176582>> Acesso em: 15/05/2021.

quilombola. A luta dos movimentos sociais – e, mais especificamente, do movimento negro – desestabiliza e tensiona a relação étnica racial vivida no Brasil. Nas palavras de Nilma Lino Gomes:

Esse movimento social trouxe as discussões sobre racismo, discriminação racial, desigualdade racial, crítica à democracia racial, gênero, juventude, ações afirmativas, igualdade racial, africanidades, saúde da população negra, educação das relações étnico-raciais, intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, violência, questões quilombolas e antirracismo para o cerne das discussões teóricas e epistemológicas das Ciências Humanas, Sociais, Jurídicas e da Saúde, indagando, inclusive, as produções das teorias raciais do século XIX disseminadas na teoria e no imaginário social e pedagógico (GOMES, 2019 p. 17).

O não reconhecimento destas populações, enquanto produtoras e produtores de saberes, têm contribuído ainda mais para a desigualdade social ao qual estas populações estão imersas. É necessário, despertar para a história romantizada sobre o Brasil, ao qual nossos ancestrais foram forçados a cruzar o continente Africano na condição de escravizado por mais de 300 anos. E que em 1888, a princesa “boazinha” veio e libertou os escravizados e, a partir de então, a população recém “liberta” passou a ser vista, no Brasil, como população miscigenada, reforçado posteriormente por Gilberto Freyre em *Casa & Grande Senzala* (FREYRE, 2003). Essa harmonia histórica contada nos livros nunca existiu, pelo contrário, o Brasil teve início com uma vasta sucessão de violências cometidas inicialmente para com os Povos Indígenas. Para os europeus os povos indígenas eram vistos como os selvagens, e em seguida a violência se deu com a população do continente Africano, que assim como os povos originários foram desumanizados a condição animalesca de povos sem inteligência e por isso merecedores das mazelas do escravista. Herdamos destes povos, saberes, sabores, resistência e a resiliência de buscar formas de viver frente a tantas problemáticas, ao qual nós, das populações negras de comunidades tradicionais quilombolas, fomos imersas. A luta do Movimento negro tem origem neste período, mas só é reconhecido e conhecido pelo nome nos anos de 1970 com a criação do Movimento Negro, sem esquecer o partido político Frente Negra Brasileira de 1931.

Daí em diante, as atividades políticas propostas por essas movimentações negras, femininas, territoriais, e de classe social, vem sendo cada vez mais articuladas. Pensadoras e pensadores negras e negros como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, que fortaleceram o movimento de mulheres negras e mulheres negras quilombolas no âmbito das políticas públicas afirmativas, Abdias do Nascimento, em seu dossiê “O Genocídio do Negro Brasileiro” (1978) que escancara o mito da democracia racial, ou mesmo Nilma Lino Gomes (2017) que constroem

um panorama das narrativas e discursos do Movimento Negro e movimento quilombola nas ações políticas do país, nos ajudam a perceber as contribuições no âmbito das políticas públicas para essas populações. Estas movimentações pela garantia de nossos direitos e em defesa da vida tem se intensificado cada vez mais pela população negra seja no campo, na cidade ou nos territórios quilombolas, pois somos continuadoras/es da luta de ontem e de hoje.

Nesse mesmo sentido, nos cabe lembrar que Kabengele Munanga foi e continua sendo um dos intelectuais que contribuiu fortemente para a implementação das políticas de ações afirmativas e combate às desigualdades cometidas às populações negras, com estudos específicos sobre os quilombos no Brasil e sobre a negritude e as identidades coletivas das populações afrodescendentes (2007). Como a população negra nas comunidades quilombolas tem uma dificuldade na afirmação da identidade e pertencimento étnico, Munanga (2008) ressalta que a essência para cada população é reencontrar o seu passado ancestral através da consciência histórica, sendo a relação mais sólida e segura, que poderá conhecer sua história e transmiti-la de geração para geração.

Recentemente, em oposição à visibilidade que as comunidades negras e quilombola vinham galgando, o atual presidente da Fundação Palmares⁴⁴, Sérgio Camargo, tem se utilizado desse espaço de representatividade e luta para invisibilizar nossas trajetórias políticas, econômicas, sociais e culturais. Vale ressaltar que esse mecanismo institucional foi criado por nós e para nós, com o intuito de falarmos e pensarmos políticas públicas específicas para a população negra. E, embora o presidente da Fundação Palmares seja negro, suas atitudes em desconformidade com as pautas do Movimento Negro o colocam como um corpo a serviço da branquitude.

De acordo com Chavarria, 2021, as atuais diretrizes da Fundação, que tem como ações a retirada da biblioteca intitulada Oliveira Silveira; o discurso de que o racismo não é estrutural no Brasil; a crítica de que o movimento negro seja manipulado pela esquerda brasileira; A retirada das personalidades negras na lista de homenagens; e a ausência de processos de titularização dos quilombos. Esses são os inúmeros retrocessos causados pela atual gestão da Fundação Cultural Palmares. O que visibiliza, por outro lado, as ideologias conservadoras de indivíduos negros.

⁴⁴ A Fundação Cultural Palmares foi criada após a Constituição Federal. A fundação é uma entidade pública brasileira vinculada ao Ministério da Cultura, instituída pela Lei Federal nº 7.668, de 22 de agosto de 1988. A entidade teve seu Estatuto aprovado pelo Decreto nº 418, de 10 de janeiro de 1992, e tem como missão os preceitos constitucionais de reforços à cidadania, à identidade, à ação e à memória dos segmentos étnicos dos grupos formadores da sociedade brasileira, além de fomentar o direito de acesso à cultura e à indispensável ação do Estado na preservação das manifestações afro-brasileiras, conforme o artigo 215 da CF.

Como ressalta Frantz Fanon (2008, p. 47), “Sim, do negro exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente”, partindo desta prerrogativa posta pelo pensador, pode-se compreender as atitudes do presidente da Fundação Palmares, Sergio Camargo, como problemáticas, pois a atual conjuntura política do bolsonarismo, que vem se colocando como genocida e desumana, o torna “vítima eterna de uma essência, de um *aparecer* pelo qual ele não é responsável”, que é a condição de negro “escravo de seus arquétipos”.

Em um de seus últimos ataques, contabilizado dentro de tantos outros mencionados acima, o presidente da Fundação Palmares tornou público a homenagem feita à Princesa Isabel, no dia 13 de maio de 2021, através do artigo “O Treze de Maio - O Dia Redentor” do historiador Luiz Gustavo S. Chrispino, publicando no site oficial da Fundação Palmares. Destaca-se que o dia 13 de maio em 1894 foi considerado feriado no Brasil. Desde a República, as sociedades negras utilizavam a data para realizar homenagens e reivindicar os seus direitos. Somente, na década de 1970, com o grupo Palmares e a alusão ao 20 de novembro tem-se a crítica ao 13 de maio. Mais do que um ataque a alusão ao 13 de maio pela direção da FCP é um discurso ideológico conservador de um passado em disputa.

Essa atitude ajuda a invisibilizar ainda mais as lutas das mulheres negras e quilombolas importantes da história brasileira, que antecederam a luta abolicionista e emancipatória do povo negro como Acotirene, Aqualtune, Dandara, e que mulheres que ainda hoje mantem no seio de suas comunidades uma resistência de luta pela garantia de seus direitos como Benedita da Silva, Mariele Franco, ou mesmo as mulheres de luta do Quilombo Sítio Veiga como a Mãe Veia, Mãe Luzia. Socorro Bá e tantas outras anônimas que derramaram e derramam seu sangue e suor pela liberdade e bem viver de suas comunidades. Assim, as dançadeiras que carregam em seus pés, em sua ginga, em suas mãos e em suas vozes, a história de luta e resistência do Quilombo, a qual fazemos parte.

2.3. O Quilombo que Habita em Nós

Constituindo um dos aspectos do território, a Dança de São Gonçalo faz parte da cultura e da religiosidade popular da comunidade do Sítio Veiga, esta foi introduzida no início do século XX pelo casal fundador, passada de geração a geração, permanece viva até os dias atuais:

A realização de folguedos religiosos foi uma prática utilizada pelos escravizados para manterem vivos alguns aspectos da sua cultura, mas também como um momento de

lazer, de solidariedade e de autonomia, onde buscavam romper com a situação de perseguição a que estavam submetidos. No contexto brasileiro, estes folgedos surgem nas irmandades de homens pretos que se transformaram em espaços onde era possível preservar os seus feitos culturais e resguardar as religiões africanas. Essas instituições também exerciam uma atividade política, pois era comum a circulação de informações sobre a situação dos negros que se encontravam cativos, como também existia uma preocupação em arrecadar fundos para a compra de alforria (RTID DO QUILOMBO SÍTIO VEIGA, 2012: p. 78).

Para a população quilombola do Veiga, o território é espaço de produção e reprodução de ciências. Durante séculos o pensamento europeu colonial era visto como única forma de conhecimento. Tal poder centrado no eurocentrismo colonial que jogou à margem o conhecimento da outra e do outro, como forma de silenciar e apagar a memória do vencido e do vencido. O pensamento racionalista europeu causou uma infinidade de rupturas na vida social africana e assim foi se construindo a hierarquia entre o dominador e o dominado. E deste modo, o pensamento hegemônico ocidental tem como meta ignorar o jeito de ser e de viver da outra e do outro.

A existência e resistência das famílias do Quilombo Sítio Veiga vem a mais de um século na contramão do pensamento hegemônico ocidental, visto que este patrimônio cultural, utilizado como mecanismo de fortalecimento da identidade das famílias quilombolas e também como ferramenta de denúncias, de luta e de resistência, frente às injustiças sociais cometidas com a população negra ao longo dos anos, e em particular com a população quilombola que vive no campo, é base cultural de manutenção das nossas vidas pois por ela atravessam as produções epistemológicas de nossa matrizes ancestrais africanas e afrodescendentes, onde partilhamos nossas vivências e lutamos para garantia dos nossos direitos. Nossa ciência é produzida nas práticas cotidianas de cultivo das culturas; e, portanto, dependemos diretamente do território para a manutenção dos costumes e do modo de viver.



Figura 6: Debulha do milho vermelho para sementes selecionadas para plantio no Sítio Veiga, Quixadá- CE. Fonte: Arquivo da Comunidade do Quilombo Sítio Veiga.



Figura 7: Secagem do feijão para o processo da debulhar Sítio Veiga, Quixadá- CE. Fonte: Arquivo da Comunidade do Quilombo Sítio Veiga.

Os nutrientes retirados deste chão alimentam o corpo e a espiritualidade através da produção de sementes crioulas, como as variedades de milho, feijão e de fava retiradas do roçado, além da criação de animais de pequeno e médio porte e das produções advindas dos quintais produtivos, que assim como os roçados também são uma extensão. Por isso, é fundante ter em mente que o corpo e o espírito, ambos são sustentados pelo território e o que nele produzimos, representado pela dinâmica do viver e do ser.

Isso pode ser muito compreendido pela definição de território, segundo Milton Santos:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em um território usado, utilizado por uma dada população. Um faz o outro, à maneira da célebre frase de Churchill: primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem... A ideia de tribo, povo, nação e, depois, de Estado nacional decorre dessa relação tornada profunda (SANTOS, 2012, p. 96-97)

É no vai e vem do território que fazemos e que nos faz que temos a cura do corpo, por meio das práticas seculares do uso de cascas de árvores, folhas, raízes e animais. Também a biodiversidade nos territórios quilombolas é sinônimo de vida, resistência, luta, pois a várias plantas e animais são a garantia da manutenção da vida no Quilombo. A cosmovisão que estes carregam através dos tempos é de grande importância e deve ser respeitada e valorizada. É preciso romper com a visão do colonizador, que, ao longo dos tempos, tenta silenciar os conhecimentos do povo quilombola passados e repassados pelas gerações via oralidade.

Segundo Apolinário (2000), diante de toda a opressão sofrida, os negros e negras tiveram que pensar e repensar formas de como manter suas crenças e tradições vivas e os fizeram de diversas maneiras, sendo a religião uma delas. Assim ocorre também no Quilombo, pois a dança é cultuada pelas famílias através das gerações, mantendo um vínculo muito forte com a religião.

A historicização de um grupo cultural, mantenedor da identidade da população em um território, deve provocar o afastamento do silêncio e a destruição da versão histórica do dominador. Destruir com a possibilidade de dar uma origem, de ter uma narração, é uma das estratégias utilizadas pela escravidão e colonização para acabar com a memória coletiva das populações subalternizadas. Portanto, há a necessidade de termos uma atenção com a história da população negra, em particular sobre os quilombos, no intuito de recontar e ressignificar a identidade coletiva do povo negro quilombola, como se propõe a lei 10.639/2003, sobre o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, sejam públicas ou privadas, de ensino básico ao médio.

De acordo com o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), o processo de construção e manutenção de uma identidade étnica é um processo coletivo e dinâmico de interação entre pares e destes com os outros, os de fora do grupo. A identidade étnica emerge da criação e reprodução das subjetividades, conteúdos, práticas e lutas pela definição de seus limites, no contexto do contato interétnico. Ela possui um caráter simbólico que reafirma a existência de um coletivo que compartilha dos mesmos valores e crenças e que,

por isso, seus membros se reconhecem como uma unidade social autônoma (RTID, 2012, fls. 241).

Da troca de saberes das famílias quilombolas do Veiga e da equipe técnica do INCRA, construímos a Planta Memorial Descritivo, um rico material antropológico, com informações sobre os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos da população quilombola do Sítio Veiga. Esse documento foi construído pelas mãos das mulheres e dos homens do quilombo. Assim, também se somou ao registro de luta e resistência pela posse definitiva do território a referida pesquisa do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID, 2012).

Desse modo, as práticas dos conhecimentos experimentados no dia a dia dos quilombolas do Veiga, tais como os modos de produção, o uso de plantas medicinais, laços familiares, o plantar, colher e selecionar sementes crioulas, a criação de animais de pequeno e médio porte, as histórias contadas nas rodas de conversa, a dança de São Gonçalo, os trabalhos realizados de forma coletiva foram transcritos como instrumentos identitários desses sujeitos de direito, que por meio de seus conhecimentos e práticas tradicionais, sobretudo pelas matriarcas do Quilombo Veiga. Para as famílias quilombolas, o território quilombola significa:

[...] As marcas referenciais da identidade étnico-racial do grupo que justificam seu direito ao território, passam pela comprovação do tempo, da permanência, do trabalho e da produção aplicados ao território reivindicado e se expressam através da memória coletiva e das reminiscências históricas e culturais presentes no ambiente social da comunidade. O uso conjugado dessas categorias pelo grupo quilombola é que vai dar um significado especial ao território onde vivem e onde viveram seus antepassados, constituindo-o num elemento fundamental de sua identidade... (RTID, 2012, p. 94)

Para nós, famílias quilombolas, o território é o espaço e lugar no qual essas famílias necessitam para a sua sobrevivência e das gerações futuras. Foi neste espaço também que, anteriormente, nossos antepassados viveram, deixando, portanto, seus saberes e sabores para os que ficaram, de modo que, nós quilombolas juntos somamos a sexta geração dentro deste território.

A dança de São Gonçalo se insere nesse contexto de vínculo com a terra, à medida que na celebração, na fé, na promessa alcançada se insere todas as atividades coletivas do Quilombo. A realização do evento que tem uma longa organização e preparação anterior ao dia da festa que dura do amanhecer ao entardecer é toda feita a partir das possibilidades do território e com os instrumentos apropriados dos saberes que esse modo de vida possibilita. É sem dúvida o momento ápice da cooperação entre as famílias que ali habitam e que o território habita.

Um grande exemplo de cooperatividade feminina bem evidente no Quilombo pode ser encontrada nas dançadeiras, todas de idades variadas, em lugares de atuação não engessados nem hierarquizados, porque podem ser assumidos por qualquer uma das dançadeiras que estejam disponíveis para assumir o papel.



Figura 8: Chegada das Dançadeiras e Dançadores de São Gonçalo na Barraca, onde acontece a Dança do Quilombo Sítio Veiga, Quixadá- CE.
Fonte: Arquivo da Comunidade do Quilombo Sítio Veiga.

A imagem mostra o momento da chegada das dançadeiras e dançadores no local onde a Dança de São Gonçalo ocorrerá, nos diz muito sobre esse *locus* protagonizados pelas mulheres dentro da manifestação cultural, onde mulheres de diferentes faixas etárias do quilombo e de comunidades adjacentes se organizam e participam da mesma vivência, denotando seu caráter histórico e ancestral que se revitaliza das mais velhas para as mais novas. A Dança de São Gonçalo do Quilombo Sítio Veiga preserva dentro de si a luta e a resistência do passado e do presente da comunidade como forma de manutenção do processo identitário de nossa população, vinculado com as raízes africanas, com o sistema escravista, com as possibilidades de viver, ser e crer daquela época ainda presentes.

É por esta razão que o Território é de extrema relevância para as nossas famílias, tendo em vista que, foi e continua sendo o espaço/lugar onde as matriarcas quilombolas do ontem reconstruíram feridas do sequestro de suas terras africanas e do sistema escravista. O modo de vida das famílias quilombolas do Sítio Veiga tem suas raízes fincadas no continente africano onde, outrora, nossos ancestrais foram sequestrados forçadamente e obrigados a vir compor este país. O pós-abolição ainda hoje é vivido com o descaso do poder público, de maneira geral, pelas questões referentes à população negra. Foi na acolha da nova terra por nós que hoje ainda é possível praticar nossos credos, produzir alimentação, enfim, cultivar seu modo de vida tradicional e pensar as próximas gerações:

[...] Foi com base nas marcas referenciais de sua identidade quilombola, de sua ancestralidade, de seu direito de herança e de sua relação com a terra, bem como, na necessidade de preservação e subsistência do grupo, que os remanescentes de quilombo da comunidade Sítio Veiga justificam sua reivindicação sobre os limites aqui descritos das terras de ocupação e usufruto coletivo a serem reconhecidas e demarcadas pelo INCRA como Território Quilombola Sítio Veiga... (ibidem, 2012, p. 94).

Para as famílias de quilombolas que ali residem, tanto as suas raízes quanto as dos seus antepassados estão ficadas com firmeza no chão/terra deste Território, fora deste espaço às famílias seriam como peixe fora d'água, vulneráveis a dominação ocidental hegemônica no seu mais alto grau de selvageria, ou seja, o individualismo, portanto o território é de suma relevância para as atuais e futuras gerações.

2.4. As Mulheres que Habitam o Quilombo

Nós, mulheres quilombolas, âncoras de nossas famílias, sempre desenvolvemos atividades em nosso maior tempo, mas nosso trabalho sempre foi invisibilizado. As mulheres nessa dinâmica ocupam lugares centrais do cultivo da terra e criação de animais e também da manutenção e salvaguarda da cultura. Nossa condição de mantenedoras do espaço em que vivemos é sempre ofuscada, como assinala Angela Davis, pelo fato de que a “mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregam a marca fatal da inferioridade, mas essa relação se torna mais problemática ainda, posto que, as mulheres quilombolas, majoritariamente negras, por terem como passado os arranjos econômicos da escravidão contradiziam os papéis hierárquicos incorporados na nova ideologia produzida pelas relações

homem-mulher no interior da comunidade escrava que não podia corresponder aos padrões da ideologia dominante (DAVIS, 2016, p. 25).

Muito dessa invisibilidade se dá, também, por nós mulheres estarmos em um espaço territorial geográfico distinto da cidade, pois, além de mulher negra, também somos quilombolas, ou seja, uma mulher que tem ligação direto com o campo, e não com a cidade, onde as políticas públicas foram e continuam sendo pensadas no âmbito urbano, ignorando a especificidade de outros agrupamentos sociais étnicos, relegando ao campo adequar-se a realidade do acesso aos direitos sociais.

Somos nós que coordenamos e organizamos nossos territórios, nossas casas, nossas vidas e estamos à frente da maioria das atividades desenvolvidas, até mesmo nos conflitos existentes na luta pela garantia de direito, somos nós que protagonizamos nossas histórias. Pois, por estarmos na linha de frente desses diversos espaços, sejam eles sociais ou políticos, estamos também mais vulneráveis a estes conflitos. Entretanto, também estamos empoderadas por estes mesmos conflitos, dado que estes diversos espaços nos tornam resilientes. Como afirma Angela Davis, nós e nossas ancestrais aprendemos a extrair das circunstâncias opressivas vividas a resistência necessária para enfrentar e resistir às dificuldades e desumanidades cotidianas (DAVIS, 2016, p. 24). Visto que, segundo a autora, “[...] a consciência que tinham de sua capacidade ilimitada para o trabalho pesado pode ter dado a elas a confiança em sua habilidade para lutar por si mesmas, sua família e seu povo” (DAVIS, 2016, p. 24).

Segundo Marli de Souza Facundes, mulher negra, mãe, bacharela em serviço social e militante do Movimento dos Pequenos Agricultores (CONGRESSO NACIONAL DO MPA I, 2017), por meio do canto, o enfrentamento e o desejo de ser respeitada enquanto colaboradora efetiva nas lutas contra as opressões vivenciadas pelas mulheres, cujo objetivo é de silenciar e invisibilizar esses corpos e trajetórias e seu papel na sociedade, como ressalta a música:

Cansei de ser domesticada, quero andar com os próprios pés, organizar a rebeldia e assim deixar de ser refém. [...] Mulher sempre foi subestimada, reprimida e maltratada, sem direito de dizer, que ama, que sonha, que deseja, onde quer que ela esteja ousadia deve ter. [...] (CONGRESSO NACIONAL DO MPA I, 2017, p. 22 -23)

Assim tem sido a luta das mulheres matriarcas do Quilombo Sítio Veiga no combate às desigualdades e opressões historicamente vividas. Isso faz refletir que é preciso organizar a rebeldia, para que nossas vozes, nossos corpos, nossas pautas, nossas lutas sejam respeitadas e também pautadas. Esse processo ocorre a partir das lutas ancestrais que vem trilhando caminhos

para o enfrentamento e superação das desigualdades sociais e raciais, tais como: acesso à terra/território, educação, saúde, cultura, lazer, tendo como base suas especificidades.

As manifestações culturais, em particular, dos povos negros, sejam elas de cunho religioso ou não, sempre foram uma forma de resistência à dura imposição dos costumes do homem branco colonizador. No caso do Quilombo Sítio Veiga a dança de São Gonçalo é uma manifestação cultural religiosa e uma forma de resistir passando adiante, para as novas gerações, seus costumes e crenças. Além disso, segundo Janote Marques (2008), poderia também significar novas formas de ganhar espaços públicos, o que conseqüentemente passou a ser uma nova forma de firmar-se socialmente.

3. PERCURSO DAS MATRIARCAS DO SÍTIO VEIGA

Neste capítulo trataremos uma pequena parte dos diversos saberes protagonizados pelas mulheres do Quilombo Sítio Veiga, como o manusear da terra para a sustentação da vida; as contribuições nas manifestações culturais, como na Dança de São Gonçalo e parte dos seus rituais; as manifestações populares e religiosas como os terços de São João e Santa Luzia; os dramas e as diversas vivências pedagógicas de Mãe Veia, Mãe Luzia e Maria do Socorro. Estas riquezas culturais fazem do Quilombo um espaço de identidade e pertencimento afro-quilombola. Assim, procuramos evidenciar o grande acervo cultural no âmbito social, político, econômico e cultural transmitido salvaguardado pelos quilombolas e principalmente pelas matriarcas.

A identidade da comunidade quilombola do Sítio Veiga, não é algo fixo e imutável, mas sim um processo contínuo de transformação e agregação de novos hábitos, crenças e técnicas, como já explicitado anteriormente em toda sua trajetória de adaptação. Esse processo de construção identitária é repleto de ensino e aprendizado que serve de instrumento para a manutenção da vida coletiva nesse tipo de comunidade tradicional. As raízes dos saberes ancestrais que se perpetuam entre as gerações são contadas e marcadas pela trajetória, função social que cada mãe, matriarca do Quilombo deixou semeando no território.

Trazer a bordo desta viagem acadêmica as experiências destas mulheres é reconhecer e valorizar seu percurso social. É também fazer com que estas memórias não se percam através dos tempos, não que a oralidade tenha contribuído para a perda destas memórias, mas registrar também através da escrita, para que tais conhecimentos possam alcançar os muros das universidades e a sociedade de modo geral.

Lubi Prates (2017), chama atenção para uma enxurrada de conhecimentos, do cuidado com a vida, com a terra, com os saberes ancestrais e rituais sagrados que tem sido fonte de inspiração para a manutenção da vida:

*[...] Para este país eu trouxe
meus orixás
sobre minha cabeça
toda minha árvore genealógica
antepassados, as raízes
Para este país
eu trouxe todas essas coisas
e mais*

*: ninguém notou,
más minha bagagem pesa tanto.
(PRATES, 2017)*

A autora ressalta a vasta contribuição trazida pela população negra, portanto, perceber o papel da mulher dentro de casa, no cuidado com os seus e na sociedade. É dever de todas/os valorizá-las, visto que historicamente estas são cotidianamente invisibilizadas, são vistas tão somente como aquela que ajuda. Romper com esses paradigmas é uma das questões apontadas neste trabalho, de modo que as epistemologias produzidas pelas mulheres quilombolas possam ser reconhecidas e valorizadas.

Assim sendo, os rituais sagrados, os saberes ancestrais das matriarcas do quilombo Veiga tem sido um instrumento de luta e resistência para a busca de uma vida com dignidade. Apesar da invisibilidade e da negação de direitos, nós, mulheres quilombolas do Sítio Veiga não desistimos, mas continuamos lutando, resistindo e insistindo no resistir para existir.

Em uma entrevista concedida a Mali Garcia, chamado "As Divas Negras do Cinema Brasileiro", de 1989, Lélia Gonzalez aborda a tentativa de silenciamento das mulheres negras: “para a mulher negra, o lugar que lhe é reservado é o menor. O lugar da marginalização, o lugar do menor salário, o lugar do desrespeito em relação a sua capacidade profissional” (GONZALEZ apud GARCIA, 1989). Segundo Prates, a vasta contribuição invisibilizada das mulheres negras ocorre devido seu corpo negro, como mostra a seguir:

*[...] E ainda que
eu trouxesse
para este país
meus documentos
meu diploma
todos os livros que li
meus aparelhos eletrônicos ou
minhas melhores calcinhas
só veriam
meu corpo
um corpo negro.
(PRATES, 2017)*

Nós, mulheres historicamente invisibilizadas, estamos presentes em diversos territórios: nas águas, nas florestas, nas periferias e no campo. Lutamos incansavelmente em defesa dos nossos. Em “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*” (1960), Carolina Maria de Jesus, grita através de suas escritas a desigualdade social e racial vividas por mulheres negras, destes corpos que vivem nas favelas, distante de sua dignidade. Portanto, é importante

considerar o recorte de raça, classe e gênero, como aborda a ativista Angela Davis (2016). Visto que esses três fatores atingem com mais ênfase as mulheres com mais melanina.

Daí a importância desses marcadores para viabilizar políticas públicas para o enfrentamento da violência e das desigualdades sociais que atingem estas mulheres. Nessa perspectiva, a sociedade é convocada a pensar e se repensar, e nela está a educação, que tem um importante papel no processo de transformação social.

3.1. Mãe Veia: A Pedra Fundamental

A caminhada das mulheres quilombolas do Sítio Veiga, aqui relatada, a partir da primeira semente que chegou ao então Quilombo, a matriarca Mãe Veia e Pai Xigano juntamente com seus três filhos, em meados do ano de 1906, de Paus dos Ferros, Rio Grande do Norte. Segundo relatos dos próprios quilombolas, que consta no RTID, de 2012, sabe-se muito pouco sobre as primeiras famílias aqui mencionadas, visto que tais conhecimentos eram e continuam a ser transmitidos através da oralidade, e a oralidade tem seus próprios segredos. Acredita-se que os referidos vieram fugidos de lá para o Veiga. Fugidos da vida inóspita dos ex-escravizados logo após a abolição.

É importante lembrar que o período em que Mãe Veia e Pai Xigano migraram do Rio Grande do Norte para o Ceará, onde fundaram o Quilombo do Sítio Veiga, no Brasil, ainda, havia menos de duas décadas da “abolição” da escravidão. Assim, não relatar sobre tal assunto, e as possíveis motivações de sua vinda, pode ter sido um mecanismo de defesa. Ou seja, uma estratégia onde os conhecimentos sociais e culturais que alimentam o corpo e a alma são cuidados, preservados, mais do contrário, joga-se fora o que não lhes é útil, ou seja, esquecer para viver. Este olvido carrega em si muito sobre o silenciamento social pelos quais vivenciavam as/os negras e negros logo o pós-abolição e perdura que até hoje. A partir da segunda geração iniciada na década de 1930, que é a de Maria Luzia de Sousa Ribeiro, conhecida popularmente como Mãe Luzia, neta do casal fundador, as memórias ficam mais fortes.

Os conhecimentos transmitidos são passados e repassados através das gerações, e de maneira geral, as mulheres matriarcas do Quilombo Veiga descendem de Mãe Veia. Neste sentido, esses conhecimentos ancestrais trazidos pela matriarca como: o cuidado com o território, com a terra, com as plantas medicinais utilizadas no auxílio para cura dos males, do

corpo e da alma; do saber sobre as variedades de sementes crioulas que são plantadas, colhidas e que saciam a fome das suas e seus através das gerações; do cuidado em guardar água de chuva nas cisternas de placas para o consumo humano e para a produção de alimentos nos quintais produtivos, além da criação de animais de pequeno e médio porte; a manutenção da dança, organização social na luta ao acesso à educação, saúde, e no combate ao preconceito e ao racismo estrutural; enfim, todos esses cuidados fazem das mulheres quilombolas dançadeiras de São Gonçalo, guardiãs da sabedoria ancestral, na preservação da vida e do meio ambiente.

Todas essas experiências supracitadas, fazem do Quilombo um espaço de saberes ancestrais, de luta e resistência imensurável vividos pelas matriarcas do Veiga.

Ressalto a vasta contribuição que essa forte semente brotou no território, fazendo de sua vida uma fortaleza na luta pela garantia de nossos direitos e de nossa comunidade, pela garantia de uma vida digna. Plantou sonhos, deu o melhor de si para que nosso povo tivesse uma vida mais humanizada.

3.2. Mãe Luzia: A Parteira

Aos 27 de Setembro do ano de 1910, nasce uma preciosa semente crioula, que mais tarde seria conhecida como Mãe Luzia. Mãe Luzia foi e continua a ser um marco na memória e história de muitos. Popularmente conhecida pela maioria das pessoas tanto dentro do território, quanto nos arredores do distrito de Dom Maurício, devido seu trabalho enquanto parteira.

Filha de Luzia Ribeiro e Francisco Gonçalves. A criança recebe o mesmo nome da mãe, uma forma do nome continuar na família. E assim foi batizada pelo nome de Maria Luzia de Sousa. A criança/jovem/mulher negra foi forçada a amadurecer antes do tempo, pois ainda criança, aos 10 anos, experimentou a dor de perder sua mãe. Com a morte de sua mãe, as crianças, ela e suas irmãs, são criadas pelos avós maternos, Mãe Veia e Pai Xigano.



Figura 9: Maria Luzia Ribeiro, conhecida como Mãe Luzia, a Parteira.
 Fonte: Arquivo do Mestre Joaquim (sem data). Quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE.

Luzia (como mostra a figura acima) começou a trabalhar muito cedo, ajudando seus avós nos afazeres de casa, cuidado da irmã e do irmão e logo cedo também aprendeu a arte de dançar, cantar e encantar ao São Gonçalo. O irmão caçula tinha pouco menos de um ano, quando perdeu sua mãe, assim os irmãos, Pedro e Francisca consideravam Maria Luzia como sua mãe, segundo relatos dos filhos, ela os criava.

Contudo, a menina criança, menina jovem, a menina mulher, teve que aprender a ser forte desde criança. Para Angela Davis, ser forte é um mecanismo de defesa, no qual o indivíduo absorve e vai desenvolvendo como forma de sobrevivência, como afirma:

Embora seja pouco provável que essas mulheres estivessem expressando orgulho pelo trabalho realizado sobre a constante ameaça do acoite, elas deveriam ter consciência de seu enorme poder – sua capacidade de produzir e criar [...], essas mulheres podem ter aprendido a extrair das circunstâncias opressoras de sua vida a força necessária para resistir à desumanização diária da escravidão. A consciência que tinham de sua capacidade ilimitada para o trabalho pesado pode ter dado a elas a confiança em sua habilidade para lutar por si mesmas, sua família e seu povo. (DAVIS, 2016, p.24)

Luzia crescia em graça e sabedoria, não sabia o quanto seria importante sua passagem dentro e fora do Quilombo. Com a morte de Mãe Véia, sua avó-mãe, Luzia deu

continuidade com os aprendizados colhidos, através dos laços uterinos, tais como: conhecimentos sobre as plantas medicinais e suas utilidades, as sementes, a dança de São Gonçalo, o quintal produtivo e os terços de São João e de Santa Luzia. Por volta da década de 40, passou a ser uma das principais dançadeiras do Grupo de São Gonçalo, ocupando o lugar de “guia”, assim também como uma forte liderança, sua voz firme, forte, era muito respeitada dentro e no entorno do território. Ela era a mulher, preta, parteira, mãe.

Em 31 de outubro de 1924, a jovem Luzia casa-se com Raimundo Eugenio (casamento religioso), também conhecido como Raimundo Bá, é aí que surge a ramificação de “Eugenio”. O casal teve 10 filhos, mas, devido às dificuldades, dois deles acabaram morrendo.

Raimundo Bá, contava para filhos e netos, que trabalhou na construção do açude do Choró Limão, nos anos de 1932, a obra ocorreu nas grandes secas, mas também essas construções são conhecidas hoje como campo de concentração, onde pessoas, famílias inteiras, trabalhavam em condições desumanas, segundo narrativas das próprias famílias quilombolas e do próprio, que trabalhou na construção. Contava ainda, que devido às más condições, surgiram sete tipos de doenças. Uma família de dez pessoas, às vezes sobrevivia uma ou ninguém.

Como não dava tempo de enterrar os doentes devido à grande quantidade, eram feitas grandes valas e muitas vezes eles ainda eram jogados nas valas com vida, segundo relatos de Raimundo Bá a seus filhos e netos. Enquanto isso Luzia cuidava das crianças, do quintal e sempre sobrava tempo para ajudar as mulheres prestes a parir, essa habilidade foi aprendida através de Mãe Marta⁴⁵, daí surgiu o ofício de parteira.

Para as famílias do Quilombo, a criança que viesse ao mundo através das mãos de Maria Luzia, a teria como segunda mãe, assim havia um profundo respeito com a parteira mais conhecida e respeitada dos arredores. Segundo sua filha, Socorro Eugenio, em toda sua vida de parteira, nunca houve óbito, nem da mãe e nem da criança, ou seja, nunca morreu uma mulher de parto em suas mãos.

Quem sabe a dor de perder sua mãe precocemente e seu amadurecimento forçado tenha despertado em si o ofício de uma excelente parteira, evitando, assim, que outras crianças passassem pela mesma dor. Mãe Luzia, também era chamada para realizar partos em outros municípios, como mostra o texto a seguir:

[...] Pelos conhecimentos adquiridos, tornou-se prática em medicina, manipulando ervas, preparando infusões, fazendo bandagens e aplicando unguentos. Foi a parteira mais requisitada do lugar e entorno, razão pela qual, era respeitada e chamada de Mãe

⁴⁵ Marta Eugênio de Sousa, conhecida como dona Bá ou mãe Marta, sogra de Maria Luzia Ribeiro.

Luzia. Tornou-se mãe de umbigo de quase todos os habitantes do lugar e mãe de leite de parte deles. O amor pelos filhos perfilhados transcendia credo, cor, raça e posição social. A matriarca benfazeja, não calculava a tamanha importância de suas obras. Afinal, ela realizava tudo, simplesmente, pelo amor de bem servir! Onde chegava, era reverenciada por crianças, jovens e adultos; todos em busca de sua bênção. (MARTINS, 2014, p. 2).

Além de ser uma referência em partos, também fazia devoção a São João Batista, no qual era tirado nove terços durante nove dias consecutivos, e de Santa Luzia era realizado um tríduo⁴⁶. Durante os terços de São João Batista, a casa e o terreiro de Mãe Luzia ficavam lotados de gente. Era um grande momento das pessoas se juntarem através da fé e também da folia, visto que após os terços uns iam botar as trivialidades em dias, enquanto os jovens trocavam olhares, e as crianças brincavam.



Figura 10: Foto de Mãe Luzia e Raimundo Bá, e do bule de barro utilizado para servir o café durante os festejos e comemorações, Quilombo Sítio Veiga, Quixadá- CE.

Fonte: Arquivo da Autora, 2019.

⁴⁶ É um festejo que tem duração de três dias consecutivos, como na festa de Santa Luzia do dia 11 a 13 de dezembro.

A casa também era um ponto de referência para os que iam e vinham, pois ficava na beira da principal estrada ligando o município de Quixadá e o de Choró. As/os que chegavam eram acolhidos e depois ela servia café no bule feito de barro, que ficava na beira do fogão a lenha com intuito de manter o café sempre quente como mostra a figura acima.

Durante muito tempo, a casa de Mãe Luzia e Raimundo Bá tinha paredes e teto de palhas de coqueiro de coco catolé no Quilombo⁴⁷. A casa do casal mãe Luzia e Raimundo Bá era feita de palha, pois o casal não tinha condições materiais de possuir uma melhor. Não que aquela tenha sido ruim, mas oferecia mais perigo, as crianças ficavam mais expostas a vulnerabilidades, como ataques animais, frio ou mesmo fogo.

Viver imersa ao pauperismo foi resultado de mais de trezentos anos de escravidão que seus ancestrais foram expostos. Assim, mãe Luzia, ia trabalhar fora raspando mandiocas, lavando roupa, plantando, colhendo, como afirma Martins:

[...] Como mãe, esposa e mulher, exerceu a agricultura, em terras da família e atuou, também como meeira e diarista, em outras propriedades. Trabalhou em moagens de cana; nas raspagens de mandioca, durante as farinhadas e; na lavagem de roupas. Confeccionava parte dos utensílios domésticos empregando a técnica de manipular o barro de louça, herdada dos troncos velhos. [...] Mãe Luzia é mais uma filha da pátria com legado proficiente de trabalho e luta pacífica, que morreu, sem, contudo, a mãe gentil reconhecer e registrar seus feitos. Em verdade eu vos digo, ela foi vitimada e sufocada pela amnésia da burocracia estatal, que só uma década após sua morte, tornou oficial o reconhecimento do Sítio Veiga e cercanias como comunidade quilombola. A obreira, que em vida, enfrentou preconceito escancarado e velado da sociedade, por seu fenótipo, faleceu aos 85 anos de idade, no dia 20 de maio de 1996, deixando a nação serrana órfã. O seu corpo está sepultado no Cemitério Senhora Sant’Ana, em Dom Maurício. (MARTINS, 2014, p. 2-3) .

Contudo, é possível ver através dos relatos supracitados a grande mulher, protagonista invisível que foi Maria Luzia e sua imensa contribuição para o processo identitário das mulheres quilombolas do Sítio Veiga, Mãe Luzia é uma ancestral viva e atuante na vida das famílias quilombolas do Veiga, viveu intensamente e transmitiu sua vida a muitas pessoas. Para Grada Kilomba, em “Memórias da Plantação” (2020), um saber sem o sentir, sem o tocar não representa um saber completo, portanto é necessário viver de maneira intrínseca e intensa, para só então absorver a essência. Mãe Luzia, ao longo de sua vida experimentou todos esses saberes

⁴⁷ O coco catolé se difere do coco da praia, tanto na palha como no fruto, este coqueiro é uma planta nativa que está mais presente em serras. Há uma profunda relação desta planta com as famílias que ali residem, embora não seja tão utilizado como antes e ainda se tenha dúvidas sobre esta proporção no passado e no presente, visto que muitas pessoas ainda o usam, tanto para comer, ou as palhas, troncos e raízes, toda matéria orgânica do coco continua sendo utilizada.

de forma intrínseca, partilhando com seus pares os conhecimentos colhidos por meio da ancestralidade, deixando seu legado às mulheres quilombolas do Sítio Veiga.

3.3. Madinha Socorro: A Mestra

Escrever sobre Socorro Eugenio, foi a parte mais difícil e dolorosa deste trabalho, mas também me possibilitou viajar nas doces e amargas lembranças de quarenta e sete anos de convivência, de afeto, partilha, aprendizados e violências sobre seu corpo negro quilombola e que também recai sobre nossos corpos. Neste sentido tenho a incumbência de traduzir em um subcapítulo memórias de vida sobre essa grande mulher que foi Maria do Socorro Eugenio da Silva.

Aos 16 de julho de 1939, nascia no Sítio Veiga, Maria do Socorro da Silva, filha de Maria Luzia de Sousa e Raimundo Eugenio da Silva. O casal possuía pouca leitura, pois a oportunidade de aprender a ler e escrever lhes foram negados, mas, conseguiam ler o mundo a partir dos conhecimentos acumulados e repassados pelos seus. Tiveram oito filhos, Socorro Eugenio era a segunda filha do casal.

Dentre as filhas e filhos ela se destacava, com o desejo de estudar e romper com o latifúndio do saber. Dona de um sorriso grande e uma bondade infinita, a menina foi criada com muito afeto pela família. Desde cedo, ela contribuía nos afazeres domésticos e também no roçado, plantando, limpando e colhendo os frutos da terra.

Fora tempos de muitas privações, lembro-me que ela contava que morava em uma casa cujas paredes e teto eram cobertos/tampados com palha de coqueiro catolé, certo dia, ela e sua mãe foram para a casa vizinha pillar farinha para fazer papa para o irmão mais novo, que havia ficado em casa sob os cuidados dos mais velhos. De longe, avistaram sua casa ser consumida pelas intensas labaredas de fogo (não houve vítima) mas perderam o pouco que possuíam. Sempre tiveram que viver e conviver com tão pouco – ah “Pátria Amada”, quanta injustiça com suas filhas, enquanto uns dormem em berços esplêndidos, outras são obrigadas a sobreviver com suas migalhas; quando irá reconhecer e recompensar que estas feridas são mazelas da escravidão, em que a população negra fora acometida?

As desigualdades pela qual estava imersa sua família, impulsionaram-na a buscar nos estudos uma forma de mudar a realidade, na qual estava inserida. Percebendo o desejo da filha de aprender a ler, o casal compra a cartilha do ABC, segundo relatos da própria, a cartilha

foi o bem mais precioso que recebera dos pais. Assim, Socorro Eugenio, ajudava em casa e no roçado e também reservava o tempo para o aprendizado que acontecia a 4 km de sua casa. As aulas aconteciam na resistência da senhora conhecida por Raimunda Picuite, sua primeira professora, como descreve (MARTINS, 2020).

Iniciou os estudos na residência da professora Raimunda Picuite, no Sítio Silvestre, com a Cartilha do ABC, presenteada por seu pai. O aprimoramento da leitura, escrita e do cálculo matemático, deu-se com as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, no Mosteiro da Santa Cruz, em Dom Maurício e; posteriormente, como interna do Colégio Santa Isabel, em Fortaleza, por seis meses; voltou a estudar, novamente, nas dependências do Mosteiro da Santa Cruz, em Dom Maurício, quando estudou com minha mãe. Ali, aprenderam, também, cânticos, orações e fórmulas do Missal Romano, em latim. (MARTINS, 2020, p. 1).

A busca incessante pelo aprimoramento conhecimento, fez com que a jovem transitasse em muitos lugares do campo à cidade, objetivando aprimorar o conhecimento que tanto sonhara. Migrou como interna para o Colégio Santa Isabel em Fortaleza, como mostra o texto supracitado. Na ocasião, a jovem tinha em torno de dezesseis anos de idade. Pouco se sabe como foram os dias vividos dentro do internato, as informações sobre a estudante eram repassadas para a família, através das irmãs do Mosteiro Santa Cruz, pertencente à mesma congregação.

O fato é que seis meses depois a família foi chamada para buscar sua filha, pois a mesma não estava bem de saúde. Segundo relatos das irmãs responsáveis, a estudante havia surtado, sendo a ausência da família o motivo principal. Assim Raimundo Bá, ao qual Socorro chamava com muito orgulho de papai, foi buscá-la, quando retornou para o aconchego da família.

A história do surto sempre foi uma incógnita para mim, pois quando eu era criança, e tinha por volta de 12 anos de idade, fui levada para ser babá na casa de família na cidade de Quixadá, com a promessa de trabalhar e estudar, mas só trabalhava. Nunca foi fácil estar naquele espaço, longe dos meus. E assim ocorreu com a maioria das mulheres negras quando crianças, arrancadas de suas famílias com muitas promessas, mas nunca é mencionado a intensa jornada de trabalho ao qual foram e são submetidas, causando adoecimentos para o resto da vida.

De volta ao seu território, ela retoma sua vida e com o aprendizado adquirido sobre o mundo da leitura foi chamada para ensinar às outras crianças nos arredores. Ela também retorna ao Mosteiro Santa Cruz, entre os anos de 1957 até 1971, desta vez na condição de

professora, onde outrora fora aluna, como mostra a declaração feita pelas irmãs do Mosteiro, como mostra a figura abaixo.

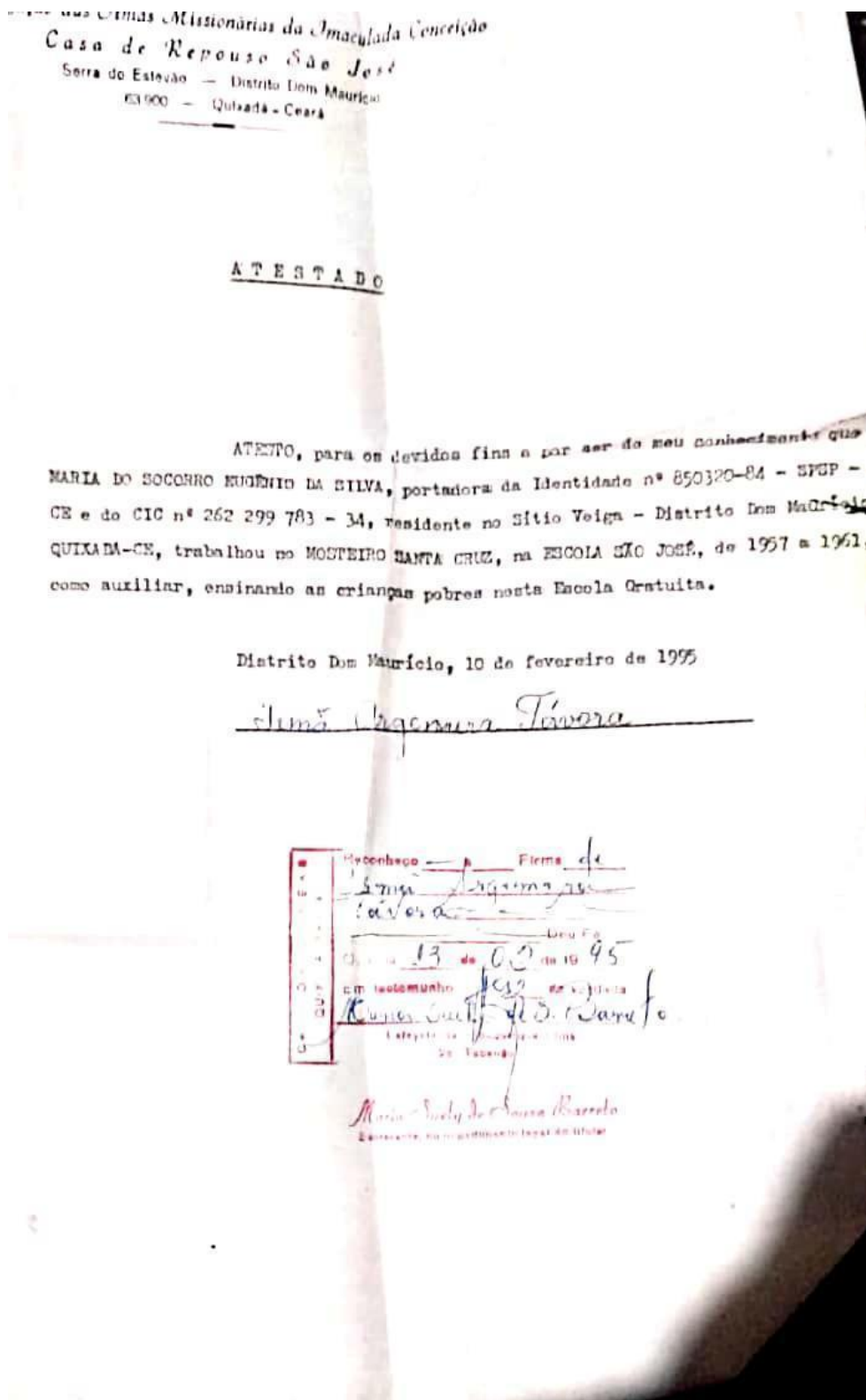


Figura 11: Declaração para aposentadoria da Professora Quilombola Maria do Socorro Eugenio da silva. Distrito Dom Maurício, Quixadá - CE. Fonte: Acervo da autora, 1995.

Importante destacar que a mestra Socorro Bá, contribui com a educação bem antes da data encontrada na declaração, pois a mesma desde que foi alfabetizada, passou a alfabetizar outras pessoas do quilombo e do entorno. Eu, como sua filha, muitas vezes, ouvia a mesma relatar que se os anos em que trabalhou no professorado tivessem sido reconhecidos e contabilizados, ela teria se aposentado bem mais cedo. No entanto, o estado não reconheceu o período em que ela utilizava a casa de sua mãe, Maria Luzia, como escola para ensinar a ler, ou mesmo quando passou a ensinar em sua própria casa, depois de casada.

A cada dia Socorro Eugenio aprendia e ensinava não apenas a ler letras, mas também a ler o mundo, o mundo em sua volta. Ainda na infância aprendera com sua mãe, as tradições cultuadas pela família, como a devoção a Santa Luzia e a Dança de São Gonçalo, contribuindo muito com o processo de organização social da comunidade e dos arredores.

A contribuição da Mestra Socorro Eugenio foi intensa para dentro e fora do Quilombo. Além dos conhecimentos sobre a terra e os que estão nela, era adepta da prática de manipulação dos remédios caseiros a partir das plantas medicinais; na cubação⁴⁸ de terra; na organização religiosa, quando atuou como catequista nos terços de Santa Luzia e São João; dançadeira de São Gonçalo; e na elaboração e realização de dramas⁴⁹, sua atuação como professora ocorreu em diversos espaços.

Fruto desta árdua caminhada, Socorro Eugenio torna-se a primeira educadora quilombola responsável pela alfabetização das crianças, dos jovens e dos adultos na comunidade e no entorno por volta do ano de 1957, como mostra na declaração para aposentadoria da Professora Quilombola Maria do Socorro Eugenio da Silva.

É muito importante ter em mente que escrever sobre mulheres como Mãe Veia, Maria Luzia Ribeiro, Mãe Luzia e Socorro Eugenio, é de grande importância visto que as três primeiras gerações não tiveram oportunidade de ler e escrever. Vale ressaltar que Socorro Eugenio conseguiu ser a primeira professora e a primeira geração, destas mulheres referenciadas, a ler, escrever e ensinar a outras/os, motivada por sua mãe e seu pai. Essa situação fez com que Socorro Eugenio também motivasse as suas filhas e filhos, e também as pessoas

⁴⁸ “Cubar”, é uma técnica para metragem de terreno, utilizados pelas trabalhadoras e trabalhadores para medir o tamanho do roçado a ser plantado, como forma de planejar os dias a trabalhar, a quantidade de sementes a serem plantadas.

⁴⁹ Peças teatrais narradas pela comunidade, geralmente eram realizadas após um festejo ou na escola. Socorro Eugenio deu uma forte contribuição na realização de muitos dramas, trazendo muita emoção, ora de alegria, ora de tristezas. Um deles, que mais me marcou, foi a história do primo Jorge, onde ele se apaixonou por sua prima Juliana, mas são impedidos de viver o amor pela família.

do entorno, a aprender a ler e a escrever, e com isso se interessarem pela educação como um todo.

Ela atuou no Território Quilombola, nas Escola José Pereira de Souza, no Mosteiro Santa Cruz, Educandário São José e na escola da sede do distrito de Dom Maurício, que atualmente é conhecida como EEF Antônio Martins de Almeida.



Figura 12: Escola de 1º Grau José Pereira de Souza, Sítio Veiga, 11 de Outubro de 1991, como mostra no quadro escrito a giz com a letra de minha mãe, Socorro Bá. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
Fonte: Arquivo da família, 1991.



Figura 13: A mestra Socorro na reunião de mãe e pais dos alunos, onde os alunos acolhem as/os mães/pais apresentando Drama. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
Fonte: Arquivo da família, 1999.

As duas fotografias supramencionadas evidenciam o papel da mestra Socorro Bá na educação do Quilombo, na figura vemos os alunos, filhos da mestra, de pessoas do Quilombo e dos arredores. Como podemos observar ainda nesta mesma figura, as faixas etárias entre os alunos são diferentes devido o ensino de Madrinha Socorro se dar de forma multisseriada, inclusive preenchendo o déficit de analfabetismo. Tão forte era o seu compromisso com a educação pública e de qualidade, que ensina os mais novos, crianças e jovens, durante o dia, e a noite os mais velhos, geralmente mães e pais de seus alunos e alunas. Na figura abaixo, ex-alunas e ex-alunos entregando os certificados aos pais e mães também estudantes.



Figura 14: Pai recebendo certificado de alfabetização de jovens e adultos das mãos da ex-aluna da Escola José Pereira de Sousa sob a tutela da mestra Socorro Bá. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
Fonte: Acervo familiar da autora, 2000.

Dentro do território quilombola chegou a existir uma escola nas décadas de 1960, Escola de Primeiro Grau José Pereira de Souza, que foi desativada na década de 1990. Daí em diante dificultou-se ainda mais o acesso à educação, uma vez que as crianças, jovens e adultos precisavam e precisam ainda se deslocar para a Escola de Ensino Fundamental Antônio Martins de Almeida, que fica localizada na sede do distrito Dom Maurício, atendendo também outras crianças das comunidades vizinhas.

O acesso dos estudantes à escola sempre foi um desafio muito grande para as famílias quilombolas, no que diz respeito ao espaço geográfico, sobretudo no período do inverno devido às péssimas condições da estrada. Em relação ao ensino médio, as/os estudantes

quilombolas percorrem mais de 40 km de ida e volta, para estudar nas escolas localizadas na sede do município. Estas/Estes saem de suas casas antes do sol nascer, e muitas vezes só retornam depois do pôr do sol.

As dificuldades de acesso à educação mencionada demonstram o descaso e, ao mesmo tempo, a necessidade de se pensar uma educação que leve em consideração o espaço onde essa população está inserida, ou seja, é importante que estas escolas estejam dentro dos territórios quilombolas. Assim, a educação para os Quilombos deve ser inclusiva e que sejam protagonizadas pelos sujeitos que ali residem. Que contemplem tanto os discentes, quanto os docentes e o corpo de funcionários enquanto remanescentes quilombolas.

É neste contexto que a Mestra Socorro Eugenio contribuiu significativamente para a comunidade como educadora, além de ensinar um código escrito GADERIPOLUTY⁵⁰, em que, partindo da palavra primitiva que dá nome ao código se formam uma infinidade de palavras. Este era utilizado como forma de manter um diálogo entre seus pares de forma oculta, secreta, sem que o conteúdo da conversa não seja compreendido por quem não domina o código.

Por um tempo, eu cheguei a achar que esse código era conhecido somente por Mestra Socorro Eugênio, minha mãe, e sua prole, eu e minhas irmãs e irmãos. Porém, fui encorajada a buscar mais sobre esse modo de linguagem escrita dentro e fora do Quilombo Sítio Veiga, seja por pesquisas sobre essa codificação em artigos e sites, seja em conversas de Whatsapp no grupo da família Eugenio, no grupo do movimento quilombola, e entre amigas e amigos. Os resultados dessa pesquisa nas redes sociais da Família, foram os seguintes: 1) na família Eugenio, a irmã e quase todos os irmãos aprenderam o código através de Socorro Eugênio, mas não sabem a origem de como ele aprendeu; 2) esse código está presente também entre todos as filhas e filhos de Socorro Eugenio, mas entre os netos, uma parte ouviu falar sobre, e somente um dos netos consegue manter diálogo através do código; 3) a partir dessa pesquisa intrafamiliar, os que não sabiam sobre a cifra passam a conhecer através dos outros, e já formulam palavras soltas em GADERIPOLUTY; 4) O outro tronco familiar ancestral do Quilombo Sítio Veiga, os Rosenos, também possuem conhecimento sobre o código, dado por minha mãe, Socorro Eugenio, onde Antonio da Silva, conhecido por Mitonho, sobrinho do mestre Joaquim, diz ter aprendido com a mesma quando ela era sua professora, e Norma que é dançadeira de São Gonçalo, e filha de Santana Roseno, afirmou que aprendeu com sua mãe. Provavelmente, Santana Roseno aprendeu com Socorro Eugenio, visto que as duas eram muito

⁵⁰ É uma linguagem codificada, uma espécie de segredo ensinada por Socorro Eugenio à sua família.

amigas, e eram parceiras na dança de São Gonçalo e na vida. Essas descobertas me motivaram a ir mais além, e passei a ensinar os familiares que não sabiam da criptografia em questão e hoje trocamos mensagens cifradas pelas redes sociais, nos rendendo muitas risadas, e ao mesmo tempo instigando familiares a aprender mais sobre o código.

Nas conversas entre amigas e amigos, descobri que a chave não estava somente no Quilombo, mas estava também presente na cidade e em outros estados. Uma amiga, de Santa Catarina, a cineasta Márcia Paraíso, que dirigiu o filme *O Joaquim*, citado anteriormente nesta dissertação, em conversa pelo Whatsapp, afirmou que já escutou sobre o código quando era criança, na época da ditadura militar e que era usada pelos presos nos porões da ditadura, mas que nunca mais havia ouvido falar sobre. Outra pessoa conhecedora do Código, entre minha rede de amigos, João Aldenir da Silva, o mesmo informou que esse segredo foi aprendido por ele quando criança na cidade de Fortaleza, no bairro Benfica na década de 80. Embora fosse um código que ele utilizava para brincar com colegas, sem que ninguém soubesse o que se estava sendo conversado, esse mesmo código, segundo ele, era utilizado por intelectuais de esquerda na época da ditadura, como forma de resistência ao regime militar.

Uma outra busca foi feita em sites e artigos acadêmicos, onde os diálogos apresentados acima foram confirmados, visto que apresentavam de forma semelhante os mesmos conhecimentos sobre o GADERIPOLUTY. De acordo com alguns sites e blogs⁵¹, o código supracitado tem sua origem em São Paulo durante o regime militar, e era utilizado pelos presos como forma de resistência. De acordo com postagem no blog Clube Gideões, feita em 07/03/2016:

[...] Alguns intelectuais da época, sabedores das condições indultas dos opressores daqueles dias, coisa, aliás, que não mudou muito, resolveram embaralhar algumas letras do alfabeto utilizando todas as vogais inclusive o ipsilon. O resultado foi incrível, ainda hoje tem militar tentando ler os versos de Anchieta (CLUBE GIDEÃO, 2016)

A cifra, nos sites pesquisados, possui uma peculiaridade que o difere da nossa de escrita no código, pois a que aprendemos no Quilombo Sítio Veiga é composto de uma palavra só em caixa alta (GADERIPOLUTY), enquanto a variação encontrada nos sites é composta por duas palavras e escritas em minúsculo (gaderi poluty), mas tendo as mesmas codificações. Também foi encontrado no artigo sobre línguas e dialetos argentinos, intitulado “Lunfardo,

⁵¹ ver mais: Clube Gideão. 07/03/2016. Disponível em: <clubegideao.blogspot.com> Acesso em: 27/07/2021. e o Clube do Gaderipoluty. 22/06/2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ClubeDoGaderipoluty/posts/324182374330197/>> Acesso em: 27/07/2021.

Vesre e outras modalidades do linguajar argentino”, de Maria Consuelo de Azevedo (1984), a pesquisadora, faz uma breve menção ao código como sendo um dialeto urbano brasileiro familiar as linguagens argentinas Lunfardo e Vesre, por ambas serem formas “de difícil compreensão e deturpada” (AZEVEDO, 1984, p. 146). Reforço que os conhecimentos acerca dessa codificação não se esgotam nesta pesquisa, é preciso aprofundar ainda mais este mergulho em busca de saber mais. Para essa discussão, trago apenas um pequeno esboço sobre o termo GADERIPOLUTY.

Todos estes ensinamentos transmitidos pelas matriarcas do Sítio Veiga fazem do território quilombola um espaço educacional, sendo estes conhecimentos, experimentados, vividos, repassados pelas mulheres. A extração e absorção destas epistemologias potencializadas por estes corpos femininos necessitam de uma profunda sensibilidade para tornar-se perceptíveis, compreendendo que estes ensinamentos são também uma forma de fazer ciência.

Na palestra “O Perigo da História Única”, de Chimamanda Adichie, sintetiza a importância de ampliarmos o olhar sobre o entorno, permitindo assim experimentar outras formas de conhecimentos que são dinâmicos, que se complementam, mas que não perdem sua especificidade: “A história sozinha cria estereótipos e o problema com estereótipos, que não é que eles não são verdadeiros, mas que eles são incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história” (ADICHIE, 2009).

Seguido a mesma trilha, Sueli Carneiro sintetiza em sua obra “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”, o seguinte pensamento: “Uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de ser representados em sua diversidade” (CARNEIRO, apud. Geledés, 2004).

Ao longo de sua vida, a professora, mestra filha parteira mãe Luzia, neta de Luzia e bisneta de mãe Véia, trilhou na contra mão da sociedade, refutando as condições impostas pelo sistema opressor. Aprender a ler e a escrever, e depois tornar-se professora, foi um ato de resistência e rebeldia que me possibilitou descrever e escrever, partilhar da memória suas contribuições para o processo organizativo e identitário das mulheres quilombolas do Veiga.

Socorro Eugenio casou-se com José Lourenço e juntos tiveram quatro mulheres e sete homens, sendo que um dos meninos morreu ainda criança. Sempre dizia que mesmo diante de todas as privações que teve, era muito feliz pelas suas filhas/os estarem vivas/os. Destes, sou a única a chegar na universidade, até o presente momento.

A mestra, Socorro Bá, também ocupou o espaço deixado pela mãe, Mãe Luzia, no grupo de São Gonçalo como guia, ajudando na manutenção das manifestações culturais, também dando continuidade com os terços de Santa Luzia e São João. Esse processo de passagem dos lugares que cada mulher ocupa na Dança, de geração em geração, através das matriarcas hoje me encontra. Minha tataravó, Mãe Veia, que passou a minha bisavó, Maria Luzia Ribeiro, que passou para minha avó, Maria Luzia de Souza, que passou para a minha mãe, Socorro Bá, e que chegou em mim, Ana Eugênia.

Toda a dificuldade enfrentada no que diz respeito à raça, classe e gênero, trouxeram consequências graves para a vida da professora mestra quilombola. Essas violências fizeram desenvolver uma infinidade de anomalias sobre seu corpo, como diabetes, problemas nos ossos e Alzheimer. Dentre estas anomalias, o Alzheimer foi devastador, tão perverso quanto a colonização fora, pois aos poucos agiu como um trator, destruindo a suas memórias individuais e coletivas. No entanto, todos seus conhecimentos adquiridos e transmitidos através dos laços uterinos ao longo da sua trajetória estão presentes não apenas em mim, mas em muitas mulheres quilombolas que fortalecem esse território e essa dança.

Os estereótipos, criados em torno do corpo negro, em particular da mulher negra quilombola, fazem com que estas sujeitas continuem na invisibilidade, pois estes conhecimentos não são vistos e tão pouco, valorizados. E, ainda mais, nos faz acreditar que realmente somos frutos desses estereótipos, portanto, se faz necessário “aprender a desaprender”, Mignolo (2008, p. 290). Desta forma, mesmo diante de toda adversidade imposta, a mestra Socorro Eugenio não deixou de ser grande diante de seus pares, sendo conhecida por “madinha Socorro” por parte comunidade, mesmo sem ser madrinha de batismo ou de fogueira, mas o apreço de ser quem foi lhe garantiu o zelo e o respeito de muitos à sua pessoa.

Durante os últimos dias de vida, seu ser-corpo-negro transitava sobre o solo sagrado do Quilombo Sítio Veiga, onde nascera. As lembranças do que fora no passado foram sendo apagadas de forma violenta, restando apenas falhas memórias de outrora. Durante o tempo em que ficara acamada, foi visitada por muitas pessoas, mesmo diante a pandemia do coronavírus, e com todos os cuidados exigidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como: uso de máscara, álcool gel e distanciamento social, as pessoas não deixaram de estar perto de Socorro Eugenio como forma de agradecimento por toda a contribuição.

Socorro Eugenio, infelizmente, dá seu último suspiro aos 82 anos, às 04:50 horas da manhã, do dia 09 de janeiro de 2021. Seu corpo sagrado descansa no cemitério do distrito de Dom Maurício. Seu legado não será apagado ou esquecido, pois além de permanecer em

nossas memórias estou escrevendo a história das matriarcas quilombolas do Sítio Veiga, para que as próximas gerações se apropriem, visto que, também fazemos parte dessa história. Reitero aqui, que nossas escritas são permeadas de subjetividade e estas são importantes para a produção do nosso conhecimento, visto que somos também movidos por sentimentos de dor, luta, resistência e resiliência e não há nenhum mal registrar nossas subjetividades.

3.4 Os caminhos para a implementação da educação escolar quilombola

A educação escolar quilombola é uma pauta antiga do movimento negro quilombola, que está alicerçada no jeito de ser e de viver dessa população, nos costumes, tradições e vivências com a terra, além da trajetória histórica e do pertencimento com o território. É pensando nisso, que o movimento pauta a implementação da Educação Escolar Quilombola nos currículos escolares, visando a inclusão dessas populações desde a educação básica até o nível superior como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB. Assim, a educação escolar quilombola tem como objetivo fazer com que essa população seja uma população de sujeitas/os conhecedoras/es de sua história.

De acordo com o texto “Educação Escolar Quilombola: uma construção coletiva no município de Caucaia-CE”, de Cláudia de Oliveira da Silva e Maria Eliene Magalhães da Silva (2019), destaca-se que:

Durante muitas décadas o Movimento Negro e o Movimento Quilombola tem demandado ações afirmativas para essas populações junto aos sistemas de governo. A educação para a população negra, indígena e quilombola é amparada pelas leis de nº 10.639/03 e nº 11.645/08 que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, dentre outros documentos legais. (SILVA & SILVA, 2019, p. 63)

Para as populações negras e quilombolas em geral, a educação cumpre um papel basilar porque possibilita a ascensão socioeconômica, acesso aos direitos e deveres enquanto cidadãos, e as estratégias e criticidade necessárias para conhecer, desmistificar e recontar as narrativas deturpadas sobre si. De acordo com Althusser:

[...] a escola consiste num aparelho ideológico do estado que atinge a população por um longo período de tempo. Para ele, a escola transmite esta ideologia por meio do seu currículo de forma direta ou indireta por meio das matérias e disciplinas. No entanto, essa ideologia atua de maneira discriminatória, na qual as pessoas das classes dominadas aprendem a obediência e subordinação, ao passo que a classe dominante aprende a comandar. (ALTHUSSER apud SILVA & ALENCAR, 2014, p. 39)

A grade curricular das escolas, sejam elas públicas ou privadas, sempre foram construídas sob a lógica do colonizador ignorando por completo as especificidades, a tradição, as vivências e as trajetórias dos povos quilombolas. Nesse sentido, essas práticas curriculares são discriminatórias, e que distanciam esta população da realidade na qual estão inseridas.

Nilma Lino Gomes (2017, p. 106), nos diz que a população só era lembrada no âmbito da educação nas datas comemorativas sobre a questão da população negra no Brasil. Muitas vezes, esses falsos festejos realizados no âmbito escolar se concentravam no dia 13 de maio, data em que se comemora a assinatura da Lei Áurea em 1888, colocando seus algozes como salvadores da pátria, sem referenciar as negras e negros abolicionistas que lutaram por sua libertação. Para Nilma Lino Gomes (2017):

A escola era a instituição em que tal interpretação era mais adotada. Geralmente, nas comemorações escolares, as crianças negras eram fantasiadas de africanos escravizados e uma menina branca e, de preferência, loura, era escolhida para representar a Princesa Isabel. Os manuais didáticos também apresentavam o 13 de maio como “o Dia da Libertação dos Escravos” e nada se discutia sobre a luta e resistência negras, silenciando a participação dos negros na sua própria libertação. (GOMES, 2017, p. 107)

A autora ressalta ainda que essas lutas foram protagonizadas pelos movimentos negros e suas entidades, e que estes são os principais atores políticos surgidos após as décadas de 1970. Essa atuação foi, também, uma forma de denúncia acerca da falsa abolição, onde a escola atuava como principal enaltecida da população branca, em detrimento da população negra, ao fortalecer os estereótipos de passividade das negras e negros, diante da “ação libertadora” do branco (GOMES, 2017, p. 107).

É importante salientar, que todas essas reivindicações de acesso a educação, como a lei 10.639/2003, e as políticas de ação afirmativas em que destaco as cotas para negras e negros, a educação escolar quilombola e os editais específicos para quilombolas na UNILAB, foram tensionadas pelos movimentos negros e quilombolas, do campo e da cidade, desde a frente negra.

A associação Frente Negra Brasileira, por exemplo, criada em São Paulo em 1931, tinha como objetivo se tornar uma articulação nacional com intuito de promover a “[...] educação e o entretenimento de seus membros, além de criar escolas e cursos de alfabetização de crianças, jovens e adultos”. Desta forma, podemos dizer que foi a Frente Negra Brasileira, umas das principais responsáveis a tensionar institucionalmente a importância da população negra nos diversos espaços educacionais públicos brasileiros. Sendo essa associação uma

articuladora política da emancipação e dos saberes e realidade da população negra (GOMES, 2017, p. 30).

Assim como o Teatro Experimental do Negro (TEN) (1944-1968) também teve seu papel na luta por educação da população negra, pois “alfabetiza seus primeiros participantes”, “operários, empregadas domésticas, favelados sem profissão definida, modestos funcionários públicos”, negros e negras (GOMES, 2017, P. 30). Desta forma, Arilson dos Santos Gomes (2018) também nos informa que:

Embora os representantes das populações negras, por intermédio de suas organizações sociais e de seus indivíduos, jamais tenham utilizado a expressão “ações afirmativas” para suas reivindicações, antes da década de 1970, a exigência por melhores condições ao longo da História foi um processo de lutas (GOMES, 2018, p. 105)

Esses trechos escolhidos nos indicam como o movimento negro e sua participação nas lutas por educação vem sendo articulado por muitas e muitos antes de nós. Assim, essas movimentações e ações negras ocorridas no século XX, foram importantes para a inclusão dos negros nas escolas, fomentando os debates educacionais sobretudo nas décadas de 40 e 60. Esses debates foram de extrema importância para ampliar a discussão sobre a necessidade de se pensar nas primeiras Leis de Diretrizes e Bases da Educação. Cabe destacar que as primeiras tentativas de inclusão de uma educação voltada também para a população negra foram a Lei 4.024/61, tensionada pelo Movimento Negro, mas que seu projeto apenas corroborou com ideia de uma educação mais universal, que fosse para todos, sem pensar as especificidades da população negra (DIAS, 2005 apud GOMES, 2017, p. 31).

Dias (2005 apud GOMES, 2017, p. 32), ressalta que após a ditadura militar, em 1964, e após a LDB da época (Lei 5.692/71), as questões sobre as relações étnico-raciais perderam espaço no âmbito nacional, mas que a redemocratização⁵² do Brasil, onde foram negociadas e articuladas as primeiras ações para de direitos após a regime militar, o que acabou culminando em uma “nova LDB (Lei 9.394/96) com a inclusão dos artigos 26-A e 79-B, o que também possibilitaria mais à frente a inclusão da Lei 10.639/03”. Desta forma para Arilson dos Santos Gomes (2018), na década de 80, líderes do movimento social negro como Abdias do Nascimento (1914-2011), Carlos Alberto Oliveira e Carlos Santos da Silva Santos (1905-

⁵² De acordo com Marilena Chauí é: “[...] um processo que, embora tenha começado logo nos meses que se seguiram ao golpe militar de 1964, conheceu um ponto de inflexão específico, a partir do qual encorpou e começou a se espalhar, comendo progressivamente o campo do adversário. Vamos circunscrevê-lo ao período que vai de 1975 - ano dramatizado pela morte de Vladimir Herzog - a 1988, quando se tem a nova Constituição.” (CHAUÍ, 2007, p. 206)

1989), assim como os quadros femininos Maria Beatriz do Nascimento (1942-1995) e Lélia de Almeida Gonzales (1935-1994), foram de grande importância para tensionar os movimentos sociais no que tange a aceleração das legislações de acesso ao direito, e a promulgação da constituição nacional, em 1988, reconhecendo a sociedade negra e quilombola como sujeito de direitos, assim como o direito destes à terra, e onde é criada a primeira instituição pública, Fundação Cultural Palmares (FCP), cujo o objetivo é proteger e buscar ações de proteção às comunidades quilombolas.

Arilson dos Santos Gomes (2018), afirma ainda que:

Na década de 1990, por meio de marchas e manifestações, as populações negras [e quilombolas] seguiram lutando por direitos. “A Marcha Zumbi dos Palmares pela vida e contra todas as formas de discriminação, realizada em 20 de novembro de 1995, é considerado o marco para as relações raciais no Brasil.” (SILVA; TRIGO; MARÇAL, 2015, p. 250-251 apud GOMES, 2018, p. 106)

O autor ainda nos informa que três pontos importantes dessas reivindicações pautadas pelas populações negras e quilombolas na Marcha: 1) derrubam o mito da democracia racial, e ao mesmo tempo cobram do estado públicas de ações afirmativas; 2) apresentam estudos que evidenciam a presença do racismo, sua persistência e avanços e; 3) propõe projetos de enfrentamento e superação ao racismo e as desigualdades com ênfase na educação, e pensando os quilombos (GOMES, 2018, p. 106). Porém, é importante frisar que a população quilombola, e suas demandas, não eram apenas assunto, como afirma Arilson dos Santos Gomes (2018), mas estavam presentes com seus corpos e pautas junto com o movimento negro. Destaco ainda que, grande parte da população quilombola presente na Marcha Zumbi dos Palmares pela vida e contra todas as formas de discriminação, de 1995, compunha-se de mulheres como Gilvania Conceição representante da CONAQ.

De acordo com Givânia Maria da Silva, quando se refere a ocasião da Marcha e as pautas quilombolas:

Passado os primeiros sete anos da CF/1988, portanto em 1995, na ocasião da *Marcha 300 anos imortalidade de Zumbi dos Palmares*, momento significativo para a luta do povo negro, as informações que se tinham sobre as comunidades quilombolas eram ainda mais precárias, ou seja, sabia-se muito menos do que se sabe hoje a respeito das comunidades quilombolas. Foi por meio do I Encontro Nacional das Comunidades Quilombolas, realizado na cidade de Brasília no período de 17 a 20 de novembro de 1995, culminando com o final da referida Marcha, que as comunidades quilombolas

apresentaram suas reivindicações pelo reconhecimento de seus direitos. (SILVA, 2012, p. 45)

O I Encontro Nacional das Comunidades Quilombolas, como nos apresenta Silva (2012), foi um dos momentos de suma importância para articulação do movimento quilombola, que reivindicava ao estado a inserção de políticas públicas e específicas para as populações quilombolas. Silva (2012) nos traz, ainda, um dos tópicos da Carta produzida neste encontro:

1. Reivindicamos que o governo federal implemente um programa de educação 1º e 2º graus especialmente adaptado à realidade das comunidades negras rurais quilombolas, com elaboração de material didático específico e a formação e aperfeiçoamento de professores; 2. Extensão do programa que garanta o salário base nacional de educação para os **professores leigos** das comunidades negras; 3. Implementação de cursos de alfabetização para adultos nas comunidades negras quilombolas. (CARTA I ENCONTRO NACIONAL DE QUILOMBOLAS, Brasília, 1995). (apud SILVA, 2012, p. 45)

No trecho acima é perceptível a reivindicação das comunidades negras quilombolas ao Estado ao cobrar políticas públicas como direito à terra, e à educação específica e de qualidade como forma reforçar a identidade dessas populações. Esta educação específica e de qualidade é a que nós chamamos hoje de educação escolar quilombola, e que atualmente encontra-se nas Leis de Diretrizes e Bases nacionais, estaduais e municipais de educação.

Essa trajetória de formação e aperfeiçoamento de professoras e professores é era uma realidade constante de muitas e muitos nos quilombos do Brasil, assim como a mestra, minha mãe, Maria Socorro Eugenio. Esta realidade dos ditos “professores leigos” ocorria pela falta de acesso e de condições materiais para concluir os estudos, como mostra a figura abaixo.



Figura 15: Certificado de Professoras Leigas pertencente a Maria do Socorro Eugenio.
Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
Fonte: Arquivo da autora.

Todo esse emaranhado de lutas das comunidades negras e quilombolas, do campo e da cidade, tencionaram adequações e inclusões nos documentos oficiais brasileiros quanto a diversidade racial e étnica do país. Por exemplo, Segundo Arilson dos Santos Gomes (2018), “as primeiras medidas de Ação Afirmativa⁵³ do tipo ‘cotas’ foram voltadas para a promoção da entrada de deficientes físicos no mercado de trabalho”, e aconteceram em 1996, quando Fernando Henrique Cardoso era presidente. É nesse período em que se tem a possibilidade de implementação de cotas a nível nacional (GOMES, 2018, p. 106).

Ainda segundo Gomes (2018), a “III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlatas”, sediada em Durban, na África do Sul, nos dias 30 de agosto a 7 de setembro de 2001, teve grande importância na expansão das discussões étnico-raciais na educação, e é desses entraves a nível internacional e nacional, que surge a lei 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003, que tornou obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares de escolas públicas e privadas, e é com base nesta que foi criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR), pela Lei 10.678/03, de 23 de maio de 2003 (GOMES, 2018, p. 107).

⁵³ “[...] uma ação afirmativa visa a reparar necessidades de grupos que, por algum motivo, tiveram suas condições materiais historicamente prejudicadas” (MUNANGA, 2003, p. 117 apud GOMES, 2018, p. 107)

Já em 2004 é criado o documento base sobre as Diretrizes Curriculares 03/2004, que divulga as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Foi encima desse conjunto de ações dos movimentos negros e quilombolas que, no dia 20 de julho de 2010, foram publicados o Estatuto de Igualdade Racial (Lei 12.288/10) e a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB⁵⁴ (Lei 12.289/10) (GOMES, 2018, p. 107). A Unilab é uma universidade pública brasileira, e está localizada no Estado do Ceará, nos municípios de Redenção e Acarape, e no Estado da Bahia, no município de São Francisco do Conde.

Das instituições de Ensino Superior existentes no Ceará, a Unilab é a única que possibilitou ensaios e discussões para os editais específicos de indígenas e quilombolas, a partir da luta travada por nossos ancestrais e continuada por nós. Destaco também que, o tensionamento do primeiro estudante quilombola, Antonio Jeovane da Silva Ferreira, do curso de antropologia da UNILAB, foi fundamental para ampliar e intensificar o debate acerca do ingresso desses povos à educação escolar quilombola de qualidade e ao ensino superior principalmente.

As discussões sobre a necessidade/urgência das/os quilombolas no ensino superior, tomaram corpo no XVII Encontro Estadual dos Quilombolas Estaduais do Ceará, que aconteceu nos dias 06 à 08 de outubro de 2017, com o tema Caminhos para o Quilombo: sujeitos e direitos, avanços e desafios, sediado no Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Lá estavam presentes representantes de diversos quilombolas do Ceará, bem como militantes dos movimentos negros, e discentes e docentes da UNILAB. A professora Jaqueline da Silva Costa, Ivan Costa Lima, e Eliane Gonçalves da Costa, e o discente Samora, estudante guineense da UNILAB.

Na ocasião, foram criados dois Grupo de Trabalho (GTs), durante o encontro, e um dos Grupo de Trabalho (GT), composto por jovens quilombolas que discutiam educação escolar quilombola e suas especificidades, ressaltou o desejo e os desafios que a comunidade quilombola encontra para ingressar na universidade. Como ressalta FERREIRA, NASCIMENTO & SILVA (2020), “[...] nele foi possível reunir diferentes representações da

⁵⁴ De acordo com sua Lei de criação “[...] ela têm como objetivo ministrar Ensino Superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar profissionais e cidadãos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos e Timor Leste, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.” (UNILAB. Unilab: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul. Redenção-CE: UNILAB, 2013, p. 11. Ver mais: <https://issuu.com/glaymerson/docs/livro_unilab_5_anos>)

juventude quilombola do Ceará, para debater os obstáculos existentes no acesso às universidades”, ainda segundo as autoras e o autor, as principais dificuldades para o ingresso no ensino superior foram as seguintes:

“a) *trabalho no campo* - muitas vezes é preferível trabalhar na roça para ajudar a família do que mesmo estudar, pois é do campo que vem a única fonte de renda; b) *acessibilidade e recursos financeiros* - grande parte dos quilombos estão situados em áreas distantes dos centros urbanos onde situam-se em grande número as instituições de ensino superior e, além do mais, as famílias não dispõem de valores financeiros que possam custear uma formação com esta; c) *falta de informações* - muitas comunidades ainda hoje sofrem com a ausência de sinal telefônico e de internet, o que dificulta o compartilhamento das informações; d) *fragilidade da formação no ensino básico* - muitos municípios fecham escolas e/ ou turmas e o ensino é multisseriado e, por fim, e) a *falta de incentivo* para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), porta de entrada para a universidade. (FERREIRA, NASCIMENTO & SILVA, 2020, p. 140)

Os desafios elencados pela juventude quilombola apontam a vulnerabilidade desses povos, assim como a necessidade de uma educação escolar quilombola, da educação básica ao ensino superior, pautada em suas especificidades como orienta a Lei 10.639/03, e levando em consideração o espaço geográfico onde estão inseridos. Em 2017, na época do encontro, eu era a primeira e única estudante do ensino superior do quilombo Sítio Veiga, cursando Serviço Social na UECE. Esse fator é mais um dos dados alarmantes sobre o acesso à educação e ao ensino superior dos povos quilombolas. Vale ressaltar, também, que a ausência de quilombolas na universidade demonstra a necessidade de se pensar outras alternativas de ações afirmativas para além das cotas raciais, visando a inclusão desta população.

É no dia 22 de dezembro de 2017, após as articulações e diálogos dentro da universidade com as coordenação do curso de pedagogia e pró-reitorias, e graças aos tensionamentos de quilombolas cearenses supracitados, é aberto pela primeira vez no Ceará um Edital Específico para Indígenas e Quilombolas, nº 33/2017, com seis vagas para remanescentes de quilombos cearenses e cinco vagas para os povos originários do Ceará no Curso de Pedagogia da UNILAB - CE. É importante frisar que, embora o edital seja para indígenas e quilombolas, e sua construção e constituição tenha sido partilhada também com os nossos parentes indígenas do Ceará, destaco apenas dados referentes à atuação e posicionamento do/as Quilombo/las, alinhados com as discussões que trago sobre estes (FERREIRA, NASCIMENTO & SILVA, 2020, p. 141) É a partir do segundo e do quinto Edital, que aumentou-se o número de vagas e mais cursos aderiram ao edital. Também, do segundo edital em diante, que as seleções foram estendidas ao Campus de Malês na Bahia. O estudo aponta ainda que 213 quilombolas

ingressaram na Unilab, nos campus Ceará e Bahia, através do referido Edital. Tendo o último edital ocorrido em 2019.2, com o ingresso de 57 quilombolas.

A partir destes Editais, nove estudantes quilombolas do Sítio Veiga ingressaram na universidade, em diversos cursos, através de editais específicos. O estudo citado acima mostra a importância deste edital como porta de entrada para o ingresso de estudantes quilombolas à universidade. Infelizmente, nos dois últimos governos, os ataques às políticas públicas têm sido intensos, aqui destaco a educação, onde nosso edital, tão incisivo para romper os muros da universidade, foi cancelado. Desde o seu cancelamento ocorrido em 2019.1, que estamos lutando para termos de volta a oportunidade de estudar numa universidade pública e de qualidade, desta vez como a primeira política pública de ações afirmativas para os grupos prioritários, indígenas, quilombolas, povos ciganos, pessoas com deficiência, a comunidade LGBTQIA+, refugiados, e outros. Por fim, o documento do projeto, pensado e articulado por discentes, docentes, técnicas/técnicos da UNILAB e membros/membros de movimentos sociais de dentro e fora da UNILAB, que juntos formam o GT de Ações Afirmativas⁵⁵, foi concluído e encaminhado para o Conselho Universitário (CONSUNI) da UNILAB, para ser apreciado.

Os diversos relatos de luta das mulheres, sua atuação no Quilombo Sítio Veiga e da Dança de São Gonçalo, mencionados nesta dissertação, são frutos também desse edital específico. Pois foi da minha condição de mestrandia, que se deu por vagas advindas dos editais específicos para indígenas e quilombolas, que me foi possibilitado falar sobre a importância e os desafios do ingresso e da permanência dos quilombolas na educação, sobretudo na UNILAB. Assim como a troca de saberes entre nós e a universidade, como afirma Selma dos Santos Dealdina (2020): “[...] A academia, por sua vez, é um espaço de encontros de saberes em que o acesso ao conhecimento científico agrega elementos à experiência dessas mulheres, qualificando suas aprendizagens, que elas podem desenvolver para suas comunidades [...]” (DEALDINA (Org.), 2020, p.89). E é nessa troca de saberes que estou trazendo a importância da história e dos conhecimentos ancestrais das mulheres quilombolas do Sítio Veiga, assim como a relevância dessas experiências para manutenção de nossas vidas.

⁵⁵ O GT foi criado a partir da Portaria Reitoria Nº 438, de 19 de outubro de 2020. Art. 3º O GT tem como objetivos: 1. Descrever as diretrizes legais das populações contempladas para a formulação do programa de ação afirmativa; 2. Indicar critérios de seleção dos grupos específicos; 3. Estabelecer processo que oriente a distribuição das cotas institucionais segundo os grupos contemplados pelo programa de ações afirmativas; 4. Apontar orientações para a política de permanência de estudantes contemplados(as) pelo programa de ações afirmativas.

4. OS CAMINHOS DA DANÇA DE SÃO GONÇALO

Quem nunca viu, venha ver (2x)
São Gonçalo no terreiro (2x)
Dançando com seus devotos (2x)
Junto com seus companheiros. (2x)
(Trecho da cantiga de São Gonçalo)

Os caminhos da Dança de São Gonçalo se manifestam em todo o cotidiano do Quilombo Sítio Veiga e retratam nossas manifestações culturais, e os ensinamentos herdados por nossas e nossos ancestrais e perpetuados nas inúmeras gerações do Veiga, tendo as mulheres como umas das maiores responsáveis pela manutenção desses saberes-fazer. Assim, será explorado neste capítulo a estética de nossa cultura por meio das imagens. Essas imagens vão apresentar as nossas memórias e dar a sequência dos acontecimentos necessários para que a Dança ocorra. A antropologia visual nesse contexto, ajuda-nos a criar a partir da minha experiência um diário de campo, onde é possível identificar todas as fases da realização e da celebração como também as funções dos sujeitos e locais sagrados da festa⁵⁶. É importante refletir que essas imagens abordam questões para além da religiosidade, mas que também expressam o social, o cultural e a ancestralidade.

Este capítulo propõe trazer reflexões através das imagens fotográficas e de como estas são, também, fontes ricas de conhecimento, assim como o método autobiográfico. Ambos nesse momento se entrelaçam como os laços ornamentais da festa. De acordo com Ana Maria Mauad e Itan Cruz Ramos (2017, p. 156):

As fotografias são fonte inestimáveis para o estudo da história das famílias, por revelarem, a cada tempo de forma diferente, como elas construíram a sua autoimagem, elegeram emblemas de identidade e desenharam os contornos da noção de intimidade, ao mesmo tempo em que evidenciariam, nesse processo, as estratégias de seus trabalhos de memória. (MAUD & RAMOS, 2017, p. 156)

⁵⁶ GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. In: **Cadernos de Antropologia & Imagem**, 10 (1). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000. pp.155-165

A escrita autobiográfica serve como uma curadoria dessa exposição fotográfica, que pretende muito mais que expor a arte do recortar à luz. A beleza nessa exposição está nas quilombolas dançantes da Dança de São Gonçalo, na sua organização social e fortalecimento identitário que enobrece a imagem demonstrando as relações de intimidade intrafamiliar entre as dançadeiras e dançadores, e na participação dos devotos. Ao mesmo tempo, surgindo como uma estratégia de construção e reconstrução da memória, a prática fotográfica é incentivada pela necessidade do não esquecer, como ressalta Ana Maria Mauad (2016, p. 273). Assim, tanto o método autobiográfico quanto a exposição fotográfica são metodologias que se complementam, pois ambas se utilizam de representações internas ao quilombo e à festa de São Gonçalo para que essas memórias continuem latentes.

O acervo visual que complementa essa dissertação, é composto tanto por fotografias pessoais de cunho amador, tiradas por familiares e amigos, quanto por fotografias profissionais, tiradas e cedidas por instituições e organizações, como a ONU mulheres⁵⁷, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, articulado pelo Instituto Jovens Rurais do Brasil (IJRB) e o Quilombo Sítio Veiga. As imagens foram fotografadas por celulares, câmeras profissionais, e tem autorias diversas, justificando os múltiplos olhares e sentidos que me ajudam a compor esse diário de campo, dado que este trabalho é autobiográfico, portanto não contém todas as fotos que demonstram os preparativos para realização do festejo, como as prendas tiradas para o almoço comunitário, os materiais retirados no mato para confecção da barraca, ou mesmo a barraca sendo erguida e o ensaio que acontece um dia antes do festejo.

Neste capítulo, trago através das imagens os caminhos que compõem a dança de São Gonçalo em si, e os locais onde acontece a manifestação cultural, como também as dançadeiras, os dançadores e os foliões. Assim, este acervo visual pertencente ao quilombo Sítio Veiga integra o meu diário de campo, no qual veremos a seguir.

4.1. Os Detalhes que se Entre-Dançam

⁵⁷ “A ONU Mulheres foi criada, em 2010, para unir, fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres. Segue o legado de duas décadas do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) em defesa dos direitos humanos das mulheres, especialmente pelo apoio a articulações e movimento de mulheres e feministas, entre elas mulheres negras, indígenas, jovens, trabalhadoras domésticas e trabalhadoras rurais” (ver mais ONU Mulheres. Disponível em: <<https://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>> Acesso em: 27/07/2021)

As fotos apresentadas nesta pesquisa mostram a importância da representatividade das famílias quilombolas do Quilombo Sítio Veiga, elas demonstram com mais exatidão os momentos de interação e as dinâmicas do espaço proporcionadas pelo território. De acordo com Beatriz Nascimento no filme *Orí*: “É preciso a imagem para recuperar a identidade, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro. E em cada um o reflexo de todos os corpos.” (GERBER, 1989). Aqui os outros são os mesmos e ninguém está à margem, ninguém está excluído. É um momento de integração coletiva. Seguindo na mesma trilha, Mauad e Ramos (2017), ressalta que:

“As fotografias são monumentos da intimidade familiar por serem produzidas com a função de lembrar, ao mesmo tempo em que, como documento da história, nos permite conhecer e observar como essa instituição vem se transformando no tempo e no espaço” (MAUAD & RAMOS, 2017, p. 156).

Nesse sentido, as fotografias apresentadas nesta dissertação, tem como objetivo [re]contar as diversas contribuições, entre elas a Dança de São Gonçalo, deixadas pelo primeiro “tronco velho”, Mãe Veia e seu esposo, às famílias quilombolas do Sítio Veiga. Desse modo, a dança de São Gonçalo trazida por Mãe Veia e seu esposo é um ritual em homenagem ao santo português Gonçalo, que nasceu na cidade de Tagilde em 1187. Em Portugal, a tradicional festa é realizada na cidade de Amarante, no dia 7 de junho, com uma semana de festejos, procissões, banda de música e folguedos populares. Gonçalo estudou em uma escola arquiépiscopal em Braga, foi ordenado sacerdote e posteriormente pároco de São Paio de Vizela.

O culto ao santo foi permitido apenas no ano de 1551, pelo papa Júlio III e foi canonizado em 1561 (SANTOS, 2009). São Gonçalo é conhecido por operar milagres de conversão de pecadores. As histórias contadas pelo povo sobre o santo diziam que ele costumava vestir-se de mulher aos sábados para cantar, tocar e dançar com mulheres vistas como prostitutas. Para ele, quando as mulheres participassem da dança aos sábados, estariam cansadas no dia seguinte, não caindo em tentação e que um dia elas poderiam se converter-se e casar-se (SANTOS, 2009).

Essa mesma versão é conhecida pelos moradores e participantes da dança na comunidade quilombola do Sítio Veiga. Não é incomum encontrar testemunhos como este:

Meu avô dizia... Meu tio me repassou essa história, que era um santo que tinha muita mulher prostituta...[sic] Aí diz que ele passava o dia com essas mulheres dançando pra de noite elas estarem cansadas e não saírem de casa⁵⁸.

Existem duas representações desse santo. A primeira, popularmente chamada de São Gonçalo do Amarante, é representada por um homem com vestimentas de camponeses tradicionais portugueses. A outra representação é de um homem vestido em um calção até os joelhos da mesma cor da blusa, botas pretas e uma capa nas costas enquanto toca uma viola (MAIA, 2017). Essa última é a descrição da imagem encontrada no Sítio Veiga.

No artigo intitulado “A Dança de São Gonçalo na comunidade quilombola da Serra do Evaristo, um primeiro olhar para seu registro coreográfico”, Ana Carla Araújo de Lima e Iana Teresa Moura Gomes (2009), afirmam que embora estando em espaços geográficos diferentes, essas expressões variadas do Festejo de São Gonçalo congregam em si características comuns em boa parte delas:

“[...] é tradicional a presença do Santo no altar, armado especialmente para [sic] êste fim, o acompanhamento de viola, a disposição inicial dos participantes em duas colunas ou fileiras; a realização de evolução várias, sob a direção de guias, que são geralmente os violeiros; a apresentação de canto; a existência de orações iniciais e finais e o oferecimento da dança; a divisão desta em partes, quase sempre separadas por intervalos; a presença predominante de mulheres no Norte, Minas e Goiás, de pares nos demais Estados e homens em algumas regiões de São Paulo; a sua execução comumente, à noite, no sábado, véspera de dias santos ou feriados, por ser demasiadamente longa” (LIMA & GOMES apud GIFFONI, 2009, p. 3-4)

Há também uma devoção ao santo na comunidade quilombola Serra do Evaristo, no Maciço de Baturité, no estado do Ceará. Assim como a Dança de São Gonçalo do Quilombo Sítio Veiga possui diversas características em comum com as outras, como mostra Lima & Gomes (2009): a realização para pagamento de promessas; a composição de homens e mulheres em pares; maior número de dançantes sendo mulheres; os cordões rosa e azul; o altar montado para o santo; e os instrumentos. Já Wolfgang Teske (2009, p. 62) fala sobre a devoção a São Gonçalo, que está presente também na comunidade quilombola Lagoa das Pedras em Arraias (TO), porém lá, a dança é conhecida como roda de São Gonçalo, tendo as mesmas semelhanças supracitadas com as demais expressões. Assim como na comunidade quilombola do Sítio Veiga, o cumprimento de promessas a São Gonçalo na comunidade quilombola de Lagoa das

⁵⁸ Em documentário que pode ser encontrado na página de vídeos YouTube, chamado O JOAQUIM, feito em 2015 com o apoio da IPHAN/CNFCP, e pelo Edital de Apoio à Produção de Documentários Etnográficos sobre o Patrimônio Cultural Imaterial (Etnodoc), com direção de Márcia Paraíso, com duração de 26 minutos, acessado em 05/06/2021.

Pedras é de extrema importância⁵⁹.

Wolfgang Teske (2009, p. 66) assinala ainda que:

A forma de adoração de São Gonçalo é denominada de culto popular, e é uma realidade, não importando se ele é aceito ou combatido. Ele é consequência do catolicismo popular, que inclui tantas práticas e regras religiosas como elementos da tradição. “A Dança de São Gonçalo é uma das inúmeras manifestações tradicionais brasileira que compõe, ao lado das Folias de Reis, Congadas, Cavalhadas e Moçambiques, o rico mosaico do catolicismo popular brasileiro.” (TESKE apud OTÁVIO, 2009, p. 66)

Neste trecho, Wolfgang deixa subentendido a condição sincrética da cultura popular brasileira, pois todas essas expressões citadas junto com a adoração de São Gonçalo, como as Folias de Reis, Congadas, Cavalhadas e Moçambiques, nascem de negociações tecidas pelas identidades populares negras, no que Homi K. Bhabha chama de “entre-lugar” (1998):

[...] deveríamos lembrar que é o “inter” — o fio cortante da tradução e da negociação, o *entre-lugar* — que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas, do “povo”. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos. (BHABHA, 1998, p.69)

É nesse Terceiro Espaço que o autor explora a negociação cultural entre o colonizador e o colonizado, assim como na Dança de São Gonçalo do Sítio Veiga, onde os remanescentes quilombolas negociam os significados pertinentes para sua vida, subtraindo e/ou acrescentando signos, como nos mostra Bhabha (1998):

“Aqui a palavra da autoridade divina é profundamente afetada pela asserção do signo nativo e, na própria prática da dominação, a linguagem do senhor se hibridiza — nem uma coisa nem outra. O incalculável sujeito colonizado — semi-aquiescente, semi-opositor, jamais confiável — produz um problema irresolúvel de diferença cultural para a própria interpelação da autoridade cultural colonial.” (BHABHA, 1998, p.62)

Embora a dança de São Gonçalo seja oriunda de Portugal, como afirmam alguns intelectuais, ao chegar aqui no Brasil ela passa a congregar novos significados. Neste sentido, a Dança de São Gonçalo do Sítio Veiga é composta de vários elementos deste *entre-lugar* Portugal-Paú dos Ferros-Quilombo Sítio Veiga. Portanto, mesmo a devoção a São Gonçalo tendo vindo de Portugal, e tendo sua matriz Católica, ao chegar em nosso Quilombo ela torna-se uma nova produção cultural, com novos sentidos e novos significados. Ou seja, a Dança de São Gonçalo no Quilombo passa a constituir a identidade dos quilombolas, e é constituída por esta, deixando de ser somente portuguesa, e agora comendo também o emaranhado das

⁵⁹ Ver mais Wolfgang Teske (2009, p. 90)

expressões afro-brasileiras. Deste modo, esse Terceiro Espaço, o *entre-lugar*, evidencia o *hibridismo cultural* proposto por Bhabha (1998):

É significativo que as capacidades produtivas desse Terceiro Espaço tenham proveniência colonial ou pós-colonial. Isso porque a disposição de descer àquele território estrangeiro — para onde guiei o leitor — pode revelar que o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir o caminho à contextualização de uma cultura internacional, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na diversidade de culturas, mas na inscrição e articulação do hibridismo da cultura. (BHABHA, 1998, p.69)

É nesse contexto de hibridização cultural, que a Dança de São Gonçalo visibiliza o próprio Quilombo Sítio Veiga, e dos demais espaços em que ela exista. Assim, a dança como expressão cultural fortalece o território marcado por essa identidade afro-brasileira rompendo com o silêncio das expressões culturais e religiosas da população negra que ficam muitas vezes no anonimato e/ou na clandestinidade. Este fato ocorre sobretudo devido à negação da existência/presença da população negra no Ceará.

Como já afirmamos anteriormente no primeiro capítulo, o festejo não é de exclusividade do Veiga, pelo contrário, pode ser encontrado em muitas partes do Brasil com variações e adaptações. O que se tem de primeiro registro da realização da festa foi na cidade de Salvador no ano de 1718 (MAIA, 2017). O pagamento de promessas ao Santo está presente nas manifestações culturais aqui apresentadas.

Assim é possível perceber, por meio da letra da cantiga em reverência a São Gonçalo, uma forte ligação com a crença de realizar e pagar promessas sobre diversas questões, seja para ter uma boa colheita, seja para ter de volta sua saúde, ou seja, ainda, para fortalecer a memória e saberes de suas ancestrais no processo de afirmação da identidade das mulheres.

Quem São Gonçalo serve, será servido. (2x)
É de Deus amado, é de todo o povo (2x)
Quem São Gonçalo serve, de coração. (2x)
É de Deus amado, é de todo o povo. (2x)
(Trecho de cantiga à São Gonçalo)

No Quilombo Veiga, as mulheres animadas dançam descalças batendo os pés no chão de barro demonstrando uma profunda relação com a Mãe Terra. As outras pessoas assistem, batem palmas, cantam versos em louvor. A comunidade está toda reunida para celebrar São Gonçalo. Como mostrado abaixo, na imagem:



Figura 16: Os pés das mulheres descalços sobre o chão e a relação com a terra. Arquivo da comunidade, 2020.

Dessa forma, elas perpetuam uma maneira específica de devoção popular herdada de suas antigas raízes. Seu Joaquim, Mestre de Cultura, com 79 anos, puxador da Dança nos mostra os rituais que compõem as regras do jogo e sua posição na dança: "É preciso ter vigor e disposição para não deixar a poeira baixar e se o comandante esmorece os comandados também amolengam o passo. Nessas horas é melhor ter alguém mais jovem para festa não parar" (MORENO, 2014, p.57).

A Dança de São Gonçalo tem uma profunda ligação com o território, pois nela os devotos do Santo fazem promessas para ter uma boa colheita, pedem a cura de alguns males, como o câncer entre outros e para ter a graça de um bom inverno. Com a graça alcançada, pagam a promessa com a dança que acontece quase sempre no mês de novembro e é de extrema relevância para as famílias quilombolas e a população do entorno.

O ritual do São Gonçalo já conta com a sexta geração. A Dança comporta em sua dinâmica elementos Portugueses e Afrodescendentes, sendo estes o santo com sua origem lusitana e a corporeidade, os ritmos, os ritos, as vestimentas, a partilha da alimentação e da dança de origem afrodescendente. Sendo este um lugar de resistência, elaborando-se um novo espaço cultural próprio do Quilombo Veiga.

A festa no Sítio Veiga hoje começa bem antes da apresentação da dança. O responsável pela organização é o mestre da Cultura⁶⁰, Seu Joaquim Roseno. Ele faz o papel do puxador, pessoa que partilha de todas as etapas do ritual. Porém, a preparação para a festa começa dias antes, onde um grupo de mulheres quilombolas, geralmente as próprias dançadeiras, se dirigem as comunidades vizinhas para pedir prendas (alimentos perecíveis e não perecíveis) para o almoço comunitário que será ofertado no dia da dança, dialogando sobre e convidando estes moradores para participar da festa de São Gonçalo. A barraca, local onde acontece a dança, é montada em regime de mutirão por mulheres, homens, jovens e crianças na semana anterior ao evento. A decoração é feita com panos de chitas, fotografias da comunidade, e banners com nossa história. Também são feitas pequenas bandeiras coloridas que enfeitam a barraca e o terreiro. Além disso, a matéria prima para erguer a barraca é retirada de dentro do território, como árvores e palhas de coco catolé, de onde a comunidade também produz os bancos a partir dos troncos de madeira para que os visitantes possam assistir. Mulheres e homens se unem para trabalhar na montagem da festa. Enquanto os homens confeccionam a estrutura, as mulheres cuidam das comidas que serão servidas no almoço comunitário, ou mesmo vendidas para os outros moradores ou visitantes, elas também fazem os ajustes das vestimentas do puxador, do violeiro e das dançadeiras, e ainda produzem as bandeiras coloridas que adornam o altar do Santo.

Na sexta-feira, um dia antes do festejo, ocorre o ensaio com todo o grupo no terreiro onde a Dança será iniciada. O festejo acontece o dia inteiro na comunidade quilombola Sítio Veiga em saudação ao santo violeiro e ao pagamento de promessas. A festa se inicia na alvorada, e ao fim do dia são realizadas 12 jornadas⁶¹, dançadas por 12 mulheres e 2 homens. Mas, além das 12 jornadas, são tiradas mais uma jornada que é ofertada as dançadeiras e dançadores, e outras jornadas de acordo com a quantidade de promessas feitas em agradecimento ao Santo. As jornadas são formadas de duas filas de mulheres atrás dos homens que tocam os instrumentos. Mulheres e homens se vestem de branco, ornamentadas de cortes de faixas anil e rosadas para dividir os grupos, chamados de fileiras ou cordões. À frente das 12 dançadeiras encontra-se o Mestre e seu acompanhante.

Não se sabe ao certo a origem dos passos da dança, mas Mãe Luzia, que dançava para São Gonçalo, na condição de guia, afirma que a dança foi puxada por Mãe Veia em tempos

⁶⁰ Os Mestres da Cultura do Ceará são reconhecidos pelas leis 13.351/2003 e 13.842/2006 que instituem o registro dos Tesouros Vivos da cultura tradicional popular, e pela preservação e continuação das tradições culturais do Estado.

⁶¹ É a quantidade de vezes que eles cumprem e acertam a dança durante os versos em louvor.

passados. Os instrumentos utilizados são viola, um tambor que pertence ao Sr. Joaquim e foi herança herdada de seu avô Chiquinho Ribeiro e um atabaque que acompanha a entonação da cantiga cantada durante a dança pelo grupo (MAIA, 2017). Sabemos que nós, mulheres que dançamos, cantamos e encantamos, aprendemos essa epistemologia quilombola, feminina, negra e religiosa, por meio da matriarca fundadora do Quilombo, Mãe Veia, e seu esposo Pai Xigano, e que todos nós, famílias quilombolas do Sítio Veiga, carregamos em nossas memórias as histórias, as vivências, enfim a ancestralidade das e dos que se foram.

A barraca onde acontece a Dança, como mostra a figura, é enfeitada pelas famílias quilombolas, um dia antes da festa. A estrutura é feita de madeira e coberta com palha de coqueiro catolé. São feitas bandeirinhas coloridas que se entrelaçam entre si, por dentro e fora da barraca, também são utilizados fotos, *banners*, bandeiras do movimento quilombola, onde todos esses adornos compõem o cenário de acolhimento da celebração.



Figura 17: Barraca ornamentada para a festividade da Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.

Fonte: João Marcos Nunes Caetano, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento. Realização do Instituto Jovens Rurais do Brasil (IJRB) e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

Essa decoração, para além do “enfeitar”, conta a história de nossa luta e resistência ancestral. Toda essa beleza representa o cuidado com os nossos corpos, nosso território, a nossa manifestação cultural que é a Dança de São Gonçalo e é feito com muito carinho para prestigiar o Santo e receber as pessoas, foliões, que estão prestes a chegar. A foto abaixo mostra a barraca

ornamentada com banners sobre a história da comunidade, bandeirinhas coloridas, troncos de árvores e palhas de coqueiro catolé enfeitam e contam as narrativas dos remanescentes quilombolas do Sítio Veiga.



Figura 18: Barraca ornamentada com banners, bandeirinhas e palhas de coqueiro catolé para a Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Elen Beatriz Gomes de Andrade, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

Nas barracas já ornamentadas pelas famílias quilombolas, a imagem do Santo São Gonçalo enfeitada pelas mulheres é colocada sobre uma mesa coberta com uma toalha branca. O mesmo passa a ocupar o lugar central dentro da barraca, de modo que esteja à vista de todos

os foliões. Na imagem, o santo se encontra ao lado de Santa Teresa, dentro de uma estrutura de madeira e adornada com o mesmo material das bandeiras.



Figura 19: Enfeite de São Gonçalo, nosso Santo de devoção. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Mayara Albuquerque da Cruz, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

Não apenas os laços entrelaçam-se para enfeitar e contar a história do Quilombo e da Dança na Barraca, compondo o cenário. Mas as pessoas, as dançadeiras, também se enfeitam, ganham laços, ganham traços de alegria para aquele momento sagrado.



Figura 20: O cuidado capilar no embelezamento para a Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJR e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

O cuidado capilar e o embelezamento para a dança, praticados entre as mulheres, está para além da estética, pois nossos cabelos trançados são símbolos de luta e empoderamento da beleza negra, como nos diz Chico César, em sua música “Respeitem meus cabelos brancos”, que nós negras e negros somos livres para usar os nossos cabelos da forma que nós quisermos. Em outrora, nossos cabelos eram vistos como sinônimos de gargalhadas e nossas peles olhadas com desdém, as figuras demonstram o cuidado com o cabelo, com a nossa pele, e de umas com as outras fortalecidas através da Dança de São Gonçalo.



Figura 21: A partilha das afetividades das mulheres enaltecendo a estética negra para a Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: João Marcos Nunes de Sousa, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

Para que haja dança é preciso de música. Por isso, os dois homens, Mestre Joaquim com seu tambor, e seu sobrinho o violeiro Antônio Osvaldo, que participam da Dança também se enfeitam de branco como as mulheres; e seus instrumentos ganham cores compartilhando a vida que se comemora dentro do território quilombola do Sítio Veiga.



Figura 22: Mestre Joaquim enfeitado para o início da festa de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Geysse Anne Silva , 2020.

A imagem acima, mostra o mestre Joaquim arrumado, e com seu tambor enfeitado, ao lado da barraca minutos antes de começar a Dança de São Gonçalo. Percebe-se que há pessoas no entorno aguardando o início. A imagem acima foi tirada por Geysse Anne Silva,

militante do Movimento Negro Unificado - MNU, e estudante de Pedagogia graduada no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela UNILAB.



Figura 23: Violeiro e dançador enfeitado para a festa de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.

Fonte: Ellen Beatriz Gomes de Andrade, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

O violeiro e dançador Antônio Osvaldo, já arrumado e com seu violão, aguardando o começo da Dança no local onde se inicia o cortejo. Também é neste terreiro exposto na fotografia acima, que acontecem os ensaios da Dança de São Gonçalo, dia antes da festa. Foi neste mesmo chão de terra batida que as matriarcas do Quilombo Sítio Veiga, Mãe Veia, Maria Luzia, Socorro Eugenio, Santana Roseno, e tantas outras mulheres, pisaram, dançaram, cantaram e encantaram em homenagem ao santo. E hoje, esses mesmos caminhos são percorridos por nós, com os nossos pés firmes sobre o solo sagrado de nosso território.

4.2. O Cortejo Ancestral: Da Mãe Veia à Mãe Rita

*Ôh que caminhos tão longe (2x)
 Ôh que areia tão quente (2x)
 Se não fosse São Gonçalo (2x)
 aqui não tinha esta gente. (2x)
 (Trecho da cantiga de São Gonçalo)*

A semana da Consciência Negra se encerra no sábado com a Dança de São Gonçalo. Nesse dia, após o momento de embelezamento das Dançadeiras e Dançadores para a dança, pela manhã bem cedo e já finalizados os adornos do espaço, as mulheres e homens, os/as foliões se dirigem ao local inicial do Cortejo, o terreiro onde a primeira ancestral, Mãe Veia, construiu

sua morada. Esse local é de pura ancestralidade, memória e história. Foi a partir desse primeiro contato da matriarca do Quilombo com o nosso território Sítio Veiga que essa união terra-povo foi semeada e que perdura até hoje representada na dança de São Gonçalo.

O grupo segue, então, formando os dois cordões: um rosa, um azul. Cantando com a imagem do Santo à frente, levado por alguém, até o local do festejo, que chamamos de barraca localizada no terreiro que pertenceu a Mãe Rita.



Figura 24: Maria Rita, conhecida como Mãe Rita, e seu bisneto. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE.

Fonte: Arquivo do Mestre Joaquim (sem data). Quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE.

A barraca, onde termina o cortejo e começa a dança, pertenceu à matriarca ancestral Maria Rita, conhecida como Mãe Rita (como mostra a figura acima), mãe do mestre Joaquim, avó e bisavó de parte das dançadeiras e dançadores, pertencentes ao tronco veio dos Roseno. Tida como uma mulher de personalidade forte entre os moradores do quilombo e entorno, Mãe Rita perdeu seu marido cedo, tendo que criar seus filhos sozinha. A foto abaixo, mostra um desses encontros dos dois troncos ancestrais que na caminhada, no contato com a terra, nos passos de cada uma/um, possibilitada pelo Cortejo da dança de São Gonçalo, nos une e também nos ajuda a nos manter vivas as memórias dessas mulheres matriarcas de ontem no hoje, e a nossa conexão com o território do Sítio Veiga.



Figura 25: Tronco Eugênio e Tronco Roseno em pose para foto do filme “Eu, Semente” de Márcia Paraíso. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Márcia Paraíso, através do projeto 70 Olhares Sobre Direitos Humanos, 2019.

A foto acima, foi tirada pela cineasta Márcia Paraíso, em 2019, no terreiro que fica a frente da casa da mestra Socorro, nesta estão presentes quilombolas das duas famílias troncos, da esquerda para a direita temos: Ana Sther Ferreira; Tais Ferreira da Silva; José Lourenço da Silva; Maria do Socorro Eugenio da Silva; Antônia alzenir da Silva Ferreira (Eugenios conhecidos como os Bá), Jerlilson Jhons Alves; Rosimeire Maciel; Bruna Ribeiro; Mestre Joaquim Ferreira (Ribeiros conhecidos como os Rosenos), Mikael de Almeida; Kaynan de Almeida e Ana Eugênia (Eugenios conhecidos como os Bá).

Essa foto é uma das que compõem o documentário, “70 Olhares sobre Direitos Humanos”, onde a minha história compõe um desses setenta olhares, intitulado “Eu, Semente”. Na foto encontram-se os representantes dos dois troncos, quatro gerações dos Eugênios e quatro gerações dos Rosenos. A história do nosso Quilombo, é traçada na dança, através dessa relação entre as matriarcas das duas famílias, e por essa razão, o cortejo é um momento muito místico em que as famílias quilombolas saem à porta, e ficam esperando que o grupo passe, enquanto outras pessoas do entorno acompanham o cortejo até o local inicial da dança. O dia da dança é como se fosse um feriado local, aliás, ele é mais que um feriado, pois as famílias que vão participar da folia fazem todos os seus afazeres um dia antes para ficarem livres e homenagear São Gonçalo. É na festa de São Gonçalo que as pessoas se encontram, reencontram e fortalecem os laços afetivos comunitários.



Figura 26: Início do Cortejo da festa de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
Fonte: Mayara Albuquerque da Cruz, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

Como mostra a figura acima, o Santo pode ser carregado por uma criança, adulto, menino ou menina, homem ou mulher, ou seja, não são levados em conta fatores etários ou de gênero, mas a disponibilidade e a circunstância do momento. Na fotografia acima, as dançadeiras e dançadores, junto do carregador do santo, Daniel Campos Soares, se organizam para dar início ao cortejo. No cortejo, quem conduz o grupo é quem carrega o santo, como mostra a figura de número 26, onde o Mestre Joaquim dá as últimas instruções para o início da dança.



Figura 27: Pagamento de promessa em agradecimento à cura de Câncer de mama de Ana Eugênia. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
 Fonte: Acervo pessoal da autora, novembro de 2017.

Também há casos em que o santo é conduzido pela/o prometteira/o com a finalidade de agradecer ao pedido alcançado. Com a graça recebida é hora de pagar a promessa. Na figura logo acima, o santo é levado por mim no cortejo pelo Quilombo, esse momento foi em virtude da cura recebida quando uma de minhas mamas foi tomada pelo Câncer⁶². Quando recebi o diagnóstico fiquei sem chão, a devoção à São Gonçalo me motivou a seguir firme, enfrentando e superando o Câncer de mama. Em agradecimento à boa ocorrência dos procedimentos cirúrgicos para retirada da mama, que ocorreu em 2016, participei do festejo como prometteira e não como dançadeira, pois a cirurgia ainda era recente e me impossibilitava de dançar. Entretanto, contribuí como podia, vestida de branco, carregando o santo, cantando e encantando e permanecendo no local durante o dia de festa inteiro. O momento exato do pagamento da promessa, que aconteceu após as doze jornadas, no final do dia, foi um momento muito esperado, e emocionante, pois todos que estavam ali queriam ver o pagamento de promessa. Na ocasião, uma das foliãs me chamou e disse que, se eu quisesse, ela cortaria o

⁶² Fiz mastectomia completa da mama direita, pois a mesma estava mais de 70% comprometida. Como mostra o trecho contido em meu trabalho de conclusão de curso (TCC), Enfrentamento e Superação do Câncer de mama: narrativa autobiográfica de uma mulher negra quilombola. (SILVA, 2012, p.64).

cabelo e me daria, pois como bem sabe-se a quimioterapia é um processo agressivo em que, muitas vezes, há perda de cabelo. É possível perceber através da letra da música cantada em reverência a São Gonçalo uma forte ligação com a crença de realizar e pagar promessas sobre diversas questões, seja para ter uma boa colheita, seja para ter de volta sua saúde, como mostra no trecho abaixo:

[o nome do promesseira/o] quando se viu (bis)
De dores amortecidas (bis)
Valeu-se de São Gonçalo (bis)
E logo, foi favorecido. (Bis).
(trecho da música da Dança de São Gonçalo)

Como afirma Videira (2009), não é um espetáculo, fazemos para celebrar e agradecer a boa colheita, o plantio e a cura de alguma anomalia. A dança que junto com a reza da folia, com o pagamento de promessas e com a preparação de comidas, formam o conjunto amplo que compõe a festa em homenagem a São Gonçalo. Esse festejo, entendido apenas como religioso católico, para nós é expressão cultural viva e permanente da história e trajetória, de como ressignificados como fundante de nossos valores.



Figura 28: Chegada à Barraca no terreiro de Mãe Rita no Quilombo Sítio Veiga. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
Fonte: João Marcos Nunes Caetano, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

A chegada à barraca é um momento bastante esperado onde parte dos foliões, onde nós dançadeiras e dançadores e os encontramos à espera do início da Dança. É um momento místico, em que todos estão ansiosos para o início da dança, e as atenções se voltam à barraca, até mesmo as crianças que estão brincando nos arredores param para contemplar o ato, como mostra a figura, que está observando a dança, e mesmo não sendo possível ver o rosto da mesma, é perceptível que a criança está encantada ao ver as mulheres, as cores e o santo no centro do altar. Todos esses encantos são aprendidos nesse espaço, nesse chão, que também é a escola de nossas trajetórias, vivências e tradições.



Figura 29: São Gonçalo é posto no Altar, para iniciar o ritual da Dança no Quilombo Sítio Veiga. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Elen Beatriz Gomes de Andrade, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

Depois que o santo é colocado no centro do altar, sob a barraca colorida e adornada com banners sobre a nossa história e identidade, e os participantes grupo tomam seus lugares nas fileiras de cores rosa e azul, nossas vozes se somam ao som do tambor e do violão, como podemos ver na imagem supracitada e assim é dado início a essa tradição que permanece viva desde 1906, pelas mãos e os pés de Mãe Veia e Pai Xigano.

4.3. Doze Mulheres, Dois Homens, Doze Sementes

Como já foi mencionado anteriormente, a Dança de São Gonçalo é uma manifestação cultural e religiosa do Quilombo Veiga. Este Patrimônio Cultural foi uma herança

deixada pelo casal fundador, Maria Fernandes e seu companheiro Chiquinho Ribeiro, e seus valores preservados no âmago do cotidiano hostil dos descendentes africanos no Brasil, permanecem em nós. Mãe Veia, era a responsável pela manutenção do Patrimônio, exercendo o papel de Mestre, assim sendo, ela foi a primeira mestra. É importante ressaltar que a Dança era tirada pelas mulheres, não havendo a presença de homens. Como relatou no RTID (2012), o próprio Mestre “Joaquim” resalta que aprendeu os ritos, em um dos ensaios, quando, na ocasião, faltou uma das dançadeiras.

Para realização da dança são 12 mulheres e 2 homens, como mostram as figuras situadas abaixo, porém o grupo é composto por 17 pessoas. Essas três pessoas a mais ficam como reservas, para caso uma delas falte tenham sempre uma outra para substituir. Os devotos do Santo fazem promessas, quando são acometidos por doenças ou para ter uma boa colheita. Com a graça alcançada é hora de pagar a promessa com a Dança, dançando ou simplesmente prestigiando-a.



Figura 30: São Gonçalo é posto no Altar, e inicia-se o ritual da Dança no Quilombo Sítio Veiga. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.



Figura 31: Os cantadores, dançadores e tocadores de São Gonçalo e seus instrumentos, Mestre e Violeiro. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Mayara Albuquerque da Cruz, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

A Dança de São Gonçalo do Sítio Veiga é realizada no mês de novembro em alusão ao mês da Consciência Negra. Acontece sempre em um sábado durante todo o dia e é composta de 12 jornadas que são contadas com 12 sementes crioulas. As sementes mostradas na imagem abaixo, simbolizam as 11 jornadas já dançadas, faltando apenas mais uma semente, ou seja, mais uma jornada. Essas sementes são conferidas antes da dança, e ficam guardadas no bolso do mestre Joaquim. A cada jornada realizada uma semente é repassada para o bolso do violeiro, e assim são contadas as jornadas.



Figura 32: As sementes usadas para a contagem das Jornadas da Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
Fonte: da autora, 2017.

A dança é um ato pedagógico em si, porque se utiliza de diversos domínios do conhecimento para estabelecer sua relação interna. Seja a contação matemática, produzida pelas dançadeiras e a tempo e ritmo da melodia, seja pelo domínio do espaço geográfico, seja pela história cantada, seja pelo sentimento de cooperatividade produzido nos atos de partilha em todos os momentos está-se aprendendo e ensinando aos mais velhos e aos mais jovens. Ressalvo aqui que o território e a dança estão entrelaçados intimamente, portanto, se tornam indissociáveis um do outro. Neste território, plantamos e colhemos as sementes crioulas, na qual nutrimos os nossos corpos; e, neste mesmo chão dançamos com as sementes sendo partilhadas a cada jornada, assim nutrimos também o nosso espírito.

Em todo o momento do festejo, do Cortejo no terreiro à Dança na barraca, as mulheres dançam descalças e os dois homens dançam calçados, como mostram as fotografias. O fato de nós mulheres dançarmos descalças não significa que sejamos inferiores aos homens, como alguns dizem ou pensam. O chão pisado pelas dançadeiras e dançadores, debaixo da barraca, é aguado e varrido, entre as jornadas como forma de cuidado, tanto para com a terra, quanto para com as mulheres e com os foliões, como forma de evitar a poeira e quentura do chão de terra.



Figura 33: O toque dos pés das dançadeiras com a mãe terra na Dança de São Gonçalo, no Quilombo Sítio Veiga. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: Elen Beatriz Gomes de Andrade, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.



Figura 34: A conexão das mulheres descalças e dos homens calçados, dançando, cantando e encantando São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
Fonte: Mayara Albuquerque da cruz, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

Para nós, mulheres do Quilombo Sítio Veiga, dançar com os pés descalços é sinônimo de prosperidade e conexão com o território, pois ao tocar os nossos pés sobre o chão de nosso território, estamos firmando o encontro das fertilidades: a mãe terra e nós, mulheres dançadeiras de São Gonçalo. Essa conexão de tocar os pés no chão antes, durante, e depois da dança, representa uma relação de interdependência entre uma e outra, entre nós e a terra, para a perpetuação da vida do nosso Quilombo. Essa conexão também está presente nos passos da dança, através do ato de reverenciar o santo e a nós mesmas, como demonstram as figuras abaixo.



Figura 35: Saudação inicial à São Gonçalo posto no Altar. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
 Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.



Figura 36: Saudação entre as mulheres na dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
 Fonte: João Marcos Nunes Caetano, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

É importante frisar, que, além das doze jornadas que compõem a estrutura primária da dança, são acrescentadas mais algumas jornadas de acordo com a quantidade de promessas

feitas pela população em geral. Essas jornadas adicionais, destinadas às promessas, são avisadas ao mestre ou alguém do grupo em período anterior ao acontecimento dos festejos. A última jornada, após as jornadas das promessas, é dedicada às dançadeiras e aos dançadores como forma de agradecimento pelo ato.

Assim, a última jornada dedicada a dançadeiras e dançadores de São Gonçalo, é um momento de profunda interação entre o passado, o presente e o futuro; e de agradecimento pelas graças alcançadas e também de renovação dos pedidos ao santo.



Figura 37: A mística nos agradecimentos e pedidos das dançadeiras à São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.

Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

O ato de ajoelhar-se frente ao altar pelas parelhas⁶³, evidenciado na figura acima, é um ato de reverência, respeito e nutrição espiritual. Como mostra a letra da música, onde todas as mulheres quilombolas dançadeiras, no momento do pedido em comum, quando pedem saúde para que juntas possam dançar, cantar e encantar São Gonçalo no ano seguinte.

⁶³ As parelhas são duas mulheres, uma de cada cordão, rosa e azul, que formam um par para dançar, cantar e encantar. Os cordões possuem 7 parelhas, 6 pares de mulheres e 1 par de homens.

4.4. A Música, a Dança e as Mulheres

Toda a Dança de São Gonçalo é envolvida pela cantiga ao Santo, apresentada logo abaixo. O ritmo, o canto que embala as dançadeiras, o violeiro e o mestre, que faz das vozes das doze mulheres, dos dois homens e das foliãs e foliões ecoarem pelas doze jornadas compõem essa produção minuciosa, eu, o mestre Joaquim e o professor Paulino Pinheiro Gaia⁶⁴, que na ocasião está pesquisando a Dança de São Gonçalo, enquanto performance. Quando fui procurada pelo professor em agosto de 2020, para falar sobre a possibilidade de sua pesquisa, disse que estaria à disposição, mas que gostaria que ele contribuísse no registro da letra e voz da Dança de São Gonçalo, visto que o Quilombo, só tinha a letra da música registrada somente em nossas memórias, pois não tínhamos as condições materiais para registrar.

Outrora tentamos registrar, mas não conseguimos tê-la na íntegra como agora, esse desejo do registro também foi demandado pelas/os foliãs e foliões, visto que também cantam conosco durante o ritual. Durante duas semanas, íamos à casa do mestre para capturar a letra através da voz do mestre Joaquim, a gravação foi feita por celular, dentro do carro, para melhorar a qualidade do som. Após o registro, era hora de retornar para minha casa e lá, fizemos a transcrição. Muitas vezes tínhamos que refazer novamente devido a má qualidade do som colhido.

Quando o trabalho da coleta foi concluído, mal podia acreditar que a partir daquele momento o Quilombo Sítio Veiga, tinha o registro da cantiga de São Gonçalo, na voz do mestre Joaquim e minha voz e também a letra completa da música, mostrada logo abaixo. Aquelas duas semanas foram de muito ensino e aprendizado, aos poucos fomos recuperando as lembranças, as cenas, as palavras, as sílabas que dão o tom a música e conseguimos registrar pela primeira vez a letra da música cantada no Quilombo do Sítio Veiga. durante a celebração em louvor a São Gonçalo. A letra da música foi exposta no banner, fazendo parte da ornamentação e mais que isso, proporcionando que seja cantada e conhecida dentro e fora da comunidade quilombola do Sítio Veiga e adjacências e assim seguiremos encantando, cantando e dançando São Gonçalo no meio do Sertão.

Música da Dança de São Gonçalo do Sítio Veiga:

Quem nunca viu, venha ver (2x)
São Gonçalo no terreiro (2x)

Vamos embora menina (2x)
Pro canto da cachoeira (2x)

⁶⁴ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação Física na Universidade de Brasília- PPGEF/UnB.

Dançando com seus devotos (2x)
Junto com seus companheiros (2x)

Ôh que caminhos tão longe (2x)
Ôh que areia tão quente (2x)
Toca a viola sereno (2x)
Se não fosse São Gonçalo (2x)
Aqui não tinha esta gente. (2x)

Graças a Deus já chegamos (2x)
Nesta casa de alegria (2x)
Onde mora Santo Deus (2x)
Filho da virgem Maria. (2x)

São Gonçalo é um santo, muito milagroso (2x)
É de Deus amado, é de todo o povo (2x)
Quem a São Gonçalo serve, será servido (2x)
É de Deus amado, é de todo o povo. (2x)
Quem a São Gonçalo serve de coração (2x)
É de Deus amado, é de todo o povo. (2x)

Já queremos dá principio (2x)
Está nossa devoção (2x)
Em louvor de São Gonçalo (2x)
Da virgem da Conceição. (2x)

Concedei-me a licença, (2x)
Santo do meu coração (2x)
Vamos ao pé do altar (2x)
Fazer nossa cortesia. (2x)

Esta noite eu sair fora (2x)
Vi o céu tá se abrindo (2x)
As almas entrando pra dentro (2x)
São Gonçalo as conduzindo. (2x)

Dançemo certo as parelhas (2x)
Que o povo estão espiando (2x)
Se nós não dancemo certo (2x)
O povo fica falando (2x)

Bate, bate meu tambor (2x)
Bate, bate sem demora (2x)
Em louvor de São Gonçalo (2x)
Também de Nossa Senhora (2x)
O tocador da viola. (2x)

Ôh que parecia tão certa (2x)
De duas moças donzelas (2x)
São Gonçalo como passa (2x)
Bote os santos olhos nela (2x)

Santa Teresa foi freira (2x)
Menina de 12 anos (2x)
Escreveu a Santo Onofre (2x)
Que este mundo era um engano.

Chegue chegue companheira (2x)
Que já estão postas as guias (2x)

Todas vestidas de branco (2x)
Em traje de lavadeiras. (2x)

O dono dessa promessa (2x)
Tem gosto e satisfação (2x)
De festeja São Gonçalo (2x)
No meio desse sertão. (2x)

Ôh que coqueiro tão alto (2x)
Com dois coquinhos de prata (2x)
Essas dançadeiras novas (2x)
De vergonha tão tremendo (2x)

São Gonçalo quer é missa, (2x)
E quer festa na Igreja (2x)
Quer uma dança bem tirada (2x)
Onde todo mundo veja. (2x)

Nossa Senhora de Agosto (2x)
Apareceu o sol posto (2x)
Com uma estrela na testa (2x)
Outra na maçã do rosto. (2x)

São Gonçalo é um santo (2x)
Casamenteiro das moças (2x)
Casai-me a mim primeiro (2x)
Pra depois casar as outras. (2x)

Meu divino São Gonçalo (2x)
Divino consolador (2x)
Consolai as nossas almas (2x)
Quando deste mundo for. (2x)

Quem vem dançar São Gonçalo (2x)
Tem que ter o pé ligeiro (2x)
Depois não saiam dizendo (2x)
Tem barroca no terreiro. (2x)

Menino Jesus da Lapa (2x)
Quem te deu esta Camisa (2x)
Foi a freira do convento (2x)
Chamada Maria Virgem (2x)

São Gonçalo diz que tem (2x)
Maravalhas no chapéu (2x)
Isso não são maravalhas (2x)
São maravilhas do céu. (2x)

Chuvinha que vem do Norte (2x)
De longe traz a zoadá (2x)
Vem acordando os devotos (2x)
Do divino São Gonçalo. (2x)

Este povo que não dança (2x)
Que quê vinheram ver cá (2x)

Eu sou romeiro de longe. (2x)
 Não posso vir todo dia. (2x)⁶⁵

Essa vai por despedida (2x)
 Essa basta por agora (2x)
 Em louvor de São Gonçalo (2x)
 Também de Nossa Senhora. (2x)⁶⁷

Óh guias e contra guias (2x)
 No cantar tenha cuidado (2x)
 Não acho cê de acerto (2x)
 Dançar o santo calado. (2x)

Ôlê lê lê grande dia (2x)
 Valei-me a virgem Maria (2x);
 Ôlê lê lê grande hora (2x)
 Valei-me lá Nossa Senhora (2x)
 Seja pelo amor de Deus (2x)
 Cada qual busque o que é seu.(2x)

Veio comer do nosso arroz (2x)
 Beber do nosso aluar.⁶⁶ (2x)

(Fulano) quando se viu (2X)
 De dores amortecido (2x)
 Valeu-se de São Gonçalo (2x)
 Logo foi favorecido. (2x)

Te alevanta (Fulano) (2x)
 Bota o santo no altar (2x)
 Tua promessa esta paga (2x)
 Deus a queira perdoar. (2x)

Adeus Adeus São Gonçalo (2x)
 Até pro ano que vem (2x)
 Se a morte não nos matar (2x)
 Se Deus quiser eu também. (2x)

(Música da Dança de São Gonçalo completa)

As mulheres matriarcas do Quilombo Sítio Veiga, ao longo de seu processo de vida, muito contribuíram e ainda contribuem para o fortalecimento e pertencimento étnico-racial, pois trazem em suas bagagens sociais, políticas, econômicas e culturais, um importante patrimônio para a sociedade. O lugar que cada mulher ocupa na Dança não está vinculado à idade e tão pouco ao estado civil de cada uma, mas é de acordo com a experiência dançando e a disposição de cada uma. Geralmente, as mais inibidas preferem ocupar um lugar mais atrás, porém se houver necessidade podem dançar em um outro lugar. A figura abaixo demonstra como é essa organização dentro dos cordões.

⁶⁵ Essa estrofe é cantada quando seu Joaquim (mestre) chama as dançadeiras e dançadores para dar continuidade no ritual, ou seja, o retorno para uma outra série de jornadas sequenciadas.

⁶⁶ Seu Joaquim não gosta de cantar porque soa como piada.

⁶⁷ Quando termina a jornada!



Figura 38: Os pares de guias, contraguias e garupas nos cordões Rosa e Azul da Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.

Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa. Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

Os lugares ocupados por nós mulheres na Dança de São Gonçalo nos faz refletir sobre o processo de organização para realização das festas e na vida no Quilombo, mas também nos faz pensar sobre a participação das mulheres na sociedade em todas as esferas, e como essa participação social feminina seria um ganho não somente para nós mulheres, mas para toda a sociedade. Devemos enfatizar que a mulher negra na diáspora africana nas Américas, seja nos EUA ou no Brasil, foram historicamente subalternizadas e resistem. Angela Davis deixa isso claro, mesmo quando discute o pós abolição nos EUA. Cabe salientar que mesmo se tratando da realidade norte americana, nós mulheres quilombolas somos atingidas pelo mesmo processo de subalternização que a colonização nos impõe, mas nossa resistência se faz presente em nosso cotidiano, no que diz respeito a violência do racismo. Davis afirma que:

“[...] ao contrário das mulheres brancas se unirem a campanha abolicionista, as mulheres negras eram motivadas menos por preocupações com a caridade ou por princípios morais gerais do que pelas necessidades palpáveis e de sobrevivência de seu povo [...] naturalmente obrigadas a se juntar à luta de resistência de seu povo [...], (DAVIS, 2016, p. 134).

Ou seja, como ressaltado na citação acima, de Davis (2016), o fazer dessas mulheres está intimamente ligado às mudanças estruturais sócio-política e histórica, e no Quilombo não é diferente. Por essa razão, traremos por meio da escrita e de algumas representações imagéticas um novo olhar, ainda mais endógeno do que somente de dentro da porteira. Agora o recorte é

de dentro da dança. Como já foi mencionado, não trago todas as imagens sobre a dança, dado que a amostra de fotografias a ser comentadas são retiradas de um acervo já existente, o acervo de fotografias do Quilombo Sítio Veiga, é necessária então vislumbrar, através dos relatos, a Dança de São Gonçalo e os diversos lugares ocupados pelas mulheres quilombolas, que são: guias, contra-guias, garupas e as mulheres foliãs que vêm prestigiar o Santo. A cantiga à São Gonçalo serve como norteador desses locais, pois a canção afirma a necessidade da nossa presença ocupando esses espaços, seja cantando, dançando ou assistindo, como evidencia o trecho:

Ôlê lê lê grande dia (2x)
Valei-me a virgem Maria (2x);
Ôlê lê lê grande hora (2x)
Valei-me lá Nossa Senhora (2x)
Seja pelo amor de Deus (2x)
Cada qual busque o que é seu (2x)
(trecho da cantiga de São Gonçalo)

Cabe destacar que os espaços preenchidos por essas mulheres, seja dançando ou assistindo a dança, seja como guia, contraguia, garupa, ou foliã, ou até mesmo o mestre, ou violeiro, não são maiores ou menores, mas são lugares de integração e interação. Todos/as constroem por meio da dança o espaço de ensino-aprendizagem entre as mulheres que dançam, cantam e encantam e as mulheres que participam do encantamento, que é a Dança de São Gonçalo do Sítio Veiga, como também entre os homens que participam e assistem. Assim, a Dança é uma das maiores atividades realizadas dentro do território quilombola. Na fotografia a seguir, encontramos todos os lugares ocupados pelas mulheres dançadeiras.



Figura 39: Cordão rosa, com a guias, contraguias e garupas da Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.

Fonte: Mayara Albuquerque da Cruz, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

As guias são o primeiro par de mulheres depois do par que é composto pelo Mestre e pelo violeiro, elas têm um papel fundamental, pois são as responsáveis em guiar e conduzir o grupo, cantando, dançando e encantando. Uma guiando o cordão rosa e outra guiando o cordão azul. Embora sejam as responsáveis por guiar, elas precisam das outras, havendo uma reciprocidade entre o grupo. Isso é importante por que neste espaço de poder, uma só é por causa das outras/os, que também compõe este poder, não sendo um poder opressor, mas, partilhado, dinâmico.

As contraguias são o segundo par de mulheres; uma do cordão rosa e a outra do cordão azul, que na dança ocupam o terceiro par, ficando atrás das guias, que estão atrás do mestre e do violeiro e à frente das garupas. Em um dos momentos da dança, as contra guias se juntam com as guias e com os tocadores, juntas/os, cantam dançam e encantam em um emaranhado de vozes, entrelaçando os passos, fazendo ecoar o ritmo sobre o chão batido do Quilombo. Naquele momento há uma profunda conexão entre o papel de cada uma, fortalecendo a ausência de hierarquia ou centralização de comando, a dinâmica, a flexibilidade, ou seja, a autonomia de cada uma diante da responsabilidade do coletivo.

As garupas representam os quatro últimos pares dos cordões rosa e azul. Essas mulheres ficam atrás das contraguias e seguem-se também em fileira do terceiro ao sexto par de mulheres, e compõem os cordões do quarto ao sétimo par na dança. As oito mulheres que ocupam o lugar de garupas têm a incumbência, também, de cantar, dançar e encantar. Mais que isso, sempre atentas para, se porventura houver um erro no cantar e no dançar, elas gritarem lá de trás “alguém errou!”.

Se houver erro, graças as garupas, nós refazemos novamente a jornada, não importa quem cometeu o erro, a responsabilidade do erro é partilhada por todas/os do grupo para não contrariar o Santo. Como ressalta a letra:

São Gonçalo quer é missa, (2x)
E quer festa na Igreja (2x)
Quer uma dança bem tirada (2x)
Onde todo mundo veja. (2x)
(Trecho da cantiga de São Gonçalo)

Em outra estrofe, o grupo canta, dança e encanta, chamando atenção para o próprio grupo, que é preciso ter cuidado para não cometer nenhum erro. Pois as dançadeiras e dançadores, em particular as garupas, dançam, cantam e encantam atentas, como é afirmado na cantiga:

Quem vem dançar São Gonçalo (2x)
Tem que ter o pé ligeiro (2x)
Depois não saiam dizendo (2x)
Tem barroca no terreiro. (2x)
(Trecho da cantiga de São Gonçalo)

Segundo relatos de minha mãe, Socorro Bá, que por sua vez ouviu de sua mãe, Mãe

Luzia:

“Certa vez o grupo foi solicitado para tirar uma dança no município vizinho para o pagamento de promessa. Em dado momento houve um erro em umas das jornadas da dança e esse erro foi ignorado pelo grupo. A dança continuou até finalizar e o grupo retornou ao Quilombo. Tempos depois, a promesseira procurou novamente o grupo para pedir-lhes que uma nova dança fosse tirada, pois a anterior não havia sido aceita pelo santo. A promesseira, contava minha avó, dizia que a solicitação de uma nova dança ocorreu através de sonhos, onde o próprio São Gonçalo, insatisfeito devido ao erro, pediu que uma nova dança fosse tirada e assim foi feito”.

Esse relato diz muito sobre a relação de responsabilidade e compromisso coletivo com a fé e com a vida da comunidade quilombola do Sítio Veiga e das comunidades vizinhas devotas de São Gonçalo. Diz também sobre a relação de poder partilhada e da importância entre

o papel que cada uma/um exerce dentro da dança. As garupas, por exemplo, podem aparentar menor relevância dentro dos lugares da dança, por estarem no final de cada cordão, mas não são. Esta posição não é fixa, pois todo o grupo, durante todas as jornadas, experimenta os diversos lugares ocupados, seja no trancelim, momento em que as dançadeiras e os dançadores se inter cruzam várias vezes durante a dança. Na dança de São Gonçalo do Quilombo Sítio Veiga, existem dois tipos de trancelim: um é formado por seis integrantes, e o outro com quatro integrantes, seja na hora da reverência ao santo e no cumprimento de umas/uns com as outras/outros. Segue abaixo a imagem do momento do trancelim de seis, na figura abaixo.



Figura 40: Trancelim de seis na Dança de São Gonçalo do Quilombo Sítio Veiga. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.

Fonte: Larissa Rodrigues de Sousa, através do Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJR e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

As garupas não são menores que o mestre, o mestre não é maior que as guias, nem as contraguias menores que as guias, ou seja, não existe representação hierárquica na fila que se forma para a execução da Dança. Mas todas/os ocupam seu lugar dentro e fora da dança sem distinções hierárquicas que comprometam as representações de gênero do Quilombo.

É importante salientar também o papel das mulheres foliãs, porque elas são a maioria numérica entre os foliões. Elas são grandes responsáveis por convidar suas famílias, amigos e vizinhos para movimentar e mobilizar o festejo de São Gonçalo do Quilombo Sítio Veiga, como mostra a foto.



Figura 41: Encontro de foliões e dançadeiras. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Fonte: da autora, 2013.

Estas mulheres trazem consigo a incumbência de alimentar as gerações de futuras foliãs e foliões e futuros dançadeiras e dançadores e de fomentar o festejo como um espaço educativo, pois todos esses conhecimentos supracitados acerca da dança, do território e do jeito de ser e viver das famílias quilombolas são aprimorados e fortalecidos na celebração da Dança em louvação a São Gonçalo. As figuras abaixo demonstram a presença e a participação das crianças na festa de São Gonçalo, que são instigadas desde cedo a ter apreço aos costumes e tradições, e à possibilidade de serem os próximos integrantes da dança, assim como eu, que outrora, já estive ocupando esses espaços de observação e participação quando era criança, e hoje integro o grupo de dançadeiras e dançadores.



Figura 42: O Quilombo como um espaço ancestral de ensino-aprendizagem através da Dança de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE.
 Fonte: João Marcos Nunes Caetano, Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.



Figura 43: As crianças apreciando e aprendendo a história do Quilombo Sítio Veiga e suas tradições na festa de São Gonçalo. Quilombo Sítio Veiga, Quixadá - CE. Mayara Albuquerque da Cruz,
 Fonte: Projeto Mulheres Negras em Movimento, IJRB e o Quilombo Sítio Veiga, 2020.

A dança de São Gonçalo, na semana da Consciência Negra, possibilita que o festejo seja um espaço de memórias através das trajetórias contadas por nós, e para nós, através dos elementos visuais encontrados nos banners que adornam a barraca. Na figura, por exemplo, as crianças se veem representadas nas fotografias, pois estas mostram seus avós, seus pais, seus tios, e demais moradores de sua comunidade. É desta maneira que a Dança de São Gonçalo constitui o território e a identidade dos Quilombolas do Sítio Veiga, e é por eles constituída. São as diversas mãos de mulheres e homens quilombolas, do presente e do passado, que fazem da Dança de São Gonçalo, um encontro com a nossa ancestralidade. E assim, a dança termina ao som da voz de mulheres e homens que entoam agradecimentos e pedidos de que fiquem bem até a próximo festejo para que possam participar novamente, como encontrado no trecho da cantiga:

Adeus Adeus São Gonçalo (2x)
Até pro ano que vem (2x)
Se a morte não nos matar (2x)
Se Deus quiser eu também. (2x)

(Trecho da cantiga de São Gonçalo, cantada na última jornada)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender a história e as contribuições das mulheres do Sítio Veiga para o processo de fortalecimento identitário a partir de suas matriarcas, Mãe Véia, Mãe Luzia, Socorro Eugenio, e a própria pesquisadora que vos escreve, Ana Eugenia, entrelaçando nossas trajetórias sociais, políticas, econômicas, culturais e sobretudo educacionais, dentro e fora do Quilombo. Além da compressão explanada ao longo do trabalho, é importante ressaltar os conhecimentos repassados através dessas mulheres, entre mães e filhas e filhos, para manutenção da vida no território quilombola.

Como apresentado, as mulheres negras quilombolas do Sítio Veiga possuem conhecimentos diversos sobre a terra e o território, como a cubação para o preparo do terreno para plantio, o cultivo de plantas medicinais, os quintais produtivos, a criação de animais de pequeno e médio porte; de organização sócio-política, de liderança comunitária; também são mestras, tanto no âmbito cultural (Mãe Veia), como no âmbito da saúde (Mãe Luzia), mas também no âmbito educacional (Socorro Eugênio), e também dançando, cantando e encantando. Ou seja, essas mulheres estão a todo tempo produzindo e partilhando conhecimento dentro e fora do quilombo.

Dentre os diversos achados da pesquisa, um dos principais foi a importância que as mulheres têm para manutenção da vida no território, pois somos nós que participamos dos processos organizativos; somos nós que estamos dentro de casa, trabalhando e cuidando dos filhos, levando para a escola; somos nós que também estamos nos roçados, nos quintais produtivos. Assim, essa pesquisa destaca o quanto nós mulheres quilombolas somos importantes para a manutenção da vida no território, pois somos as que estão à frente dessas organizações e feitos, como a semana da Consciência Negra organizada pela Associação Remanescente dos Quilombolas do Sítio Veiga, e na própria realização da Dança de São Gonçalo. Somos nós que planejamos, mobilizamos e executamos, dançando, cantando e encantando.

Esse trabalho denota nossa importância enquanto mulheres para a sustentação da vida no Quilombo e, ao mesmo tempo, demonstra a interdependência da vida das famílias quilombolas dentro do Quilombo com o território e a terra, relação esta aludida na própria dança. Por exemplo, para a moradia das famílias e dos animais são utilizados matéria prima como os troncos de árvores e palhas de coqueiro catolé; as sementes crioulas produzidas dentro desse território são usadas para alimentação humana e animal, que por sua vez também são

utilizadas para contar as doze jornadas da Dança de São Gonçalo. Parte do alimento do nosso dia a dia, produzido por nós, vem dos quintais produtivos e roçados do Quilombo e servem a nossa nutrição de corpo e espírito, porque alimentam o físico dos quilombolas, mas também o espiritual por meio do alimento para a festividade de São Gonçalo.

Cabe destacar que um terço do que é produzido fica como renda nas mãos do posseiro. Até mesmo as forragens que deveriam ser destinadas aos nossos animais, ficam para alimentar os seus animais, impossibilitando as famílias quilombolas de terem uma vida digna. A base da nossa luta é a posse definitiva do território quilombola, é uma das pautas do Quilombo, encontradas nesta pesquisa; uma das lutas principais, que é imprescindível para a nossa manutenção, seja ela social, cultural, política e econômica no nosso território. Pois com o território em nossas mãos, poderemos plantar para nossa subsistência, cuidar de nossos animais, produzir e partilhar conhecimentos e, sobretudo, dançar, cantar e encantar São Gonçalo.

Assim como ressalta Milton Santos (2012), sobre o território, a nossa identidade é totalmente dependente da terra, pois nela está presente a nossa ancestralidade, nossas plantas, os nossos conhecimentos, os nossos animais, o nosso lar, e a dança de São Gonçalo. Sendo impossível dissociar esses elementos que formam nossa identidade quilombola do território em que vivemos, que lutamos e resistimos.

Esse vínculo da terra com o povo é importante para o quilombo, para a sociedade e para a academia, pois a partir deles se pode pensar políticas públicas voltadas para a população quilombola, levando em consideração as suas especificidades e suas geografias. Aborda, ainda, a questão étnico-racial, de gênero e de classe e a importância a que se deve o olhar voltado para essas questões tão presentes em território brasileiro, debate este que traz à tona a história dos Quilombos, e suas possíveis definições. Como afirma Alex Ratts (2006), nos possibilita sair da invisibilidade ao qual nosso povo foi imerso. Uma outra questão essencial é a importância que a dança tem para as pessoas do Quilombo, mas também do entorno. Portanto, esse estudo tenciona políticas públicas no âmbito da cultura, da vida e do território para comunidades do campo, das águas, das florestas e das periferias.

Além do que foi dito, cabe salientar que o registro escrito sobre a história das matriarcas do Quilombo Sítio Veiga e a ancestralidade que estas carregam em seus corpos e que perpassam as gerações femininas por meio da oralidade, faz deste trabalho uma compilação

entre oralidade e escrita, em que ambas se complementam, visto que essas modalidades podem caminhar juntas nos diversos espaços da sociedade, seja no Quilombo, no campo, na cidade, e na academia. Nesse sentido, a história dessas Matriarcas Quilombolas e suas feitura é escrita pela primeira vez aqui, pela própria pesquisadora que também é uma mulher quilombola. Dado que os estudos sobre o nosso povo e território, realizados anteriormente, não levavam em consideração a questão de gênero. Nestes trabalhos a mulher sempre estava apagada por narrativas masculinas. Assim, este trabalho tem a primazia de tratar do tema de gênero.

Muito bem descrito no poema de Lubi Prates:

*é nas minhas costas
que eu guardo a história
do antes silenciado
do depois traçado no agora.*

[...]

*é nas minhas costas
que eu guardo a história
do depois: este ousar erguer-se,
um edifício que se constrói
a partir de escombros.*

(PRATES, 2017, p. 35-36)

Neste poema, a autora reflete sobre o silenciamento que as mulheres carregaram e ainda carregam sobre seus corpos. A pesquisa vai na contramão desse silenciamento e ousa contar e recontar a vasta contribuição que estas mulheres, em particular as mulheres matriarcas quilombolas do Sítio Veiga, têm na luta e resistência para saírem do apagamento.

Infelizmente, a pandemia trouxe impactos e limitações, pois tivemos que trazer a Universidade para dentro de nossas casas, e muitas vezes realizar as pesquisas sem as condições materiais necessárias para tal. Outra questão se deu pelas perdas de amigos e familiares, pois muitas vidas foram e continuam sendo ceifadas em nosso território. A perda de direitos neste período de pandemia foi intensa, causando muitos desgastes psicossociais, um deles foi a luta para que o Estado reconhecesse o nosso grau de vulnerabilidade, ferida causada pelo processo sócio-histórico.

Destaco que este trabalho não representa uma conclusão pronta, acabada, mas uma abertura de caminhos para que outras pesquisadoras, pesquisadores, quilombolas ou não, possam trabalhar as dinâmicas do quilombo a partir das perspectivas de corpos historicamente

invisibilizados. Assim, essa pesquisa possibilita uma infinidade de outros achados e abre novos espaços e caminhos para que se saiba mais sobre outras expressões culturais da Dança de São Gonçalo presentes em outros territórios quilombolas. Como por exemplo: na Serra do Evaristo, Município de Baturité, Ceará; em Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte (lugar de onde nossos ancestrais vieram). Neste momento, projeto a continuidade desse estudo pensando para o meu doutorado discorrer sobre a relação sócio-histórica e as semelhanças culturais da Dança de São Gonçalo do Quilombo Sítio Veiga e de Pau dos Ferros.

Diante do exposto, é necessário saber que para nós, mulheres negras quilombolas, ao escrever sobre nós, nossos corpos, nossas histórias e memórias, e nossas vivências, é um ato de rebeldia, uma desobediência necessária para que nossas produções sejam respeitadas e reconhecidas. Sobretudo, na conjuntura atual, em que a negação de direitos está cada vez maior. Portanto, a minha escrita, enquanto mulher quilombola, é de extrema importância porque o nosso conhecimento se dá através da oralidade, e, infelizmente, muitas bibliotecas vivas do nosso povo, os nossos “troncos velhos”, tiveram suas vidas ceifadas. Então, estarmos produzindo conhecimento é fundamental para valorizar nossos saberes e sabores, mas também denunciar as injustiças cometidas contra a população quilombola, porque somos nós que estamos escrevendo. Somos nós, falando de nós, sobre nós, para nós, sobre nossa história, sobre nossas perspectivas, pensando e pautando políticas públicas para as mulheres quilombolas e para o Quilombo como um todo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **Chimamanda Adichie: O perigo de uma história única.** (TED) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>> Acesso em: 12/07/2021.

ALTUNA, Raul. **Cultura Tradicional Banto.** Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral da República de Angola, 1985.

ALVES, Maria Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: conexões entre corpos e árvores afroancestrais.** In: ALVES, Maria Kellynia Farias; MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT Sandra Haydée (Org.). Memórias de Baobá II. Fortaleza: Imprece, 2015. p. 125-145.

APOLINÁRIO, J.R. **A escravidão negra no Tocantins colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800).** Goiânia: Editora Kelps, 2000.

ARRUTI, J.M. **Políticas Públicas para quilombos: terra, saúde e educação.** In: PAULA, M.; HERINGER, R. (Orgs.). Caminhos convergentes: Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll Stiftung, Actionaid, 2009.

AZEVEDO, Maria Consuelo. **Lunfardo, Vesre e outras modalidades do linguajar argentino.** Fortaleza: Revista de Letras, 1984.

BEHR, Miguel Von. **Quixadá: Terra dos monólitos.** São José dos Campos: Somos editora, 2007.

BHABHA, Homi K.. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL DE FATO. **Bolsonaro reduz verba para reforma agrária e aumenta indenizações a ruralistas.** In: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/09/08/bolsonaro-reduz-verba-para-reforma-agraria-e-aumenta-indenizacoes-a-ruralistas/>>. 08/09/2020. Acesso em: 08/06/2021.

BRASIL. Jaycelene. O que Dandara dos Palmares, Sojourner Thuth e Nilma Bentes têm em comum? ECOA UOL: 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opiniaio/2020/03/15/o-que-dandara-dos-palmares-sojourner-thuth-e-nilma-bentes-tem-em-comum.htm>> Acesso em: 11/07/2021.

_____. **DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm#:~:text=DECRETO%20N%204.887%2C%20DE%20,Ata%20das%20Disposi%20Constitucionais%20Transit%20> Acesso em: 22/06/2021

_____. **LEI Nº 7.668, DE 22 DE AGOSTO DE 1988.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17668.htm> Acesso em: 24/05/2021

_____. **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em: 15/05/2021.

_____. **LEI Nº 12.288, de 20 de julho de 2010.** Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112288.htm> Acesso em: 15/05/2021.

_____. **Lei Nº 12.289, de 20 de julho de 2010.** Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Disponível em: <[planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112289.htm)>. Acesso em: 15/05/2021

_____. **Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: <[planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112289.htm)> Acesso em: 15/05/2021.

_____. **LEI N.º 16.197, DE 17.01.17 (D.O. 18.01.17)**. Dispõe sobre a Instituição do Sistema de Cotas nas Instituições de Ensino Superior do Estado do Ceará. Fortaleza, 17 de janeiro de 2017.

_____. **LEI Nº 12.990, DE 9 DE JUNHO DE 2014**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/112990.htm> Acesso em: 15/05/2021.

_____. **Portaria nº 992, de 13 de maio de 2009**. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html> Acesso em: 15/05/2021.

_____. **Portaria Normativa INCRA nº 33, Publicado no D.O.U. de 26 de janeiro de 2017**. Brasília: DOU Diário Oficial da União. Publicado no D.O.U. de 27 de janeiro de 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Negros de pele clara por Sueli Carneiro**. Geledés, 29/05/2004. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/>> Acesso em: 13 jul. 2021.

CAMPELLO, T.; BRANDÃO, S. **Políticas sociais sob Bolsonaro: rumo à década de 1990**. Fundação Perseu Abramo, 2021. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/observabr/2021/01/13/politicas-sociais-sob-bolsonaro-rumo-a-decada-de-1990/>>. Acesso em: 25/05/2021.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O Grupo Palmares (1971-1978): um Movimento Negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**. Dissertação (mestrado). Porto Alegre: PUCRS, 2006.

CANDEEIRO, O. **CASA DE SEMENTES PAI XIGANO: AUTONOMIA E LIDERANÇA NEGRA NO SEMIÁRIDO**. Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas. Quixadá, Ano 8 . nº2098, Janeiro/2016.

CANESQUI, Ana Maria. **ANTROPOLOGIA E ALIMENTAÇÃO**. Rev. Saúde Pública: S. Paulo, 22(3): 207 - 16, 1988.

CARTA CAPITAL. **Disputa por terra coloca quilombolas e indígenas na mira**. In: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/disputa-por-terra-coloca-quilombolas-e-indigenas-na-mira/>>. 18/04/2017. Acesso em: 08 jul. 2021.

CHAUÍ, Marilena; NOGUEIRA, Marco Aurélio. **O pensamento político e a redemocratização do Brasil**. São Paulo: Lua Nova, 71: 173-228, 2007.

CHAVARRIA, Giovana. Como Sérgio Camargo afetou a Fundação Cultural Palmares. 2021. Disponível em: <https://www.br104.com.br/cultura/como-sergio-camargo-afetou-a-fundacao-palmares/> Acesso em: 16/07/2021.

CLIFFORD, Geertz. **A Interpretação das Culturas** (1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

CLUBE GIDEÃO. Postado: 07/03/2016. Disponível em: <clubegideo.blogspot.com> Acesso em: 27/07/2021.

CONGRESSO NACIONAL DO MPA I. **Músicas e Poesias da Nossa Gente**. 1º Ed. 2015: São Bernardo do Campo, SP.

COUTINHO, Eduardo. **Cabra Marcado para Morrer**. Vitória de Santo Antão: MAPA, 1984. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4-HBPSqgonU>> Acesso em: 22/06/2021.

CUNHA, Fernanda Ielpo da. **Os Saberes Ancestrais e o Cultivo de Sementes Crioulas: Estudos no Quilombo Sítio Veiga, Quixadá-Ceará**. (Dissertação Mestrado) Redenção, Ceará, 2020.

CUNHA, Fernando Ielpo da; DOMINGOS, Luís Tomás; SILVA, Ana Maria Eugenio da; VASCONCELOS, José Gerardo. **Organização Coletiva e Sementes Crioulas: uma forma de luta e resistência pela identidade sociocultural quilombola na comunidade Sítio Veiga em Quixadá - CE**. RBEC: Tocantinópolis/Brasil. v. 5, 2020.

CUNHA, Fernando Ielpo da; SILVA, Ana Maria Eugenio da; VASCONCELOS, José Gerardo. **Ana Maria Eugenio da Silva: uma quilombola que venceu o câncer escrevendo e dançando com São Gonçalo**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica: Salvador, v. 05, n. 13, p. 277-293, jan./abr. 2020.

CUNHA, Fernando Ielpo da; SILVA, Ana Maria Eugenio da; VASCONCELOS, José Gerardo. **Casa de sementes Pai Xigano: um olhar para os saberes ancestrais do cultivo de sementes crioulas no quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE**. Revista Cocar V.13. N. 27, p. 903-923, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). **Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro : Jandaíra, 2020.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Força ancestral: dos 87 quilombos cearenses, 35 são liderados por mulheres**. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/forca-ancestral-dos-87-quilombos-cearenses-35-sao-liderados-por-mulheres-1.2176582>> Acesso em: 15/05/2021.

EUGENIO, Tainara. **Povoando o Mundo com Poesias do Quilombo: Linhagem Matrilinear**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nOV27Y5LQcA>> Acesso em: 24/07/2021.

EUGENIO, Tainara. **Árvore Genealógica**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tainara.eugenio.7/posts/3797471900379846>> Acesso em: 24/07/2021.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Racismo e Cultura**. Núcleo de Pesquisas e Estudos em Teoria Social - NEPETES - Revista Convergência Crítica, Dossiê: questão ambiental na atualidade, nº 13, 2018.

FERREIRA, Antonio Jeovane da Silva; NASCIMENTO, Francisca Marleide do; SILVA, Tatiana Ramalho da. **Quilombo/las no Ensino Superior: faces do racismo e da discriminação étnico-racial no cotidiano universitário na Unilab**. Educación Superior y Pueblos Indígenas y afrodescendientes en América Latina: las múltiples formas del racismo. Sáenz Peña: Universidad Nacional de Tres, 2020.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FERREIRA, Carmélio Reynaldo (Orgs.). **Compartilhando memórias. Repressão e Resistência na Paraíba**. Vol. 9. João Pessoa: EDITORA UFPB, 2012, 12V.

FIGUEIREDO, Ângela. **Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, no 29, e0102, jan./abr. 2020. In: <<http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102>> Acesso em: 09/07/2021.

FRAZÃO, Dilva. **Dom Hélder Câmara religioso e bispo católico**. In: <https://www.ebiografia.com/dom_helder_camara/> Acesso em: 08/06/2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48º ed. rev. — São Paulo : Global, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A interdisciplinaridade como Necessidade e como Problema nas Ciências Sociais**. UNIOESTE: Foz do Iguaçu, v. 10 - nº 1 - p. 41-62, 1º sem. 2008.

FUNES, Eurípedes A. **“nasci nas matas nunca tive senhor”**: História e memória dos mocambos no Baixo Amazonas. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 1995.

GARCIA, Mali. **Lélia Gonzalez: As Divas Negras do Cinema Brasileiro**. 1989. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/lelia-gonzalez-as-divas-negras-do-cinema-brasileiro/>> Publ. em: 17/11/2010. Acesso em: 17/06/2021.

GELEDÉS. **Direito à Ancestralidade**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/direito-a-ancestralidade/?gclid=CjwKCAjwp_GJBhBmEiwALWBQkzXKf6cxW0eVQYqhbPEwpBkh8GcZzeTBcGRlVu05u2s-Ka0W3FqjYhoCs6wQAvD_BwE> Acesso em: 15/04/2021.

GELEDÉS. **Marielle Franco**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/marielle-franco/>> Acesso em: 03/07/2021.

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Arilson dos Santos. **Quilombola e educação: vivências de ações afirmativas em três regiões brasileiras**. MÉTIS: história & cultura - v.17, n.33, p.103-133, Jan./jun.2018.

GOMES, Flávio dos Santos. **De olho em Zumbi dos Palmares: histórias símbolos e memória social**. 1ª Edição - São Paulo: Claro Enigma. 2011.

GOMES, Nilma Lino. “Educação e diversidade étnico cultural”. In: **Diversidade na educação: reflexões e experiências**. Brasília. Ministério da Educação, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**/ Nilma Lino Gomes. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação: episódio de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

HAESBAERT, R. **Hibridismo Cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade**. In: BARTHE DELOIZY, F.,and SERPA, A.,orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L’Harmattan, 2012, pp.27-46. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 24/07/2021.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). História geral da África, I: metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010. p. 31-52.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO LING. **NINA SIMONE: VOZ PARA A MÚSICA E PARA A LUTA POR DIREITOS**. Disponível em: <<https://institutoling.org.br/index.php/explore/nina-simone-voz-para-a-musica-e-para-a-luta-por-direitos>> Acesso em: 30/07/2021.

JESUS, Alex Dias de. **DAS LIGAS AO MST: LUTA PELA TERRA E A TERRITORIALIDADE CAMPONESA**. Revista Geográfica de América Central. Bahia: UFBA, 2011

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. 1.ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JUSBRASIL. **LEI N.º 16.197, DE 17.01.17 (D.O. 18.01.17)**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/134509037/doi-ce-18-01-2017-pg-1>> Acesso em: 15/05/2021.

LEAL, Hermes. **Quilombo: Uma aventura no vão das almas**. São Paulo: Mercuryo, 1995.

LEI ORDINÁRIA. **LEI Nº 17.432, 25 DE MARÇO DE 2021**. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/ce/lei-ordinaria-n-17432-2021-ceara-altera-a-lei-n-17432-de-25-de-marco-de-2021>> Acesso em: 15/05/2021.

LEITE, Fábio. **Valores Civilizatórios em Sociedade Negro-Africanas**. África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 18-19 (1).103- 118, 1995/1996.

LIMA, Ana Carla Araújo de e GOMES, Iana Teresa Moura. **A Dança de São Gonçalo na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, um Primeiro Olhar Para seu Registro Coreográfico**. Fortaleza: 2009.

LIMA, Francisco Paulo Fernandes. **A produção do espaço sagrado em Quixadá - Ceará: estudo das inter-relações econômicas, socioculturais e o lugar.** Dissertação (mestrado) - UNESP: Rio Claro, 2012.

LIMA, Iana Barbara Oliveira Viana; SALES, Marta Celina Linhares. **Potencial geoturístico no município de Quixadá, nordeste brasileiro: análise e sugestões para o desenvolvimento sustentável.** Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, n.25, 2018.

LIMA, Ivan Costa. **História da educação do negro(a) no Brasil: pedagogia interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo/** Ivan Costa Lima. - 1.ed. - Curitiba: Appris, 2017.

MACHADO, Charlinton José dos Santos (Org.). **Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisa.** 1º Ed. Fortaleza: EdUECE, 2018.

MAIA, Stephane de Sousa e Silva. **Implantação de infraestrutura habitacional para a comunidade quilombola Sítio Veiga em Quixadá/CE.** Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário Católica de Quixadá, Quixadá, 2017.

MARQUES, Janote. **Festa dos negros em Fortaleza: territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900).** Dissertação (Mestrado em história) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2008.

MARQUES, José da Guia. **Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo Sítio Veiga.** Relatório Técnico de Identificação e Delimitação - RTID. Fortaleza, 2012.

MARTINS, Antônio. **À Mestra com Carinho.** Imortal da Academia Quixadaense de Letras - AQL - Cadeira 28. Crônica Publicada em: 16/07/2020.

MARTINS, Antônio. **Mãe Luzia: Medianeira da Vida.** Imortal da Academia Quixadaense de Letras - AQL - Cadeira 28. Crônica Publicada em: 11/10/2014.

MASCARENHAS, Maria da Conceição S. Góes. **“Identidades étnico-raciais e práticas escolares da comunidade quilombola de Ladeiras/SE”**. Texto monográfico. Itabaiana, 2009.

MAUAD, Ana Maria. **Memórias em movimento: fotografia e engajamento, a trajetória de Claudia Ferreira 1980-2014**. História: Debates e Tendências. V. 16, no 2, 2016, p. 271-290.

MAUAD, Ana Maria; RAMOS, Itan Cruz. **FOTOGRAFIAS DE FAMÍLIAS E OS ITINERÁRIOS DA INTIMIDADE NA HISTÓRIA**. Acervo Rio de Janeiro, v. 30, no 1, p 155-178, 2017.

MÍDIA NINJA. **“Não conseguimos vislumbrar um futuro com esse governo”, afirma Nilce Pontes, liderança nacional quilombola**. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/nao-conseguimos-vislumbrar-um-futuro-com-esse-governo-afirma-nilce-pontes-lideranca-nacional-quilombola/>> 17/06/2021. Acesso em: 08/06/2021

MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Traduzido por: Angela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis. Rio de Janeiro: 18 ed. Vozes, 2001.

MOREIRA, Carla. **Sítio Veiga - A Luta de um Quilombo**. Youtube, 15 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/rJdPs2HO4nI>> Acesso em: 24/05/2021.

MORENO, Gadelha Cristine Daniele. **Os quilombolas do Veiga e o São Gonçalo: memória e identidade uma festa e devoção a São Gonçalo no Sítio Veiga**. Fortaleza: UFC/CE 2014.

MUNANGA, Kabengele. **POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA EM BENEFÍCIO DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL: UM PONTO DE VISTA EM DEFESA DE COTAS**. *Sociedade E Cultura*, 4(2), 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/sec.v4i2.515>> Acesso em: 15/06/2021.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Editora Paz e Terra S/A: Rio de Janeiro, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo** - Documentos de uma militância pan-africanista. Editora Vozes Ltda: Petrópolis - RJ, 1980.

NUNES, Susana Dolores Machado. **A milenar arte da oratura angolana e moçambicana: aspectos estruturais e receptividade dos alunos portugueses ao conto africano**. Lisboa: CEAUP, 2009.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo** - Documentos de uma militância pan-africanista. Editora Vozes Ltda. Petrópolis - RJ, 1980.

OBSERVATÓRIO FUNDIÁRIO FLUMINENSE. **Francisco Julião: na lei ou na marra**. Niterói: UFF, s.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JnufwYm_Dk0> Acesso em: 22/07/2021.

ONU MULHERES. **Sobre a ONU Mulheres**. Disponível em: <<https://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>> Acesso em: 27/07/2021

OUTRO OLHAR. **Ligas Camponesas**. TV Brasil: 2015. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/ligas-camponesas>> Acesso em: 22/07/2021.

PARAÍSO, Márcia. **Eu, semente - 70 olhares sobre os Direitos Humanos**. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/jMYwZxEyZRk>> Acesso em: 24/06/2021.

PARAÍSO, Márcia. **O Joaquim**. Youtube, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/nDOPDR2_RQE> Acesso em: 24/06/2021.

PAULA, Cleyton de. **Quilombos - A resistência do Sítio Veiga**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=B1zu6eZx3_s Acesso em: 30/07/2021.

PAULINO, Eraldo. **A EFA nos 100 anos de Dom Fragoso - Quilombo Sítio Veiga - Quixadá, CE**. Youtube, 1 de mar. de 2020. Disponível em: https://youtu.be/nkGVJL21b_s Acesso em: 24/05/2021.

PRATES, Lubi. **Um corpo negro** / Lubi Prates , 2.ed. - São Paulo: Nós, 2017.

RATTS, A. J. P. **Os Povos Invisíveis: territórios negros e indígenas no Ceará**. Cadernos CERU, [S. l.], v. 9, p. 109-127, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/74991> Acesso em: 29/05/2021.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica - sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo, 2006.

RATTS, Alex. **Traços Étnicos - espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

RTID. **Relatório Técnico de Identificação e Delimitação**. 2012. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editoriais/verso> Acesso em: 05/03/2020.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Boaventura de Sousa Santos - Epistemologias do Sul (PT, entrevista ALICE 5/9)**, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=URgY9H2NvZM> Acesso em: 27/06/2021.

SANTOS, Giordanna. **Cultura popular e tradição oral na festa de São Gonçalo Beira Rio**. In: V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinar em Cultura, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Ana Maria Eugenio da. **Enfrentamento e superação do câncer de mama: narrativa autobiográfica de uma mulher negra quilombola**. Fortaleza, UECE/CE 2018.

SILVA, Cláudia de Oliveira da; SILVA, Maria Eliene Magalhães da (Org). Resistências e Lutas: nos ensinamentos indígena, quilombola, EJA, Básico e Superior. **Educação Escolar Quilombola: uma construção coletiva no município de Caucaia-CE**. SILVA, Maria Eliene Magalhães da (Org). Coleção Borboletar e Esperançar: na Educação e Saúde, v. I. Fortaleza: Impreco, 2019.

SILVA, Cristiane Sousa da. **Do quilombo Sítio Veiga a universidade: uma experiência extensionista antirracista no Sertão central cearense**. Fortaleza, UECE/CE, 2018.

SILVA, Cristiane Sousa da; ALENCAR, Linconly Jesus Pereira. **Educação das relações étnico-raciais e construção do currículo escolar**. Mossoró: EdUFERSA, 2014

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas**. Dissertação (mestrado). Brasília: UnB, 2012.

SILVA, Jônatas Isaac Apolônio da. **A Dança de São Gonçalo no Quilombo Sítio Veiga: Os Direitos Culturais Quilombolas**. (TCC) UNICATÓLICA: Quixadá - CE, 2018

SOUSA, José Bonifácio de. **Quixadá de Fazenda a Cidade 1755-1955**. IBGE: Conselho Nacional de Estatística, 1960.

SOUZA, Roberta. **Pescadora e artesã representa a força da mulher negra na luta por direitos, em Aracati**. Diário do Nordeste, Nov. 2019. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/pescadora-e-artesa-representa-a-forca-da-mulher-negra-na-luta-por-direitos-em-aracati-1.2176512>>. Acesso em: 28/02/2020.

SLENES, Robert. **“Malungo ngoma vem!”: África coberta e redescoberta do Brasil**. São Paulo: Revista USP, v. 12, 1991-92. pp. 48-67.

TESKE, Wolfgang. **A Roda de São Gonçalo na comunidade quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias (TO)/Um estudo de caso de processo folkcomunicacional**. Palmas: 2. Ed. Editora Kelps, 2009.

UNILAB. **Unilab: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul**. Redenção-CE: UNILAB, 2013, p. 11. Disponível em: https://issuu.com/glaymerson/docs/livro_unilab_5_anos> Acesso em: 24/07/2021.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainha: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2009.

XAVIER, B., PIRES, R., & GURJÃO, Y. **As Passarinhas**. Canais Globo, 9 dez. de 2019. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/passarinhas/v/8124698/>> Acesso em: 24/05/2021.